FUNDACÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

JAQUELINE GOMES DA COSTA

IDENTIDADE E CULTURA AMAZÔNICA EM OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

PORTO VELHO – RO
2016

IDENTIDADE E CULTURA AMAZÔNICA EM OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Nair Ferreira Gurgel do Amaral.
Linha de Pesquisa: Estudos de Cultura e diversidade cultural.

PORTO VELHO – RO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

C837i

Costa, Jaqueline Gomes da

Identidade e cultura amazônica em obras da Literatura infantojuvenil/Jaqueline Gomes da Costa.- Porto Velho, Rondônia, 2016.
131 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientadora: Prof. Dr.ª Nair Ferreira Gurgel do Amaral.

1.Literatura infantojuvenil. 2. Amazônia-cultura. 3. Identidade. 4. Institucional. I. Amaral, Nair Ferreira Gurgel do. II. Título.

CDU: 82-93:908(811)

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina T. Girard CRB11/897

IDENTIDADE E CULTURA AMAZÔNICA EM OBRAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL.

JAQUELINE GOMES DA COSTA

Essa dissertação foi julgada suficiente como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora, aos ____ dias do mês de _____ do ano de 2016.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Drª. Nair Ferreira Gurgel do Amaral (Orientadora)
Presidente da Banca
Universidade Federal de Rondônia

_____
Prof. Dr. Valdir Vegini
Membro Interno
Universidade Federal de Rondônia

_____
Prof. Dr. Rubens Vaz Cavalcante
Membro Externo
Universidade Federal de Rondônia

_____
Prof.ª Drª. Lusinilda Carla Pinto Martins
Membro Interno Suplente
Universidade Federal de Rondônia

À minha família e amigos com os quais eu dividi cada momento desse sonho que, agora, torna-se realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por abençoar cada oportunidade e derramar sua misericórdia em cada dia da minha existência.

À minha orientadora Nair Ferreira Gurgel do Amaral pelos ensinamentos, paciência e incentivo.

Ao meu esposo Gelber Júnior e meu filho, Pedro, que aceitaram dividir-me com os livros e com o desejo de continuar estudando. Vocês são o combustível que me move e dá forças para vencer as batalhas.

À minha grande família, em especial, aos meus pais Maria da Conceição e Armando Pereira e, minhas queridas irmãs Meiriane Gomes e Neiri Daianne Gomes, que vibraram com minhas conquistas e sonharam junto comigo. Vocês são meu porto seguro.

Aos meus amigos do mestrado que, dividiram comigo, os momentos de conquistas, angústias, dúvidas e alegrias.

Aos meus amigos do Projeto Leitura no Sítio pelo incentivo, aprendizados, pelos momentos de alegria e distração e, acima de tudo, pela sincera amizade.

À Glória Valladares Grangeiro, pela amizade, por ser um exemplo de ser humano, pelo incentivo constante e pelos muitos, muitos livros emprestados para minha formação como leitora e para nossa pesquisa.

À minha querida amiga Janes Angie pela amizade e pelas valiosas contribuições.

Aos professores do Mestrado Odete Burgeile, Valdir Vegini, Socorro Dias, Élcio Fragoso, Miguel Nenevé e Sônia Sampaio, pelas valiosas contribuições, influências e por abrirem um novo caminho para oportunidades.

À biblioteca Francisco Meirelles, em especial aos colegas Danilo e Nadir, pela ajuda na busca pelas obras.

À Prefeitura Municipal de Porto Velho pela licença concedida para estudo, peça fundamental para minha dedicação durante o percurso.

Aos meus colegas de trabalho, com os quais, também dividi um pouco dessa conquista.

À banca examinadora Prof. Dr. Valdir Vegini, Prof. Dr. Rubens Vaz Cavalcante e Prof.ª Drª. Lusinilda Carla Pinto Martins pelas valiosas contribuições.

Aos escritores que escreveram sobre a Amazônia, obrigada por vocês enriquecerem a nossa literatura infantojuvenil com a beleza da nossa terra.

À Capes pela bolsa de estudos.

> A ideia não é a de fazer deste estudo uma expressão etnocentrista de uma determinada cultura, nem de exaltar a excelência de uma cultura que, supostamente, deveria permanecer imobilizada no tempo. Mas, de discutir e contestar a ideia de uma cultura inferior e pobre – a cultura popular da Amazônia, revelar sua originalidade, apresentar sua riqueza, compreender seus traços essenciais e dominantes. (LOUREIRO, 1995, p. 41).

COSTA, Jaqueline Gomes da. Identidade e Cultura Amazônica em Obras da Literatura Infantojuvenil. 2016. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2016.

RESUMO

Apresentamos, com essa pesquisa, um estudo sobre a produção literária para crianças e jovens envolvendo o contexto amazônico. A problemática consiste em investigar se a Identidade e a Cultura Amazônica têm espaço na produção literária Infantojuvenil brasileira. Como principal objetivo buscamos contribuir para a área dos Estudos Descritivos e Aplicados de Línguas e Linguagens do programa de Mestrado em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, por meio de pesquisa bibliográfica, no contexto da Amazônia, mapeando produções literárias infantojuvenis que revelem a cultura e a identidade amazônicas. Para tanto, elencamos os seguintes objetivos específicos, a saber: a) Identificar quais aspectos da Amazônia são mais recorrentes em obras de literatura Infantojuvenil; b) Relacionar as produções sobre a Amazônia voltadas para o público infantojuvenil realizadas nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima. c) Relatar questões identitárias da Amazônia em livros infantojuvenis. A hipótese da pesquisa partiu do pressuposto de que a literatura infantojuvenil sobre a Amazônia é, ainda, rara em vista da diversidade de temas amazônicos que podem ser alvo de produções literárias infantojuvenis. Caracterizamos esse estudo como sendo do tipo qualitativo de cunho bibliográfico e, como método de análise, utilizamos a Análise de Conteúdo. A coleta de dados foi realizada com pesquisas em bibliotecas físicas, livrarias e sites, compondo um *corpus* com um número total de 321 livros com temas voltados à Amazônia. As análises foram realizadas com base em três aspectos: os temas mais frequentes nas obras listadas; a quantidade de livros produzidos em cada estado selecionado; as questões identitárias da Amazônia a partir de três categorias: As Narrativas Indígenas e outras de Tradição Oral; A Natureza e os Costumes Amazônicos; Os Paradidáticos e Informativos. Os principais referenciais que, fundamentaram essa pesquisa, foram os estudos sobre Literatura infantil de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991) e Jesualdo (1993). As contribuições de Mircea Eliade (1998) e Nelly Novaes Coelho (2003) embasaram os conceitos de mito e sua presença na literatura infantil. Para as concepções de cultura, nos baseamos em Homi Bhabha (1998) e Alfredo Bosi (1992). Para a abordagem sobre a Cultura Amazônica, utilizamos os estudos de João de Jesus Paes Loureiro (1995) e Simone Lima (2014). Para o diálogo sobre Identidade, utilizamos Stuart Hall (2011) e Zygmunt Bauman (2005). Com base na análise dos dados foi possível evidenciar que os aspectos mais recorrentes na literatura infantojuvenil sobre a Amazônia são as histórias indígenas e outras de tradição oral. Observamos, ainda, que o estado que mais produz obras é o Amazonas ficando claro, com isso, uma desproporcionalidade, no sentido de que a produção é muito irregular pois, na maioria dos estados, poucos são os autores que produzem literatura infantojuvenil. Por fim, a análise mostrou que muitos aspectos identitários estão presentes nas obras infantojuvenis: a sabedoria dos povos indígenas, os costumes amazônicos, a íntima relação dos amazônidas com a natureza, as questões de preservação do meio ambiente e as contribuições culturais dos diversos migrantes dessa região.

Palavras-Chave: Literatura Infantojuvenil. Amazônia. Cultura. Identidade.

COSTA, Jaqueline Gomes da. Identitity and Amazonic Culture in Children and Youth Literature. 2016. 131 p. Master Thesis – Language Department, Federal University of Rondonia, Porto Velho, RO, 2016.

ABSTRACT

This research presents a study about literature for children and youth, which involves amazonic context. The problem consists in a research whether Amazonic Culture and Identity has its space in Brazilian literature production for children and youth. The main objective was to contribute to the area of descriptive and applied studies of Languages of the program, by means of bibliographic studies, in the context of Amazonia, seeking to map children and youth literature that reveals amazonic culture and identity. Therefore, we have listed specific objectives: a) Identify which aspects of Amazonia are the most frequent in children and youth literature; b) Relate literature production about Amazonia for children and youth according to the states: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia and Roraima. c) Describe Amazonia identity issues in children and youth literature. This research hypothesis is based on the idea that children and youth literature about Amazonia is still rare taking into consideration the variety of Amazonic topics that could be used for children and youth literature production. This qualitative type study with bibliographic approach has the Contents Analysis as its analysis method. Data collection was performed by research in the libraries, bookstores and websites, with the corpus of total 321 books that have topics related to Amazonia. The analyses were performed observing three aspects: the most frequent topics in the listed books; a quantity of books produced in every abovementioned state; identity issues of Amazonia according to three categories: Indigenous narratives and other Oral Traditions; Nature and Amazonic Costumes; Informational books and Textbooks. The main references that were fundamental for this research were studies about children and youth literature by Marisa Lajolo and Regina Zilberman (1991) and Jesualdo (1993). Contributions by Mircea Eliade (1998) and Nelly Novaes Coelho (2003) based the notions of myth and its presence in children literature. Homi Bhabha (1998) and Alfredo Bosi (1992) Works were the basis for the notion of culture. To approach Amazonic Culture we have used the works of João de Jesus Paes Loureiro (1995) and Simone Lima (2014). For the dialog about Identity we have used Stuart Hall (2011) and Zygmunt Bauman (2005). Basing on the data analysis it became clear that the most frequent aspects about Amazonia in children and youth literature are indigenous stories and other oral traditions. We have also noticed that the state with the biggest literature production is Amazonas, with the clear disproportion, as literature production is very irregular, and in the most states, there are few writers who produce children and youth literature. Finally, the analysis have shown that many identity aspects are present in children and youth works: wisdom of indigenous people, amazonic costumes, the intimate relationship of Amazonians with the nature, issues of preservation of the environment and cultural contributions of different migrants of the region.

Key-words: Children and Youth literature. Amazonia. Culture. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro das Categorias de análise 23
Figura 2 - Mapa conceitual 24
Figura 3 – Quadro com o percurso da Literatura Infantojuvenil 26
Figura 4 – Gráfico das Categorias de Análise 45
Figura 5 – Gráfico comparativo das produções na Amazônia. 46
Figura 6 – Gráfico com a produção por Estado. 48
Figura 7 - Quadro das obras selecionadas para análise da categoria *Narrativas Indígenas e outras de Tradição Oral.* 49
Figura 8 - Quadro das obras selecionadas para análise da categoria *Natureza e os Costumes Amazônicos.* 65
Figura 9 - Quadro das obras selecionadas para análise da categoria *Os Paradidáticos ou Informativos.* 81

LISTA DE SIGLAS

ALFAM	Alfabetização de Ribeirinhos na Amazônia
GEAL	Grupo de Estudos Integrados sobre a aquisição da Linguagem
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
NEARIN	Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas
INBRAPI	Instituto Brasileiro para Propriedade Intelectual
IBBY	International Board on Books for Young People

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
SEÇÃO 1: DELINEAMENTO DA PESQUISA 19
1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS 19
1.1.1 O objeto de estudo e as questões norteadoras 19
1.1.2 Os Objetivos 19
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 20
1.2.1 Tipo de Pesquisa e Abordagem 20
1.2.2 Instrumentos utilizados para obtenção dos dados 21
1.2.3 *Corpus* da Pesquisa – amostragem, universo, delimitação 22
1.2.4 O Método de Análise 22
1.2.5 Mapa Conceitual 23
SEÇÃO 2: BASE TEÓRICA E CONCEITUAL 25
2.1 DIÁLOGOS SOBRE LITERATURA INFANTOJUVENIL 25
2.1.1 O percurso da Literatura Infantojuvenil e suas contribuições 25
2.1.2 Literatura Infantojuvenil: características e funções 28
2.1.2 O Tratamento dado aos Mitos na Literatura Infantojuvenil 31
2.2 DIÁLOGOS SOBRE CULTURA 34
2.2.1 Cultura sem Fronteira Fixa 34
2.2.2 Cultura Amazônica: uma relação diferenciada com a natureza 37
2.3 IDENTIDADES PARA USAR E EXIBIR 41
SEÇÃO 3: ANÁLISE E RESULTADOS 45
3.1 CRITÉRIOS DE ESCOLHA E CATEGORIAS DE ANÁLISE 45
3.2 NARRATIVAS INDÍGENAS E OUTRAS DE TRADIÇÃO ORAL 48
3.2.1 Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória. Daniel Munduruku 50
3.2.2 Contos da Floresta. Yaguarê Yamã 55
3.2.3 Uma história de boto Vermelho. Roger Mello 59
3.3 A NATUREZA E OS COSTUMES AMAZÔNICOS 64
3.3.1 Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres. Thiago de 65

Mello
3.3.2 Banho! Mariana Massarani 71
3.3.3 Rio acima Mar abaixo. Rogério Andrade Barbosa 76
3.4 OS PARADIDÁTICOS OU INFORMATIVOS 81
3.4.1 Essa tal de natureza. Leyla Leong 82
3.4.2 Jacy na era dos trilhos. Projeto Ensinar a Ensinar 87
3.4.3 Manaus do Rio Negro: a capital da floresta. Elson Farias 91
CONSIDERAÇÕES FINAIS 97
REFERÊNCIAS 102
APÊNDICES 105

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação tem como proposta fazer uma abordagem sobre a produção literária para crianças e jovens envolvendo o contexto amazônico. Com esse tema, propomos contribuir para a área dos Estudos Descritivos e Aplicados de Línguas e Linguagens do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu – Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Trata-se de um estudo que valoriza, também, as questões de identidade da Amazônia buscando mapear produções literárias infantojuvenis que revelem a cultura e a identidade amazônicas.

A decisão por estudar literatura infantojuvenil tem uma motivação de paixão que teve início em meados dos anos de 2004/2007, época da graduação e, ainda, com o consequente envolvimento no projeto "Leitura no Sítio"[1] quando, de fato, surgiu a oportunidade de conhecer a literatura infantojuvenil na prática. Até aquele momento, o curso de Letras ainda não havia proporcionado aos seus alunos um contato tão próximo com livros, autores e ilustradores. A partir de então e, principalmente, por influência do projeto, nasceu a vontade de estudar esse tipo de produção.

Outra experiência que contribuiu para a escolha do tema foi a participação no projeto ALFAM (Alfabetização de Ribeirinhos na Amazônia) e no Grupo GEAL (Grupo de Estudos Integrados sobre a Aquisição da Linguagem[2]), como pesquisadora PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) no período que compreendeu os anos de 2005 a 2007. O projeto em questão desenvolvia pesquisas nas áreas de Linguagem, Formação de Leitores e Multiculturalismo, além de valorizar a memória e a identidade cultural das comunidades ribeirinhas.

Com a oportunidade de fazer uma pós-graduação *stricto sensu* - Mestrado em Letras -, a escolha pelo tema voltado para a produção literária infantil, portanto, foi imediata. Após cursar algumas disciplinas, ficou mais clara a delimitação e os

---

[1] O Projeto "Leitura no Sítio" é coordenado pela bibliotecária Glória Valladares Grangeiro e visa a formação de leitores. Uma vez por mês, com a ajuda de professores e/ou ex-alunos (as) da UNIR, são realizadas atividades de leitura, escrita e empréstimo de livros, principalmente, para crianças do Bairro Triângulo em Porto Velho/RO.

[2] Atualmente, o GEAL tem a seguinte designação: Grupo de Estudos Integrados sobre Linguagem, Educação e Cultura.

principais conceitos que precisaríamos para investigar a identidade e a cultura amazônica na literatura Infantojuvenil.

Não era muito comum, infelizmente, encontrar obras envolvendo a Amazônia quando participávamos da formação de leitores do projeto “Leitura no Sítio”. Era curioso que, com tantas obras e um acervo sempre atualizado e vasto a disposição, a presença da Amazônia parecia rara, apesar da riqueza da sua identidade e cultura.

A hipótese levantada, dessa forma, nesse estudo é de que a literatura infantojuvenil sobre a Amazônia é ainda rara em vista da diversidade de temas amazônicos que podem ser alvo de produções literárias infantojuvenis.

Nesse sentido, a investigação tornou-se imprescindível pois, através de uma pesquisa bibliográfica que mostrasse a situação da Amazônia na literatura infantojuvenil, poderíamos observar, assim, quais os aspectos dessa região são os mais explorados nas obras para crianças e jovens.

Dessa forma, essa pesquisa pretendeu mostrar, em um primeiro momento, se aquela impressão diante da vasta biblioteca do projeto “Leitura no Sítio” em que, as produções literárias sobre a Amazônia pareciam tão incomuns, condiz com a realidade, além de demonstrar, ainda, diante da representação cultural Amazônica, quais identidades dessa região estão, de fato, sendo mostradas nas obras literárias para crianças e jovens no Brasil.

Justificamos, portanto, uma pesquisa nessa área considerando-se a importância que adquiriu, ao longo dos anos, a literatura infantojuvenil no Brasil ao conseguir mudar as concepções que a envolviam no início de seu aparecimento como literatura de menor prestígio. Infelizmente, vale ressaltar que, por muitos anos ela foi visualizada com esse preconceito que, por ser escrita para a criança, deveria ser vista como menor, de qualidade inferior em relação à literatura para adultos. Porém, aos poucos, foi tornando o seu espaço cada vez mais amplo e ganhando diversidade, qualidade e ainda mais adeptos, tanto por parte de seus responsáveis diretos como autores e/ou escritores quanto pelo seu público leitor. Tudo isso ocorreu, principalmente, pela força do incentivo à leitura que vem ganhando, ao longo dos anos, cada vez mais adeptos.

Assim, torna-se relevante destacar que, a Literatura Infantil Amazônica, produzida na e/ou sobre essa região desperta interesse de pesquisadores e estudiosos.

Dessa forma, vale ressaltar que alguns estudos já realizados, principalmente, na Amazônia foram importantes para a presente pesquisa por trazerem informações significativas que puderam, também, direcioná-la.

A seguir, citamos, dentre outros, alguns desses referidos estudos, a saber: *"Literatura Infantojuvenil: compondo um panorama da produção amazonense"* (SIMÕES, 2013, Dissertação), que faz um levantamento de autores e obras publicadas nos últimos trinta anos no estado do Amazonas; *"O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola"* (FARES, 2013, Artigo), que traz para discussão o lugar que as literaturas de expressão amazônica ocupam na educação formal; *"O mito na formação da identidade"* (OLIVEIRA & LIMA, 2006, Artigo), que contribui para a reflexão de como os mitos e lendas da Amazônia interferem na formação da identidade do homem amazônico; e, por último, *"A formação dos conceitos científicos nos anos iniciais do ensino fundamental: uma proposta para o ensino de ciências naturais usando a literatura infantil amazonense"* (SILVA, 2009, Dissertação), que trata sobre o uso da literatura infantil, produzida por um escritor da região amazônica, como instrumento de ensino na sala de aula.

Assim, portanto, como os estudos acima elencados, nosso trabalho também visa contribuir para reflexões pertinentes sobre a literatura amazônica e sua relação com questões identitárias. Observamos, no entanto, que a nossa pesquisa conta com um fator que a diferencia, ao destacar, por exemplo, uma amostra das produções na Amazônia em alguns estados, podendo colaborar, dessa forma, com a divulgação literária dos autores da Amazônia, bem como o fortalecimento da identidade amazônica através da literatura infantojuvenil.

Iniciamos, assim, as primeiras reflexões a partir da seguinte questão problematizadora: a identidade e a cultura amazônica têm espaço na produção literária Infantojuvenil brasileira?

A partir do questionamento acima, pudemos traçar o seguinte objetivo geral: contribuir para a área dos Estudos Descritivos e Aplicados de Línguas e Linguagens desse programa *strictu sensu*, por meio de pesquisa bibliográfica, no contexto da Amazônia, buscando mapear produções literárias infantojuvenis que revelem a

cultura e a identidade amazônicas. Para tanto, buscamos os objetivos específicos, a saber:

a) Identificar quais aspectos da Amazônia são mais recorrentes em obras de literatura Infantojuvenil;

b) Relacionar as produções sobre a Amazônia voltadas para o público infantojuvenil realizadas nos estados[3] do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima;

c) Relatar questões identitárias da Amazônia em livros infantojuvenis.

Buscamos, a seguir, os principais conceitos que contribuíssem com a pesquisa e optamos por reforçar as concepções de Literatura Infantojuvenil - suas características e funções; de Cultura; de Cultura Amazônica e, ainda, de Identidade.

Os estudiosos que dão suporte teórico a essa pesquisa são, dentre outros: Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991); Jesualdo (1993); Mircea Eliade (1998); Nelly Novaes Coelho (2003); Homi Bhabha (1998); Alfredo Bosi (1992); João de Jesus Paes Loureiro (1995); Simone Lima (2014); Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (2005).

A metodologia dessa pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa visto que se preocupa com a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Em relação aos procedimentos adotados, a pesquisa é de cunho bibliográfico.

Para a coleta dos dados foram realizadas pesquisas em sites, bibliotecas físicas e, também, nas livrarias quando fomos em busca de obras de literatura infantojuvenil com temas ligados à Amazônia.

A partir, portanto, desse banco de dados, o *corpus* se constituiu em um número total de 321 livros que foram separados em três blocos, a saber:

1. Autores que escreveram sobre a Amazônia;

2. Autores da Amazônia;

3. Obras subdivididas de acordo com as categorias de análises estabelecidas e de conformidade com o conteúdo contido nos livros, tais quais: *As*

---

[3] A Amazônia brasileira é vasta e compreende, além dos estados citados, parte do Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Maranhão. Destacamos, porém, os seis referidos estados para o estudo, primeiramente, porque nossa pesquisa é um recorte, ou seja, uma amostra da presença da literatura infantojuvenil em alguns estados. Em seguida, o critério de escolha ocorreu, ainda, pela questão de proximidade cultural entre esses estados.

Narrativas Indígenas e outras de Tradição Oral; A Natureza e os Costumes Amazônicos; Os Paradidáticos e Informativos.

Diante do exposto, consideramos relevante destacar que essa dissertação apresenta a seguinte estrutura: Introdução; Desenvolvimento - composto por três seções; Considerações Finais; Referências; Apêndices e, por último, os Anexos.

Na Introdução, como observamos, apresentamos as motivações para a escolha do tema, as experiências pessoais e acadêmicas com a literatura infantojuvenil bem como a justificativa para que ocorresse a pesquisa. Apresentamos, ainda, as questões norteadoras da pesquisa, assim como os objetivos traçados e, também, um breve desenho da base teórica seguida de suas contribuições para esse trabalho.

A seguir, no decorrer de seu desenvolvimento, na *Seção 1*, poderemos observar o delineamento da pesquisa que trata dos aspectos metodológicos que envolvem a delimitação do objeto de estudo, a saber: as obras de literatura infantojuvenil que versam sobre a Amazônia. Apresentamos nessa seção, ainda, os objetivos e também caracterizamos a pesquisa como sendo qualitativa e exploratória além de mostrarmos que, através dos procedimentos da pesquisa bibliográfica, coletamos e analisamos o *corpus* com o método denominado *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin.

Na *Seção 2*, encontra-se a base teórica da presente dissertação. Iniciamos, assim, a seção em questão refletindo sobre o percurso histórico da literatura infantojuvenil no mundo e sua trajetória brasileira, além dos principais conceitos sobre a literatura para crianças e jovens e o tratamento dos mitos nessa literatura. Além disso, mostramos aspectos importantes dos conceitos de cultura e descrevemos as características da cultura Amazônica. Também fazem parte desse aporte teórico contribuições sobre as multiplicidades que envolvem as identidades.

Na *Seção 3*, discorremos sobre as análises e seus respectivos resultados a partir das três categorias selecionadas. Em seguida, apresentamos as considerações finais seguida das referências bibliográficas, apêndices e, por último, os anexos.

SEÇÃO 1: DELINEAMENTO DA PESQUISA

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Abordaremos, na presente seção, os principais aspectos metodológicos adotados nessa pesquisa. Ao compreendermos a relevância da pesquisa para o desenvolvimento da leitura e da identidade enquanto memória da cultura amazônica, estabelecemos protocolos para que essa pesquisa obtivesse êxito e coerência na análise e resultados do estudo.

1.1.1 O objeto de estudo e as questões norteadoras

O tema proposto procurou abordar a produção literária para crianças e jovens envolvendo o contexto amazônico e, o objeto de estudo, foram as obras de literatura infantis e juvenis com temas ligados à Amazônia.

Com o amadurecimento e crescimento da Literatura Infantojuvenil, iniciamos as primeiras reflexões a partir da seguinte questão problematizadora: a identidade e a cultura amazônica têm espaço na produção literária Infantojuvenil brasileira?

1.1.2 Os Objetivos

O objetivo geral desse estudo foi contribuir para a área dos *Estudos Descritivos e Aplicados de Línguas e Linguagens* desse programa, por meio de pesquisa bibliográfica, no contexto da Amazônia, buscando mapear produções literárias infantojuvenis que revelassem a cultura e a identidade amazônicas. Os outros objetivos são específicos porém, não de menor relevância, e pontuam as seguintes metas:

a) Identificar quais aspectos da Amazônia são mais recorrentes em obras de literatura infantil;

b) Pesquisar e relacionar as produções sobre a Amazônia voltadas para o público infantil realizadas nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima;

c) Analisar questões identitárias da Amazônia em livros infantojuvenis.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste item, apresentaremos o tipo de pesquisa que se mostrou mais adequado para a concretização deste trabalho, assim como os procedimentos metodológicos que descrevem o caminho percorrido para a coleta e análise dos dados e, posteriormente, o método de análise para a exploração do material coletado.

1.2.1 Tipo de pesquisa e abordagem

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa visto que se preocupa com a compreensão e a explicação da dinâmica das relações sociais e trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Em relação aos procedimentos adotados para a realização dessa pesquisa, no que se refere às fontes utilizadas e a abordagem de seu objeto, ressaltamos que é de cunho bibliográfico. Nesse sentido, Severino (2007) observa que, “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses e etc.” (p. 122).

Dessa forma, de acordo com os objetivos traçados, podemos classificar nossa pesquisa, também, como sendo exploratória, ou seja, aquela que busca levantar informações acerca de um objeto de estudo, tornando-o mais compreensível ou, ainda, construir proposições sobre ele. Assim, consideramos importante ressaltar que, a presente pesquisa, buscou marcas identitárias nas obras literárias produzidas para crianças e jovens com o objetivo de divulgar essas produções e, consequentemente, a Amazônia.

Sendo essa, portanto, uma pesquisa qualitativa, buscamos os aspectos identitários específicos do sujeito amazônico, objetivando ampliar os estudos sobre a literatura infantojuvenil na e da Amazônia.

1.2.2 Instrumentos utilizados para obtenção dos dados

A pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos e *sites* foi o primeiro procedimento adotado para dar início a esse trabalho. Para tanto, foram realizadas leituras sobre algumas questões que norteiam a Literatura Infantojuvenil, a saber: onde nasceu esse tipo de literatura e quais suas principais características bem como sua trajetória no Brasil.

Perante o intento de investigar sobre a Amazônia, tornou-se, portanto, indispensável conhecer a história dessa região, aprofundar os estudos a respeito de sua cultura, seus mitos e lendas, assim como sua identidade que completaram as diversas leituras realizadas antes e durante a realização desse estudo.

O passo seguinte foi pesquisar em *sites*, livrarias e bibliotecas físicas livros de Literatura Infantojuvenil que apresentassem como tema qualquer aspecto relacionado com a Amazônia. Nesse sentido, consideramos relevante entrar em contato com alguns escritores da região Amazônica pessoalmente ou através de *e-mail,* na tentativa de buscarmos maiores informações sobre publicações infantojuvenis que tratavam sobre a Amazônia. A maioria dos autores respondeu ao contato, julgaram a pesquisa importante e forneceram-nos informações pertinentes sobre suas publicações, inclusive, citando e sugerindo-nos outros autores da Amazônia que também publicavam para crianças e jovens. O resultado constituiu-se em um banco de dados de onde selecionamos o *corpus* desse trabalho.

Em seguida, os livros selecionados foram separados em três blocos, tais quais:

1. Autores que escreveram sobre a Amazônia;
2. Autores da Amazônia;
3. Obras subdivididas de acordo com as categorias de análise estabelecidas e de conformidade com o conteúdo dos livros, a saber: *As Narrativas Indígenas e outras de Tradição Oral; A Natureza e os Costumes Amazônicos; Os Paradidáticos ou Informativos* (**ver os apêndices 1, 2 e 3)**.

Outro procedimento adotado foi a análise dos dados coletados na pesquisa bibliográfica. Para tanto, utilizamos a metodologia de *Análise de Conteúdo* que será explicitado no item a seguir – Método de Análise. Após essa análise, os resultados foram vistos a partir da teoria apresentada e as reflexões finais puderam ser

elaboradas visualizando a obtenção de respostas para os questionamentos inicialmente formulados.

1.2.3 *Corpus* da Pesquisa – amostragem, universo, delimitação

Para alcançarmos o objetivo principal desse trabalho que, gira em torno da presença/ausência da produção literária infantojuvenil sobre a Amazônia, fizemos uma pesquisa bibliográfica buscando os títulos que estivessem ligados à Amazônia e seus respectivos autores. Dessa forma, elencamos um número total de 321 livros, como já foi dito anteriormente, que representam o *corpus* de análise da primeira etapa da presente pesquisa.

Na segunda etapa, separamos o *corpus* por estado da Região Amazônica, considerando a produção por autor. A terceira etapa constituiu-se em delimitar o *corpus* para a análise. A partir daí, ressaltamos que foi feita uma outra divisão, levando em consideração as três categorias constituídas para as análises das obras. Elegemos, portanto, três livros de cada categoria e, assim, pudemos chegar em um total de nove livros analisados selecionados a partir de critérios vinculados à base teórica e conceitual.

A escolha das obras analisadas em cada categoria obedeceu aos seguintes critérios: quantidade de livros publicados por estado, visibilidade na mídia e na crítica literária e pertinência aos critérios de análise estabelecidos, sejam os referentes às categorias ou às características e funções da Literatura Infantojuvenil.

1.2.4 O Método de Análise

Para a seleção, tratamento e interpretação dos dados, utilizamos o conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a mensagens, intitulado *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2011). Segundo a autora, usar a análise sistemática do conteúdo é não se deixar levar pela “leitura simples do real”. É, ainda, nessa perspectiva, negar que se pode tratar e interpretar um *corpus*, no caso em questão - discursos -, apenas com uma “compreensão espontânea” (p. 34). Esse método, além de objetivar a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura, pode, em uma leitura mais atenta, aumentar a pertinência das interpretações.

Sendo assim, seguimos, portanto, as três etapas sugeridas por Bardin (2011), tais quais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e suas respectivas interpretações. Em seguida, a categorização obedeceu ao critério semântico de categorias temáticas.

Assim, iniciamos o processo de montagem das categorias de acordo com a análise de conteúdo e elegemos três categorias, apresentadas a seguir:

Figura 1: Quadro das Categorias de Análise

CATEGORIAS		CONTEÚDO
1. Livros que contemplam...	**As Narrativas Indígenas e outras de Tradição Oral**	Informações da vida e cultura indígena, relatos memorialistas, recontos de lendas, mitos e fábulas. Narrativas que têm suas origens na tradição oral: mitos, lendas, fábulas e contos.
2. Livros que contemplam...	**A Natureza e os Costumes Amazônicos**	Narrativas que possuem sua temática ligada à natureza, amazônica, com ambientação regional, ressaltando rios, animais, florestas e/ou que usam como temas os costumes amazônicos: músicas, danças, comidas, lazer, linguagem.
3. Livros	**Informativos e/ou Paradidáticos**[4]	Narrativas sobre as histórias da região amazônica como: o nascimento das cidades e comunidades, assim como, enredos que através da ficção objetivam algum tipo de lição ou informação, principalmente sobre preservação ambiental.

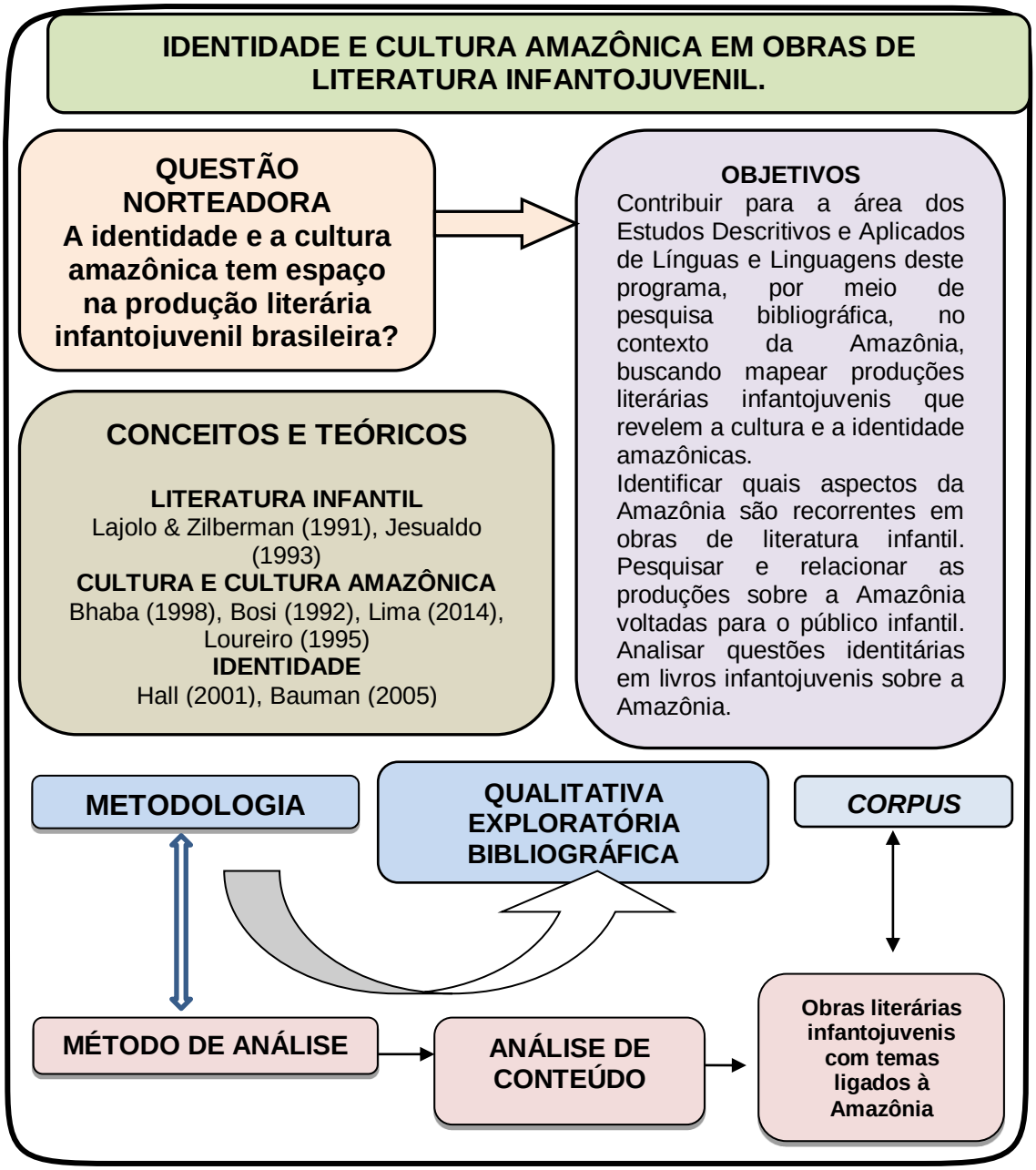
Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

1.2.5 Mapa Conceitual

Antes de iniciar a próxima seção, apresentamos um Mapa Conceitual que pretende sintetizar os caminhos percorridos nessa pesquisa.

[4] De acordo com Azevedo, o livro paradidático pode conter diversos graus de didatismo e “mesmo lançando mão da ficção e da linguagem poética, os livros paradidáticos têm sempre e sempre o intuito final de passar algum tipo de lição ou informação objetiva e esclarecedora.” (s/d, p. 3)

Figura 2: Mapa Conceitual.



Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

SEÇÃO 2: BASE TEÓRICA E CONCEITUAL

Na presente seção, apresentamos a base teórica e os principais conceitos utilizados nesse trabalho.

Para apresentar o percurso da literatura infantojuvenil, nos apoiamos nos estudos de alguns autores/pesquisadores que já refletiram sobre as questões que norteiam nossa pesquisa, tais quais: Bárbara de Carvalho (1989); Nelly Novaes Coelho (2003) - expõe os principais escritores desse período; Marisa Lajolo & Regina Zilberman (1991) e Ligia Cademartori (2010) - trabalham com algumas concepções de literatura infantojuvenil e, ainda, Jesualdo (1993) que faz uma reflexão sobre as características e funções da literatura infantojuvenil.

Ao abordarmos as questões relacionadas ao mito, utilizamos os conceitos de Mircea Eliade (1998) e Everardo Rocha (1986) que nos trouxe a definição de mito como discurso.

Os autores que subsidiam a concepção de cultura adotada nesse trabalho são: Homi Bhabha (1998) e Roque Laraia (2004). Para tratar, ainda, sobre a cultura amazônica, nos baseamos nas contribuições de Neide Gondim (1994) e João de Jesus Paes Loureiro (1995) acerca do imaginário amazônico e da cultura cabocla.

Por fim, destacamos que os conceitos sobre identidade tiveram base em Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (2005).

2.1 DIÁLOGOS SOBRE A LITERATURA INFANTOJUVENIL

2.1.1 O percurso da Literatura Infantojuvenil e suas contribuições

Historicamente a literatura para crianças, por um longo período, foi vista como um gênero de menor prestígio. Em comparação com a literatura não infantil, nos salta aos olhos a marginalidade na qual estava inserida a denominada literatura infantil como se, a menoridade de seu público, a contagiasse. A fim de que possamos visualizar o panorama da Literatura Infantojuvenil, no mundo e no Brasil, apresentamos, a seguir, um quadro baseado nos estudos feitos por Bárbara Carvalho (1989) e Marisa Lajolo & Regina Zilbermam (1991).

Figura 3: Quadro com o percurso da Literatura Infantojuvenil.

PERÍODO	PRINCIPAIS AUTORES	PRODUÇÃO LITERÁRIA/ CONTEXTO HISTÓRICO
Século XVII	Charles Perrault Jean de La Fontaine	Estrutura diferenciada; fonte no mito e no folclore - histórias cheias de sutilezas e críticas à sociedade, dando lugar a personagens de todas as classes sociais. Resgate de histórias moralistas, consulta a fontes documentais da Antiguidade: Fábulas de Esopo (Grécia), Fábulas de Fedro (Roma), parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais.
Século XVIII	Daniel Defoe	Filosófico e crítico. Gênero: Aventura. Valorização do conhecimento - a preocupação em instruir era grande com uma visão bastante didática. A fábula continuou garantindo seu espaço, amenizando os conceitos científicos, didáticos e moralistas que não despertavam o interesse das crianças.
Século XIX	Irmãos Grimm: Luís Jacob e Guilherme Carlos Grimm Hans Cristian Andersen	Formam o alicerce da Literatura Infantil Mundial. Iniciaram suas pesquisas nas narrativas antigas, lendas e sagas da tradição oral. Surge sob os ditames do romantismo, reagindo ao iluminismo de obsessão científica e ao positivismo. Dá à Literatura Infantojuvenil visibilidade internacional. À luz dos legítimos interesses da criança e do adolescente, os artistas e os educadores encontram-se na consubstanciação de um mundo literário para a criança e para o jovem.
PRIMEIRO PERÍODO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL		
1808 – Final do séc. XIX.	Figueiredo Pimentel Arnaldo de Oliveira Barreto Carlos Jansen	Com a implantação da Imprensa Régia, a produção literária infantil começa timidamente a ganhar espaço, ainda com produções esporádicas principalmente por ter um número insignificante de livrarias e editoras precárias. Tínhamos apenas traduções e adaptações de obras estrangeiras.
1886- 1917	Júlia Lopes de Almeida Adelina Lopes Vieira Olavo Bilac Alexina de Magalhães Pinto	Há um crescimento urbano muito acelerado, resultando em grupos diversificados. Entra em cena uma instituição de suma importância: a escola. Nesse contexto, surgem as produções didáticas e literárias em especial para o público infantil. Ainda há uma forte presença das traduções e adaptações. São publicadas as primeiras antologias folclóricas e poesias infantis.
1919	Tales de Andrade	Publicação do romance “Saudades”.
Segundo Período da Literatura Infantojuvenil no Brasil.		
1920	Monteiro Lobato	Inicia sua carreira com a publicação (1921) de Narizinho Arrebitado. Investe não só em outras obras de renome, como também inicia abertura de editoras, como a Monteiro Lobato e Cia, a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense.

1930	Viriato Correia Érico Veríssimo Graciliano Ramos Cecília Meireles Antônio Barata	Ênfase na produção de obras com temas informativos e paradidáticos, uma clara rejeição à fantasia dos contos de fadas ou contos maravilhosos. Alguns escritores dedicaram-se ao folclore nacional e histórias populares. No conjunto, predominou soberanamente a ficção, ficando quase ausente a poesia. Surgem, no circuito escolar ou educativo, com influência lobatiana e da revistinha de sucesso Tico-Tico, a Biblioteca Infantil de O Tico-tico e novas revistas infantis que valorizava algo que hoje em dia é primordial: a imagem.
A partir de 1940	Luís Jardim Lourenço Filho Antônio Carlos de Oliveira Mary Buarque	Há um crescimento quantitativo da produção de livros, mostrando que o mercado estava favorável. Há maior número de consumidores. O tema do nacionalismo é predominante, vemos obras exaltando o passado nacional, destacando o negro, com histórias cheias de heróis e aventuras. Outra característica é uma linguagem experimental e renovadora, dando mais lugar ao coloquial.
Terceiro Período da Literatura Infantojuvenil no Brasil.		
1945	Maria José Dupré Lúcia Machado de Almeida Renato Sêneca Fleury	Marcado pela grande produção literária, profissionalização dos escritores e das editoras. Mais da metade das publicações ainda eram adaptações e traduções e outras ainda deixavam a desejar na qualidade e no trato com a linguagem.
Década de 50	Francisco Barros Jr. Leonardo Arroyo	A “crise de leitura” se instalou no Brasil, principalmente pelo crescimento dos meios de comunicação de massa. Esse fator somado a grande quantidade de publicações, porém com temas repetidos e típicos personagens recorrentes, levou a maior marginalização dessa literatura destinada às crianças e jovens.
Década de 60	Ivan Engler de Almeida Jerônimo Monteiro Casimiro de Abreu Bartolomeu Bueno	Marcada pelo surgimento dos movimentos de educação popular. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi aprovada em 1961.Outro fenômeno da época é a ocupação de regiões não exploradas, que foi propagada para os brasileiros como verdadeiros mitos, de lugares exóticos, como o Eldorado Amazônico.
Quarto Período da Literatura Infantil no Brasil.		
Final da década de 60 e a partir da década de 70	Odette de Barros Mott Lygia Bojunga Sérgio Caparelli Ruth Rocha	Aumento o número de obras e autores, a linguagem e o ambiente das histórias estavam mais próximos do cotidiano e da realidade brasileira. Surgem as instituições e programas voltados para o fomento da leitura e a discussão da literatura infantil.
2003	Ana Maria Machado Manoel de Barros	Aprovada a Lei nº 10.753, que instituiu no país a primeira Política Nacional do Livro, instrumento legal que desde então passou a autorizar o poder

	Bartolomeu Campos de Queirós	executivo a criar projetos de incentivo à leitura e acesso ao livro no país.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016 (A partir dos estudos de CARVALHO (1989), LAJOLO & ZILBERMAN (1991).

A partir do quadro acima, observamos que a situação da Literatura Infantojuvenil brasileira foi ganhando uma visão diferenciada quanto ao tratamento do livro nas escolas públicas brasileiras. No decorrer da história da literatura infantil brasileira, vemos crescer na mesma medida que a variedade de temas seguida de muita criatividade no projeto gráfico dessas produções artísticas. Com isso, observamos que essa literatura busca, cada vez mais, romper compromissos com uma pedagogia conservadora e, assim, reencontrar seu espaço de produção artística, "isto é, de textos que explicitam e assumem sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico" (LAJOLO & ZILBERMAN, 1991, p. 161).

Um acontecimento chave de toda a trajetória da Literatura Infantojuvenil citada no quadro acima e que, consideramos importante destacar, refere-se a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394), de 20 de dezembro de 1996. É a partir dessa legislação que entram em cena os Parâmetros Curriculares Nacionais e, dentro desses, os Temas Transversais. Esses últimos trazem-nos diversos temas relevantes que devem ser trabalhados em sala de aula, dentre eles, podemos destacar, a Pluralidade Cultural, mote importante, inclusive, para o presente estudo ao tratar sobre identidade e cultura Amazônica. Observamos que, muitas publicações infantojuvenis, vislumbrando atender também a esse anseio pedagógico, investiram em um número grande de publicações tratando sobre a diversidade cultural brasileira. Dentro dessa gama cultural, encontramos livros com temas ligados à Amazônia explorando os mais diversos assuntos dessa região como veremos na seção de análise e resultados.

2.1.2 Literatura Infantojuvenil: características e funções

A literatura infantil é antes de tudo uma arte e, ainda, uma forma de expressar a criatividade. Por isso, possui singularidades em seu processo de criação, expressando os limites entre o real e o imaginário.

De acordo com Cademartori (2010, p. 16) “A literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em suas diferentes faixas etárias, é levada em conta”. Observamos com isso que, a autora em questão, considera a competência de leitura de seu possível leitor e a aptidão que a criança ou jovem já adquiriu. Por isso, complementa mais adiante que “a estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança” (CADEMARTORI, 2010, p. 16).

Podemos deduzir, portanto, que a literatura para o público mirim adquire muitas funções, sendo a mais importante o deleite, ou seja, o prazer de ler. Jesualdo (1993) afirma que, nós adultos, oferecemos a literatura infantil para às crianças com três finalidades, a saber: instruir, educar e divertir. Contudo, as leituras realmente proveitosas para os infantes são aquelas que distraem e proporcionam prazer. Segundo ainda o autor, as obras que instruem e educam são também importantes para a preparação das crianças, mas as que focam, no entanto, no prazer “são as que respondem verdadeiramente às necessidades infantis e exercem, ou podem exercer uma influência muito saudável no desenvolvimento da psique infantil” (p. 29).

Em relação às características que distinguem uma literatura infantil, Jesualdo (1993) destaca o **caráter imaginoso**, o dramatismo, a técnica do desenvolvimento e a linguagem, explicando que,

> o *caráter imaginoso* que possuam, em maior ou menor grau, traduzido em mitos, ou aparições da Antiguidade, ou nos monstros, ou realidades dos tempos modernos; exposto numa forma expressiva qualquer: lenda, conto, fábula, quadrinhos, etc.; descrito com beleza poética, ou em forma mais ou menos realista e livre de toda lisonja idiomática; dito em largas tiradas subjetivas, ou em poucas e simples expressões que completam sua expressividade com desenhos e ilustrações que mais sugerem do que dizem (1993, p. 37).

Sendo essa, portanto, a principal característica que marca o interesse da criança pelo livro, o autor completa seu raciocínio enfatizando, ainda, a importância do **dramatismo**, pois este é “importante para centralizar toda a atenção da criança e forçar uma globalização de todas as suas imagens interiores” (1993, p. 38).

Nesse sentido, percebemos que esse dramatismo, no qual se refere o autor, é uma conexão entre o que é apresentado na narrativa e as sensações que ele provoca no leitor: conduzida para dentro da história e envolvida de acordo com seus

sentimentos mais íntimos a criança sente-se parte da narrativa. O autor afirma, desse modo, que a invenção e o drama são os dois pilares de qualquer literatura feita para os interesses da criança.

Sobre a **técnica do desenvolvimento** - uma forma como a invenção é apresentada - Jesualdo (1993) observa que:

> Na técnica, nos é dado admirar o modo como o autor desenvolve o entrecho dos acontecimentos ante a avidez do leitor (...). Na técnica, apreciamos a sobriedade com que o autor distribui os pormenores imprescindíveis, reais ou ilusórios, mas que não deixam dúvida, nem criam confusões no que toca ao desenvolvimento do assunto; a maneira pela qual se vão pronunciando as cenas subsequentes; a intervenção e as características das personagens; as descrições, apenas esboçadas ou, ao contrário, muito detalhadas, de cenas nas quais intervêm as personagens e ganha corpo o fato (p. 39).

Se, ao refletir sobre a técnica, o autor é bastante rigoroso, em relação portanto, à **linguagem** consegue aprimorar com propriedade as reflexões acerca dela que, segundo observa, é a ferramenta pela qual se desenvolve o drama.

De acordo Jesualdo (1993), ela - a linguagem -, “é de importância vital para a degustação da obra e que resume, de certo modo, a habilidade do criador” (JESUALDO, 1993, p.39). Ainda para o autor, o interesse da criança pela leitura leva em consideração como ela está escrita, pois um texto bem escrito é aquele que

> toca a necessidade de um idioma preciso, simples e puro. (...) isto não significa que, para ser simples, a linguagem tenha de tornar-se trivial. Quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para a qual se sentirá mais atraída (1993, p. 39).

Diante, portanto, desses quatro caracteres que identificam uma literatura infantojuvenil de qualidade entendemos que, através dela, a criança desenvolve o seu potencial cognitivo, além, é claro, de aprender um novo vocabulário. Na medida em que a língua escrita tem em potencializar a sua imaginação, ela poderá contribuir, ainda, de forma significativa para o desenvolvimento psíquico da criança que, ao se tornarem leitoras, poderão desfrutar de todo o benefício que a literatura tende a oferecer-lhes.

Nessa linha de pensamento, Cademartori (2010) afirma que, “A literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e

seus efeitos (...) – no espaço de liberdade que só a leitura possibilita (...)" (p.17). Sobre essas benesses da literatura, Jesualdo (1993) corrobora destacando que a própria literatura infantil estimula a imaginação ou o senso estético usando o termo "educação da sensibilidade". Assegurando ser a literatura "um alimento sadio à imaginação infantil, ao mesmo tempo em que a [criança] iniciamos no conhecimento da realidade" (p.29).

Considerando como principal função da literatura infantojuvenil a fruição e, em posse das características mais relevantes apresentadas acima (caráter imaginoso, dramatismo, técnica do desenvolvimento e linguagem), nosso trabalho de análise fica facilitado, pois consideraremos estes itens na próxima seção quando exploraremos as obras em suas respectivas categorias.

2.1.3 O Tratamento dado aos Mitos na Literatura Infantojuvenil

A palavra *mytos*, de origem grega, significa dizer, falar, narrar. Nas sociedades primitivas, o mito era encarado como uma história verdadeira e, segundo Eliade (1998, p.7), "preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo". O mito é modelo para o comportamento do ser humano, seja para cerimônias sagradas ou outras atividades humanas expressivas.

Para Coelho (2003), os mitos

> (...) são narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos falam de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações em que o sobrenatural domina. Os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais: a criação do mundo e do homem, a gênese de deuses, a explicação mágica das forças da natureza etc. (COELHO, 2003, p. 86).

Daí, destacarmos a importância, em compreender o mito enquanto elemento recorrente na literatura Amazônica de modo geral, afinal, o ser humano sempre cultivou a curiosidade sobre a existência do mundo, a origem dos fenômenos naturais, o surgimento de cada ser presente e, o mito, como observamos, é um dos caminhos que conduzem a possíveis respostas dessas indagações. Ele supre, de alguma forma, a necessidade do ser humano em saber o nascimento das coisas. Nesse sentido, Coelho (2003) afirma, ainda, que o homem sempre percebeu que, acima dele, havia um Ser superior, forças misteriosas e invisíveis que eram

responsáveis por todos os fenômenos, ou seja, este pensamento mítico foi uma das primeiras manifestações do que, posteriormente, se tornaria o pensamento religioso já que o "mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir. (...) É a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a 'ser'". (ELIADE, 1998, p.11)

Para o homem das sociedades denominadas arcaicas, rememorar o mito não explicava somente o surgimento do mundo e de tudo que havia nele, mas, também, permitia atualizar, constantemente, a história mítica possibilitando-lhe fazer ressurgir o que desapareceu, ou seja, realizar novamente o que os Entes Sobrenaturais fizeram.

De acordo com Eliade (1998), verificamos que hoje no senso comum, a palavra mito é utilizada como sinônimo de história falsa, algo inventado sem valor de verdade. Porém, as pesquisas em Etnologia, a partir do século XX, mostram uma visão de mito como antes era encarado, como um meio de verbalizar o que normalmente não se fala, mistérios sagrados, que fazem parte da realidade humana. Assim, para Oliveira & Lima (2006) o mito

> (...) é a tentativa de dizer o indizível. O ser humano, desde sua origem, vive um encontro com algo que experimenta, como maior do que ele mesmo. De muitos modos ele tenta comunicá-lo falando do inefável, do sagrado, do mistério, dos deuses. Vivido e transmitido por um grupo humano ou experimentado por um indivíduo, o encontro com o sagrado é descrito como um misto de espanto, fascinação temor e respeito (p. 3).

De qualquer forma, podemos dizer que o mito é um discurso. Uma maneira de as sociedades reproduzirem suas contradições, paradoxos, dúvidas e inquietações.

Assim, portanto, que o pensamento lógico científico vai ganhando espaço, o pensamento mítico vai migrando cada vez mais para o campo da imaginação, da abstração, ou seja, ao campo da arte. As produções literárias dos gregos, por exemplo, em seus mais diversos gêneros como tragédias, artes plásticas, comédia e poesia épica, foram beber na fonte dos mitos e, em nenhuma outra sociedade antiga, percebemos tamanha influência mitológica.

No mundo contemporâneo, a linguagem e o comportamento mítico ainda se fazem presentes, principalmente, através da mídia. Muitos personagens míticos

representam os anseios da sociedade moderna. O homem projeta nos personagens sua identificação com os heróis que tem superpoderes, que solucionam grandes problemas sociais como um desejo de ultrapassar a condição humana; além da obsessão pelo sucesso, este último, um ideal muito perseguido na sociedade moderna. Portanto, o conflito existencial é um campo fértil para tratamento mítico de um tema.

Essa é uma forte característica das narrativas da literatura contemporânea como podemos observar a seguir:

> Mito e literatura, desde as origens, andaram essencialmente ligados: não existe mito sem palavra literária. Os nossos mitos indígenas ou africanos foram recolhidos por vários estudiosos e recriados por muitos escritores. Na literatura para adultos ou para crianças, encontramos a presença dos mitos, mas ainda há muito para reinventar. Estamos em pleno processo de renovação da literatura brasileira e não podemos esquecer que um dos caminhos mais fecundos para toda grande renovação é retornar às origens (COELHO, 2000, p. 170-71).

Assim, podemos deduzir que o mito leva o indivíduo a encontrar na literatura a redescoberta dos tempos inaugurais que podem trazer respostas para inquietações existenciais, tão comuns ainda no homem pós-moderno. A partir dessa perspectiva, Coelho afirma: “Os contos de fadas, as lendas, os mitos etc., também deixaram de ser vistos como ‘entretenimento infantil’ e vêm sendo redescobertos como autênticas fontes de conhecimento do homem e de seu lugar no mundo” (2003, p. 17).

O mito e a lenda, por vezes, são tomados como sinônimos, principalmente, por apresentarem características em comum como, por exemplo, falar de um tempo remoto e fabuloso, apresentarem personagens sobrenaturais, o fato de sua primeira transmissão ser oralizada e, ainda, por possuírem origem histórica. Neste sentido, porém, Câmara Cascudo, um dos maiores folcloristas brasileiros, nos esclarece que

> [...] de origem letrada, a lenda conserva as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. Os processos de transmissão, circulação e convergência são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. Muito confundida com o mito, dele se distancia pela fundação e pelo confronto. *O mito pode ser um sistema de lendas*, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem necessária fixação no tempo ou no espaço (CASCUDO, *apud*, COELHO, 2000, p.172).

Bem, se a palavra lenda, do latim *legend*, significa “aquilo que deve ser lido”, é verdade que ela também tem muita proximidade com a oralidade e que, por isso, fala de costumes, fatos históricos ou qualquer outro traço da cultura de um povo. As lendas têm importante papel na formação identitária do ser humano.

A ação de recontar as lendas permite aos envolvidos (narrador e ouvinte) exercitar sua memória, vivenciar sua cultura, mantendo uma importante relação entre o natural e o sobrenatural.

Em relação às estruturas textuais, o mito, na literatura para crianças, está relacionado com a característica “de uma narrativa atemporal que procura explicar a origem de seres e coisas, de forma não racional, lógica e histórica” (COSTA, 2007, p. 73). São narrativas primordiais, que explicam, por exemplo, o surgimento de algumas tribos ou a origem das estrelas. Quando tratam do surgimento de plantas, acidentes geográficos e alimentos “são denominados *contos etiológicos,* como, por exemplo, a narrativa sobre o aparecimento do guaraná” (p. 74). Já a lenda, continua a autora, “tem uma base histórica, um fato pertencente a um acontecimento ou pessoa de um tempo histórico determinado, que aparece transformado, de maneira idealizada e exagerada, numa narrativa posterior” (p. 74).

Muitas vezes, a lenda é de criação coletiva de um povo, uma etnia, uma comunidade e teve, na oralidade, seu desenvolvimento. Por isso, as diferentes versões. É o caso, dentre outras, da lenda do Boto, da Cobra Grande, do Curupira, etc.

2.2 DIÁLOGOS SOBRE CULTURA

2.2.1 Cultura sem Fronteira Fixa

O homem acumula conhecimentos, experiências e hábitos que são passados de geração em geração se mantendo na memória social de um grupo socialmente organizado. Por isso, concordamos com Laraia (2004) quando afirma que, “o homem é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que antecederam”, ou seja, a cultura não é um fenômeno natural, mas, sim, social, um contexto.

O contexto e a densidade inerentes às culturas nos permitem dizer que, as culturas são plurais, impuras, adotando constantemente, elementos de outros povos. E as diferenças culturais são consequências dos sistemas culturais diversos que só podem ser analisados a partir do sistema a que pertence, já que “muito do que supomos ser uma ordem inerente da natureza não passa, na verdade, de uma ordenação que é fruto de um procedimento cultural, mas que nada tem a ver com uma ordem objetiva” (LARAIA, 2004, p. 89).

Entendemos que o respeito a essas diferenças culturais expostas por Laraia são imprescindíveis e, assim, devemos evitar atitudes monoculturais que menosprezem ou classifiquem culturas. Melhor, é preciso ampliar o horizonte da informação, como afirma Amaral: “O conhecimento das culturas permite a consciência da discriminação e a capacidade de interagir com a diferença” (2012, p. 104).

Para Homi Bhabha (1998), a cultura vai muito além dos conteúdos canônicos. Cultura é “uma produção desigual e incompleta de significação e valores, muitas resultantes de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social” (p. 241). O autor propõe a valorização das práticas do cotidiano que traduz a cultura dos povos, levando em consideração a inexistência de fronteiras fixas que separem e hierarquizem representações culturais que emitam juízo de valor. Elas não devem ser medidas, classificadas em melhor ou pior, nem mesmo pertencentes a uma ou outra nação, há que se considerarem os deslocamentos e realinhamentos das pessoas, inclusive, em razão da globalização.

Por isso, justificam-se os estudos direcionarem os seus olhares para essa relação visto que, as formas culturais, são híbridas, ambíguas e impuras. Atualmente, já existe uma consciência dessa hibridez das experiências históricas e culturais que desafiam, por exemplo, o dogma do patriotismo ufanista. Longe de serem unitárias, monolíticas ou autônomas, as culturas adotam elementos estrangeiros, alteridades e diferenças.

Assim, Homi Bhabha (1998), em seu livro *O Local da Cultura,* reforça a tese de que “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (p. 73). O pensador indo-britânico defende, inclusive, a utilização do conceito “diferença cultural”, em vez de “diversidade cultural”. Para Bhabha, enquanto o conceito de diversidade cultural conduz, essencialmente, a uma

discussão filosófica, a ideia de diferença cultural remete à enunciação da cultura, isto é, a um processo através do qual se produzem afirmações a respeito da cultura, que fundam e geram diferenças e discriminações.

Precisamos entender que muitos fenômenos simbólicos, dentro da cultura popular, formam o imaginário do povo de modos diversos, como cita Bosi (1992, p. 323): “do rito indígena ao candomblé, do samba-de-roda à festa do Divino, das Assembleias Pentecostais à tenda de umbanda”, sem esquecer as manifestações do catolicismo que compreendem diversos estilos de expressão.

Essa cultura popular ainda é vista com discriminação, sendo, muitas vezes, descrita como subdesenvolvida, primitiva e atrasada. Esse tratamento preconceituoso mostra a presença de um eurocentrismo ou ocidentalismo que diminui sempre o que vem do povo, os costumes dos nativos, populares, elevando e valorizando o que pertence à elite que, de preferência, é importado de nações desenvolvidas tidas como cânones que devem ser copiados. As manifestações que são, comumente, classificadas como folclóricas sofrem por não gozar do prestígio de ser expressa pela língua escrita, pois “tudo que estiver sob o limiar da escrita e, em geral, os hábitos rústicos ou suburbanos, é visto como sobrevivência das culturas indígenas, negra, cabocla, escrava, ou mesmo, portuguesa arcaica: culturas que se produziram sempre sob o ferrete da dominação” (BOSI, 1992, p. 323).

Em toda cultura, as faixas culturais não são puras, elas se misturam e muitas vezes se fundem, se relacionando, por exemplo: a *cultura erudita* e a *cultura de massa,* por vezes, se tocam. A cultura, em sua complexidade, serve de fonte para criações e produções artísticas, em especial a literária, resgatando a vivência do povo, revelando os costumes, divulgando o cotidiano dos homens, reavivando a memória com fatos que contam a nossa história. Por conseguinte, concordamos com Loureiro (1995) quando afirma que “A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de belezas, de utopias” (p.77).

Para tanto, destacamos a importância de rememorar o passado, conhecê-lo, invocá-lo para promover a compreensão do presente, pois, como já observamos, a cultura também é formada pelo que já passou. A história de um povo é, portanto, fundamental para o entendimento do que ele vive hoje.

Para que alcancemos, assim, um futuro diferente do passado, esse deve ser conhecido, não somente através das histórias canônicas, pois o conhecimento de uma história de via única prejudica o discernimento da verdadeira história de um povo. Valorizando e reconhecendo o passado poderemos, dessa forma, construir novas concepções do hoje e remodelar o amanhã.

2.2.2 Cultura Amazônica: uma relação diferenciada com a natureza

Do ponto de vista geográfico, a Amazônia possui diversas fronteiras de diferentes territorialidades, tais quais: Brasil, Equador, Colômbia, Bolívia, dentre outros. Há, ainda, vários outros tipos de fronteiras, como nos explica Lima (2014), a seguir: “as fronteiras amazônicas são também da ordem do simbólico, do discursivo e da diversidade étnica de sua gente, suas línguas diversificadas, e suas representações culturais (...)” (p. 22).

Dessa forma, percebemos as fronteiras amazônicas como complexas, envolvendo a convivência da pluralidade cultural com um passado marcado por uma exploração colonizadora que deixou marcas profundas em seu território e em seu povo.

Neide Gondim (1994) faz uma reflexão relevante sobre o assunto quando observa que a Amazônia foi inventada através do discurso do colonizador como um lugar exótico, por vezes, inóspito, selvagem e com uma população nativa aculturada. Inicialmente, com o batismo dessa região por Amazônia, em razão do mito grego das Amazonas - mulheres exuberantes, fortes guerreiras que viviam isoladas dos homens -, que logo foram associadas às índias que aqui viviam. “Nessa perspectiva, como ideia pré-concebida, a Amazônia é ‘fabricada’ sem o concurso de suas populações nativas, taxadas monstruosamente como alteridade exótica e perigosa” (LIMA, 2014, p.46).

Na época em que os europeus chegaram à Amazônia, eles já encontraram sociedades hierarquizadas e altamente populosas, como exemplifica Souza (2009) com as primeiras populações que tiveram contato com os colonizadores,

> com mais de mil habitantes, chefiadas por tuxauas com autoridade coercitiva e poder sobre muitos súditos e aldeias; técnicas de guerra sofisticadas; estrutura religiosa hierárquica e divindades que eram simbolizadas por ídolos, e mantidas em templos, guardados por

> sacerdotes responsáveis pelo culto, uma economia com produção de excedente e trabalho baseado num sistema de protoclasses sociais (p.40).

É importante conhecer a história de exploração da Amazônia pelos europeus, assim com as lutas e a resistência dos povos nativos, para compreendermos os processos que formaram essa “cultura híbrida, forjada a partir das misturas babélicas de línguas, culturas e corpos – de que a literatura tem dado muitas vezes testemunho” (LIMA, 2014, p. 273).

O espaço físico da Amazônia sempre recebeu muitas pessoas: estrangeiros, brasileiros de outras regiões e, mesmo dentro da própria Amazônia, há um trânsito intenso de pessoas entre os estados. Essa relação entre os diferentes tipos de pessoas em contato com a cultura amazônica, seus costumes, culinária e variedades linguísticas misturaram-se e enriqueceram as identidades através da pluralidade cultural.

Em particular, a cultura amazônica é marcada pela riqueza de símbolos, de complexas relações com a natureza, tendo um povo que possui em sua constituição cultural a predominância do índio e, como consequência da colonização, a presença maciça dos caboclos que é a mestiçagem entre índios e brancos. Sobre essa cultura, Loureiro (1995), assevera: “Uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda” (p. 30).

Além do caboclo na região amazônica que marca a origem da respectiva cultura há, também, a forte presença dos nordestinos que vieram para a região, principalmente, na época da borracha. Para eles essa cultura “também é um produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos (...). Inúmeros tornaram-se culturalmente ‘caboclos’ (...) independentemente da condição racial, que aí é diferente” (LOUREIRO, 1995, p. 27).

A cultura da Amazônia é mantida, portanto, por seus habitantes apesar de marginalizada e até menosprezada pelo poder público, carente de políticas públicas e vista por alguns autores como uma subcultura ou cultura de menor prestígio. Percebemos o caboclo sendo vítima de preconceito, estigma e até sendo classificado como uma raça inferior por sua mestiçagem, seu modo de viver e lidar

com a natureza, como bem analisa Lima (2008), em seu livro *Amazônia Babel*, em que a autora mapeia, dentre outros fatos, preconceitos em textos históricos, relatos de viagem e crônicas que contam a história da Amazônia.

> No que concerne às manifestações artísticas da cultura cabocla – ritmos, danças etc. – é preciso ressaltar que elas não se confundem propriamente com o folclore, embora com ele coexistam, postos que são atuais, renovam-se permanentemente e não estão confinadas a grupos estranhos que se dedicam à preservação de tradições remotas (LOUREIRO, 1995, p.28).

Assim como essas manifestações, a identidade da cultura cabocla, conforme observa Loureiro (1995), está marcada na memória dos grupos humanos que desfrutam de durabilidade no tempo e constituem-se nos elementos fundadores da cultura e que são responsáveis pela força e peculiaridade dessa identidade. Sobre o homem amazônico Loureiro ainda afirma:

> O caboclo, como homem amazônico, o nativo da terra, além de ter criado e desenvolvido processos altamente criativos e eficazes de relação com essa natureza, construiu um processo cultural dissonante dos cânones dominantes. O caboclo humanizou e colocou a natureza à sua medida. Pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelo universo dos signos, pela intervenção da visualidade, pela atividade artística, ele definiu sua grandeza diante desse conjunto grandioso que é o mundo amazônico (1995, p. 34).

Dentro de um Brasil vasto e populoso, podemos verificar traços distintos que caracterizam as culturas brasileiras, como a nordestina, a amazônica, a sulista. A extensão do país acentuam essas diferenças, assim como atividades econômicas diferenciadas, processos históricos distintos ou contribuições étnico-culturais de povos diversos ajudam a caracterizar e singularizar cada cultura dentro do Brasil.

Nesse sentido, podemos reconhecer duas culturas distintas na Cultura amazônica: Cultura Urbana e Cultura Rural. Para Loureiro (1995),

> a cultura urbana se expressa na vida das cidades, principalmente naquelas de porte médio e nas capitais dos Estados da região. Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em maior número e há o dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais

> tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural (p.55).

Ainda para o autor, a cultura rural, particularmente, a ribeirinha cultiva traços tradicionais marcantes de experiências sociais de seus nativos que representam de forma mais original a cultura amazônica. Porém, é notório ver que essa cultura rural/ribeirinha invade o espaço urbano, por diversos motivos além de econômicos, trazendo diversas mudanças nas duas culturas: urbana e rural.

> O imaginário assumiu desde sempre o papel de dominante no sistema de produção cultural amazônico. Como consequência, a contribuição amazônica à literatura brasileira se fez e se faz, predominantemente, através de produtos desse imaginário, diferentemente do que ocorre com as outras regiões brasileiras (LOUREIRO, 1995, p.64).

Cada região brasileira tem seus aspectos marcantes que se sobressaem nas produções artístico-literários como, por exemplo, na região sul: as sagas históricas com seus guerreiros e heróis são produtos que estão presentes em suas produções; Na região nordeste, a desigualdade social, a pobreza, a seca, as migrações para outras regiões, são exploradas como temas para produções artísticas; E a região amazônica, por sua vez, com sua natureza exuberante e diferenciada, oferece temas ligados a esse imaginário local, principalmente, com os mitos e lendas amazônicas.

Na Amazônia, percebemos, portanto, uma cultura composta por elementos diferenciados, frutos da presença e convivência de índios, negros e europeus. A organização social, os modos de trabalho, a riqueza dos costumes desses grupos foram se mesclando e resultou na maneira de viver dos amazônidas que tem como ator principal a figura do caboclo e sua singular relação com a natureza.

Outras contribuições para o imaginário social amazônico estão presentes em alguns processos político-sociais que fizeram parte da história da Amazônia. Nesse sentido, podemos citar como exemplo a "Cabanagem" que foi um movimento de rebelião que envolveu o campo e a cidade, bem como caboclos, índios e negros, contra a dominação portuguesa. O objetivo do movimento era de ver a

independência real na Amazônia, pois o Brasil já havia declarado independência de Portugal. Essa independência, no entanto, só chegou ao Pará um ano depois. “A cabanagem foi culminância de todo um processo de aspiração nativo de autodeterminação, momento de união de classes subalternas, intelectuais, parte do clero e das elites nacionalistas, na luta por ideais concretos de libertação (...)” (LOUREIRO, 1995, p.69).

Conhecer a Amazônia é se misturar ao real e ao imaginário, o misterioso e o fantástico, visto a exuberância diferenciada de tal paisagem, como se estivesse diante do mundo. Tal fato propiciou a dualidade paradoxal dessa região: “paraíso tropical” e “inferno verde”.

> Situado diante de uma natureza magnífica, de proporções monumentais, o caboclo além de criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com ela, construiu um sistema cultural singular. Uma cultura viva em evolução, integrada e formadora de identidade (LOUREIRO, 1995, p.409).

Por conseguinte, é impossível falar sobre identidade amazônica e não associar à natureza, a relação do homem nativo desta região com o rio, os animais, a floresta, marcando profundamente a formação identitária do povo que habita a Amazônia.

2.3 IDENTIDADES PARA USAR E EXIBIR

Iniciamos nossas reflexões a respeito da problemática identitária a partir dos dizeres de Zigmund Bauman (2005): “As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (p.96). Com essa afirmação, o autor nos leva a refletir que, tentar manter uma identidade por uma vida toda ou por muito tempo, é muito arriscado. Pensamos na pertinência deste conceito para nossos estudos, uma vez que analisamos obras em busca das identidades amazônicas.

A grande verdade é que nem os próprios estudiosos, sequer, entraram em consenso quanto à nomenclatura do período em que vivemos pois, enquanto uns a denominam de *Pós-Modernidade*, *Modernidade Tardia*, outros preferem chamá-la de *Modernidade Líquida* ou *Era Líquido-Moderna*. Bem, se não há consenso é porque há críticas, estudos, vertentes, teorias que são pontos de vista diferentes para o

mesmo fenômeno. Um deles é a identidade que, em tempos onde as mudanças são rápidas e constantes, se diferenciam das sociedades de antes.

De acordo com Stuart Hall (2001), a fragmentação da paisagem cultural de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que antes nos davam sólidas localizações como seres sociais é causada, principalmente, por uma mudança estrutural nas sociedades modernas no final do século XX.

> Estas transformações estão também abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo (HALL, 2001, p.9).

Esse descentramento do sujeito é como uma ação de, retirar dele, a certeza sobre seu senso de pertencimento a um local, nação, além de sua estabilidade individual. O que antes era visto como fixo, imutável, passa, portanto, a ser encarado como mutável e incerto, provocando a chamada crise de identidade.

Na pós-modernidade, o sujeito não é percebido mais com uma única identidade, imutável e integrada, agora são "várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (HALL, 2001, p.12). Agora, determinadas historicamente, passam a ser uma *celebração móvel*, que se adaptam e, por vezes, transformadas pelas interpelações que sofremos nos sistemas culturais que vivemos. Para tanto, Hall (2001), afirma que as identidades são diferentes posições do sujeito diante das diversas divisões e antagonismos sociais.

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2001, p. 13).

As identidades são montadas, reformuladas, quantas vezes forem necessárias pelo próprio indivíduo que usa seus recursos e ferramentas próprias. Ele é levado a ser/ter várias identidades de acordo com os grupos e/ou momentos que está inserido se adequando e sendo flexível, pois "em nossa época líquido

moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2005, p. 35).

O sujeito está em constante busca da identidade, por isso Hall (2001) afirma que, a nossa identidade cultural, não está em nosso DNA, ou seja, não é uma questão biológica, pois quando nos denominados brasileiros, bolivianos ou paraguaios, por exemplo, apesar de afirmarmos essas identidades, elas são apenas frutos de uma formação no íntimo da representação.

> Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2001, p. 38).

Bauman (2005) corrobora com a teoria de Hall (2001), quanto à busca constante do sujeito pela identidade, “as pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’ (...) mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude...” (BAUMAN, 2005, p. 16). As pessoas, normalmente, perseguem e/ou buscam uma identidade, porém é uma ocupação que será feita várias e várias vezes, ao longo da vida.

> (...) O ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p.17).

As transformações sofridas pelas sociedades da modernidade tardia estão, portanto, intimamente ligadas ao processo de globalização, tendo em vista que

> [...] a globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da ‘sociedade’ como um

> sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço (GIDDENS, 1990, p. 64, *apud* Hall, 2001, p.67).

Hall (2001), dessa forma, apresenta três possíveis consequências dos aspectos da globalização sobre as identidades culturais

> - As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do 'pós-moderno global'.
> - As identidades nacionais e outras identidades 'locais' ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.
> - As identidades nacionais estão em declínio, mas 'novas' identidades – híbridas – estão tomando seu lugar. (p. 69)

A cultura nacional é um aspecto da modernidade tardia, sendo conhecida, principalmente, pela lealdade e a identificação. Além de ser uma estrutura de poder cultural, ela tem o objetivo de homogeneizar, pelo menos teoricamente, já que as culturas nacionais colaboram para unir as diferenças em uma identidade fazendo com que o indivíduo se identifique com os sentidos produzidos sobre a nação.

> Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (veja Penguin Dictionary of Sociology: verbete 'discourse'). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a 'nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidade (HALL, 2001, p. 50-51).

As identidades locais têm ganhado mais importância, ficando acima da cultura nacional visto que, essa última, é influenciada por outras culturas externas e, por esse motivo, é cada vez mais complexo evitar que saiam ilesas ou enfraquecidas desse contato, pelo que Hall (2001), chama de *bombardeamento e da infiltração cultural*.

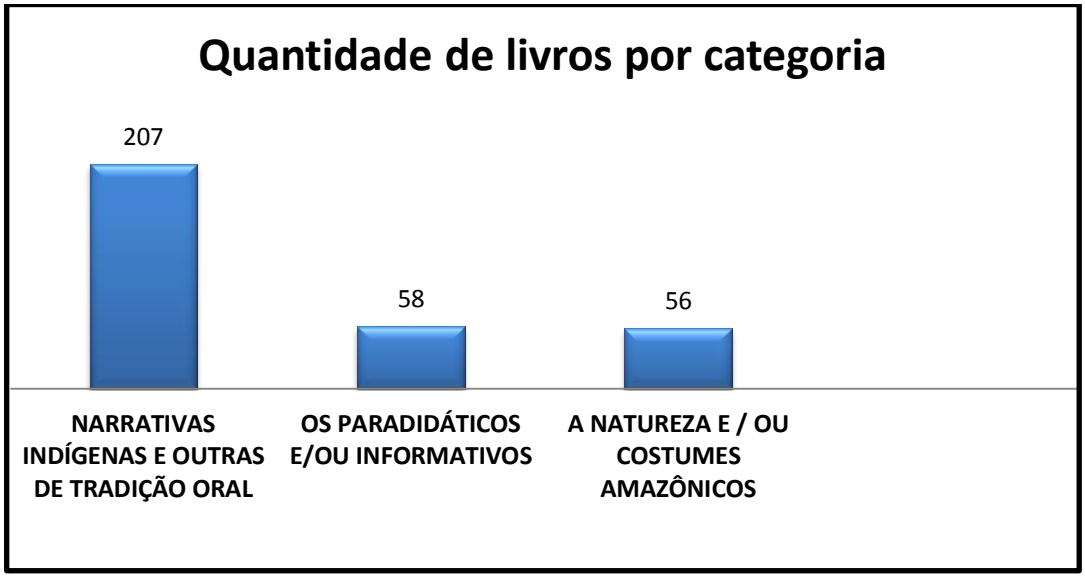
SEÇÃO 3: ANÁLISE E RESULTADOS

3.1 CRITÉRIOS DE ESCOLHA E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Dos 321 livros pré-selecionados, considerando o tema desse trabalho, destacamos que 09 foram escolhidos para a presente análise e, na sequência, subdivididos em 03 livros para cada categoria. Observamos que para a visualização de todos os livros subdivididos nas 03 categorias - Narrativas indígenas e outras de tradição oral; Os paradidáticos e /ou informativos; A natureza e os costumes amazônicos da divisão -, ver Apêndice 3.

A representação quantitativa das obras por categoria também pode ser visualizada no gráfico a seguir:

Figura 4 – Gráfico das Categorias de Análise



Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

A distribuição dos livros em três categorias de análise permite uma análise mais aprofundada, ao mesmo tempo em que, evidencia a vocação dos escritores da/na Amazônia. Vejamos que, de acordo com o gráfico acima, é bem maior a relação de livros que se constituem em narrativas indígenas e outras da tradição oral como mitos, lendas, fábulas e contos. Os livros que se dedicam à natureza, ressaltando a exuberância da mata e dos rios, disputam o mesmo espaço com os

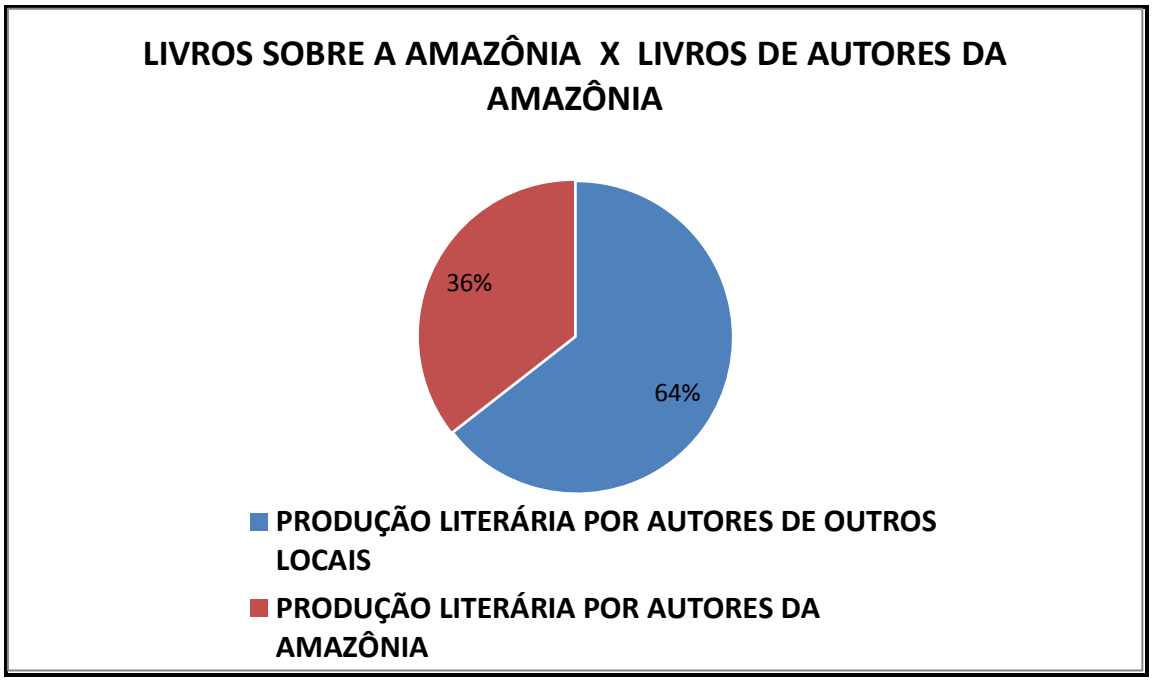
que possuem cunho mais informativo, embora muitos deles não percam a arte literária de narrar.

A seleção dos títulos obedeceu aos critérios de representatividade de modo que, em cada categoria, contemplasse autores amazônicos e não amazônicos. Para representar essa região, foram selecionados autores por estado e que houvesse publicado livros com temas de acordo com a categoria selecionada. Autores não amazônicos foram incluídos para a percepção do olhar exterior sobre essa região, demonstrando a identidade cultural vista por não moradores da Região Norte.

A relação dos autores e suas respectivas obras da/na Amazônia pode ser visualizada no Apêndice 2.

Comparando o Apêndice 1 (todos os livros - 321) com o Apêndice 2 (autores da Amazônia e suas respectivas obras - 177), verificamos que, apenas 36% do total da produção, é feita por autores da Região Norte, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Figura 5 – Gráfico comparativo das produções na Amazônia



Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

Notamos, também, que a produção é muito irregular no sentido de que, na maioria dos estados, poucos são os autores que produzem literatura infantojuvenil. Em alguns estados, particularmente, no Amazonas e Pará, esse número é

relativamente grande devido ao número de livros produzidos por um mesmo autor. Podemos citar, por exemplo, o estado do Amazonas, onde o escritor *Elson Farias* e, no estado do Pará, o indígena escritor *Daniel Munduruku* que ampliam, consideravelmente, as publicações de seus respectivos estados.

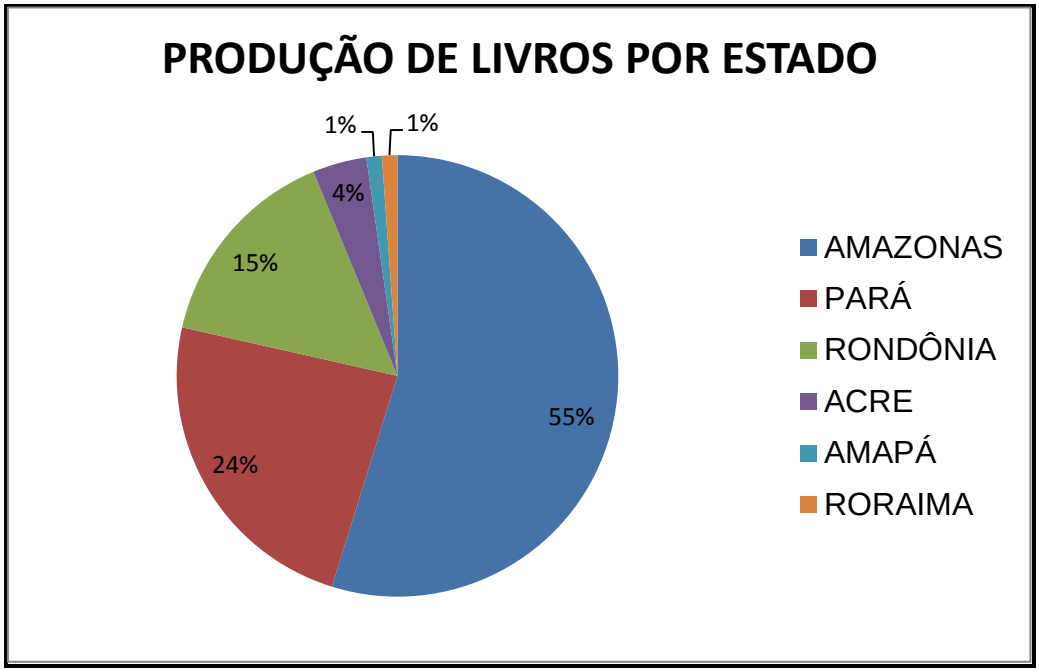
O Estado do Amazonas é o maior produtor de obras infantojuvenis da Amazônia, ganhando destaque os escritores com várias obras publicadas, tais quais: *Elson Farias* (33 livros) que escreve, principalmente, livros informativos e paradidáticos; *Yaguarê Yamã* (11 livros), escritor indígena que escreve, principalmente, sobre lendas, mitos e a vida indígena e *Vera do Val* (6 livros) que também escreve sobre lendas e cultura indígena.

No Estado do Pará, destaca-se o escritor indígena *Daniel Munduruku* que tem em torno de 33 livros publicados com temas ligados à Região Norte, escrevendo, primordialmente, sobre a vida indígena, com ênfase em seu povo Munduruku. Verificamos, ainda, o trabalho de *Luiz Peixoto Ramos* (3 livros) que, em suas obras, valoriza a natureza amazônica e *Walcyr Monteiro* (3 livros) que produz narrativas de origem oral como lendas e mitos da Amazônia.

Nos outros estados, temos um número ainda baixo de publicações. Em Rondônia, verificamos 27 publicações, com destaque para o *Projeto Ensinar a Ensinar* da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR (5 livros) que publicou temas envolvendo as três categorias. No estado do Acre, o escritor *Enilson Amorin* (4 livros) foi quem publicou mais livros sobre a Amazônia, todos contemplando as lendas dessa região. Os estados do Amapá e Roraima publicaram apenas 2 livros cada.

Vejamos o gráfico a seguir:

Figura 6 – Gráfico com a produção por Estado



Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

Dessa forma, fica clara a desproporcionalidade na produção de Literatura Infantojuvenil na/da Amazônia, no caso dos estados analisados. Rondônia, apesar de ser um estado relativamente novo, está em terceiro lugar na quantidade de livros publicados sendo que, a grande maioria, é dos últimos cinco anos.

Passemos, agora, às análises dos livros, considerando as categorias eleitas.

3.2 NARRATIVAS INDÍGENAS E OUTRAS DE TRADIÇÃO ORAL

Essa categoria de análise compreende as narrativas com tema central na vida indígena em suas mais diversas características: costumes, relatos de memória, vida e cultura, recontos de mitos e lendas desse povo. Essas narrativas demonstram a riqueza e a sabedoria dos povos nativos, através da literatura, arte, mitos, tecnologia, ritos, cultura material, enfim suas marcas culturais que podem ser conhecidas pelos não índios e, dessa forma, buscar o respeito merecido por qualquer povo.

Muitas obras selecionadas foram escritas pelos próprios indígenas que vislumbram na literatura infantojuvenil uma forma de mostrar sua identidade. A tradição oral retrata mitos, lendas, fábulas e contos, com destaque para os dois

primeiros gêneros. Muitos autores inovaram reescrevendo as histórias em forma de recontos e adaptações, principalmente, narrativas já bem conhecidas do público, dando, porém, novas versões e roupagens modernas. Essas narrativas são classificadas, de acordo com Coelho (2000), como “formas simples” e podem ser definidas como histórias que há muitos anos surgiram oralmente e, sem autor aparente, acabaram se propagando entre os povos na Antiguidade, passando a ser denominada de tradição popular. Os peregrinos, viajantes e emigrantes daquela época, eram os grandes responsáveis pela disseminação dessas historietas, compondo, hoje, as diversas tradições folclóricas no mundo.

Através da seleção das obras, percebemos que os livros sobre a vida indígena e outras de tradição oral são a maioria quando se trata das produções que possuem a Amazônia como foco. A vida indígena, seus costumes, ritos, enfim, muitos temas que envolvem os povos nativos do Brasil, assim como as lendas, mitos, contos e vários outros de origem oral que também compõem o folclore Amazônico e Nacional, mostrando a cultura popular na forma de Literatura.

Outra característica dessas narrativas são as diferentes versões do mesmo tema, como na lenda do Boto, do Curupira etc. Os autores são muito criativos quanto a isso: fazem adaptações, versões modernas, ou narrativas com vários personagens em encontros inusitados, conquistando leitores infantis e juvenis com temas já, abundantemente, trabalhados.

A seguir, apresentamos um quadro com as obras selecionadas para análise.

Figura 7: Quadro, contendo as obras selecionadas para análise da categoria *Narrativas Indígenas e outras de Tradição Oral.*

Nº	**TÍTULO**	**AUTOR**
1	Meu vô Apolinário – um mergulho no rio da (minha) memória	Daniel Munduruku
2	Contos da Floresta	Yaguarê Yamã
3	Uma história de Boto Vermelho	Roger Mello

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

Iniciamos as análises das narrativas indígenas e outras obras de tradição oral, reverenciando os autores pelo “empoderamento” das minorias que, com suas vozes querem ecoar o grito pelo respeito e reconhecimento de suas culturas.

A fim de que possamos realizar uma análise mais detalhada, elaboramos uma ficha para cada obra com a imagem da capa, itens de identificação e categorização de cada obra.

3.2.1 Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória. Daniel Munduruku[5]

Título do livro: *Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*
Autor: Daniel Munduruku
Ilustrador: Rogério Borges
Editora: Studio Nobel
Ano de publicação: 2001
ISBN: 85-85445-95-5
Categoria: Autobiografia

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.2.1.1 Caracterização da Obra[6]

[5] Daniel Munduruku é um escritor indígena paraense pertencente à etnia Munduruku. Diretor presidente do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais. Autor de 50 livros para crianças, jovens e educadores. Recebeu diversos prêmios no Brasil e Exterior entre eles o Prêmio Jabuti. Muitos de seus livros receberam o selo Altamente Recomendável outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

[6] A caracterização da obra, um procedimento realizado na análise das nove obras selecionadas, será uma apresentação resumida que envolve os principais aspectos e recursos expressivos da narrativa.

Faremos uma apresentação resumida da obra nos aspectos referentes ao gênero, ao modo de organização da obra e recursos expressivos da narrativa.

O livro *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória,* de Daniel Munduruku, escritor paraense e indígena é uma obra autobiográfica, dividida em sete pequenos capítulos e cujas memórias são narradas pelo protagonista.
O enredo gira em torno do conflito na construção da identidade de Munduruku, uma criança indígena que mora na cidade e sofre preconceitos dos colegas de escola. Diante desse sofrimento, o menino elege como principal refúgio a aldeia de seu povo. O avô Apolinário, personagem importante da história, tem participação efetiva e determinante nesse período da vida do protagonista, pois, através dos seus ensinamentos, Daniel passa a encarar de forma diferente sua realidade indígena. Como característica típica do texto autobiográfico, o narrador é em primeira pessoa, neste caso, Daniel Munduruku o principal protagonista é o narrador, dotado de onisciência e onipresença: “A gente não pede para nascer, apenas nasce” (p. 9). Nessa narrativa, podemos considerar Munduruku e seu avô como personagens principais, pois os dois têm papel fundamental na história. De acordo com Abdala Júnior (1995), temos um protagonista *maior* e um *menor,* sendo respectivamente: Munduruku e seu Avô Apolinário. As demais personagens são as pessoas que fizeram parte da vida de Munduruku: seus pais, irmãos, amigos, parentes e o povo de sua aldeia familiar. O tempo cronológico é dominante, mas o desdobramento para o passado acontece nas recordações de Daniel: “A primeira lembrança que carrego comigo é a da escuridão da noite” (p. 13). O espaço constitui-se de sua casa (quintal), a escola em Belém do Pará e a aldeia familiar localizada em Maracanã, no interior do mesmo estado. O ambiente é duo, haja vista que temos um ambiente de tensão, conflito representado pela cidade de Belém, especificamente na escola, onde ele sofre preconceitos e, por isso, tem constantes brigas. No entanto, esse ambiente ganha um novo ar quando Munduruku está no quintal de sua casa e na aldeia de sua família; nesses lugares, ele se sente mais à vontade e livre: “Somente um lugar me deixava feliz. Aliás, dois. Um era o quintal de casa (...) e nossa aldeia familiar em Maracanã” (p. 11). O tom coloquial é predominante na voz do narrador, aproximando o texto de uma conversa com o leitor: “Eles até gozavam de mim, achando que eu era... bicha. Bicha, eu? Que nada!” (p. 23). O discurso obedece à estética literária do gênero autobiografia e o vocabulário contribui para a ampliação de outros horizontes culturais, além de trazer um pequeno glossário como diferencial, conceituando algumas palavras de origem indígena, usadas ao longo do texto.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

De acordo com Jesualdo (1993), a Literatura Infantil possui quatro características marcantes, como vimos na seção anterior e, de acordo com o autor, são as razões que levam a criança a gostar do livro, a sentir prazer na leitura. Na obra analisada, a *linguagem,* como uma das características, é uma forte qualidade que marca a história, sendo a principal ferramenta usada para desenvolver a trama. O autor usou uma linguagem simples, mas cheia de sonoridade de fala,

predominantemente coloquial, porém elaborada, no sentido de que as emoções das memórias vividas pelo autobiografado permearam o texto, como podemos ver na passagem em que ele fala sobre seu avô: “Era sempre assim. Falava pouco. Dizia muito. Eu ainda estava um pouco surdo e não compreendia muito bem o que ele queria dizer, mas guardava tudo no fundo do coração” (MUNDURUKU, 2001, p. 33).

Usando linguagem figurativa que apela para tocantes comparações, personificações que enriquecem o vocabulário cultural do leitor, o próprio autor/personagem, assim explica no início do livro: “Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram” (MUNDURUKU, 2001, p. 7).

Dentre as características citadas por Jesualdo (1993), outro ponto forte é o *dramatismo.* No enredo em questão, no início da história, o protagonista relata seu conflito interior - ser índio e ser menosprezado pelos colegas de escola. Confessando sua maior raiva, assim dizia: “Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de índio. Não. Tudo, menos isso!” (MUNDURUKU, 2001, p. 11). Essa raiva é explicada em seguida quando o autor diz que era “por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso. E, como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora que ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra para mim” (MUNDURUKU, 2001, p. 11).

Percebemos que, a partir desse conflito interno do protagonista, o leitor é levado a concentrar sua atenção em um dramatismo “realista e despojado”, visto que, nesse aspecto, a criança vive também seus dramas, identificando-se com a dramaticidade vivida pelo protagonista a ponto de aflorar seus sentimentos e “forçar uma globalização de todas as suas imagens interiores” (JESUALDO, 1993, p. 38).

As falas do personagem citadas acima demonstram também as consequências do colonialismo sofridas pelos indígenas, como vimos nas contribuições de Lima (2014). Historicamente, esse preconceito foi deixando vestígios, pois foi através do discurso do colonizador que a Amazônia passou a ser vista como um lugar de selvagens, com uma população indígena aculturada. Na obra analisada, o avô Apolinário representa, justamente, o oposto, a sabedoria indígena, a riqueza indígena, a valorização familiar que fortaleceu a concepção

sobre o que era ser um índio para o jovem protagonista da narrativa. Ele demonstra seu forte laço com a aldeia e tudo que ela representa, exaltando a todo o momento sua paixão por ela: “[...] Havia, porém, outro lugar maravilhoso para onde sempre fazia questão de ir. Para esse lugar, entretanto, eu não podia ir sozinho, tinha que ser levado, porque ficava longe da cidade. Era nossa aldeia familiar em Maracanã” (MUNDURUKU, 2001, p. 11).

O avô Apolinário representa a sabedoria, a ancestralidade e as tradições indígenas. Podemos inferir, ainda, que a exaltação do local e da importância do avô na história vem reafirmar o pertencimento e a valorização cultural indígena, pois “a relação da pessoa com sua comunidade étnica será conduzida pelo território de pertencimento, que passa também a ser espaço da recuperação da memória dos seus antepassados e lugar da sua ancestralidade” (COSTA, 2014, p. 75).

Todo o enredo do referido livro enaltece um sujeito autor que valoriza sua vida cotidiana, assinando seu próprio nome como autor e protagonista de uma obra, sublimando a expressão autobiográfica. O escritor indígena representa sua etnia, contribui para a afirmação de sua identidade à medida que enriquece a produção literária com os aspectos culturais de seu povo.

Dessa forma, podemos afirmar que o autor representa uma cultura que é perpetuada através da literatura, visto que a literatura indígena sempre existiu na forma oral e que, atualmente, vem ganhando a forma escrita, contribuindo para a valorização da língua e da cultura indígenas. Esse fato ocorre de forma mais acentuada em uma obra autobiográfica, como em *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória,* pois o indígena, apesar de expor também a vida de outras pessoas que fizeram parte de sua infância, tem seu nome e sua vida como ponto alto da história, evidenciando algo que, normalmente, não é posto em destaque.

> Isso porque o nome próprio, o nome do índio, que muito pouco ou quase nunca se menciona, seja nas etnologias acadêmicas, seja nos discursos midiáticos ou nas escolas, contribui para a sua existência como pessoa implicada em suas singularidades diárias, nos seus conflitos humanos, nos seus modos individuais de escolher, de pertencer, de conduzir sua própria vida (COSTA, 2014, p. 80).

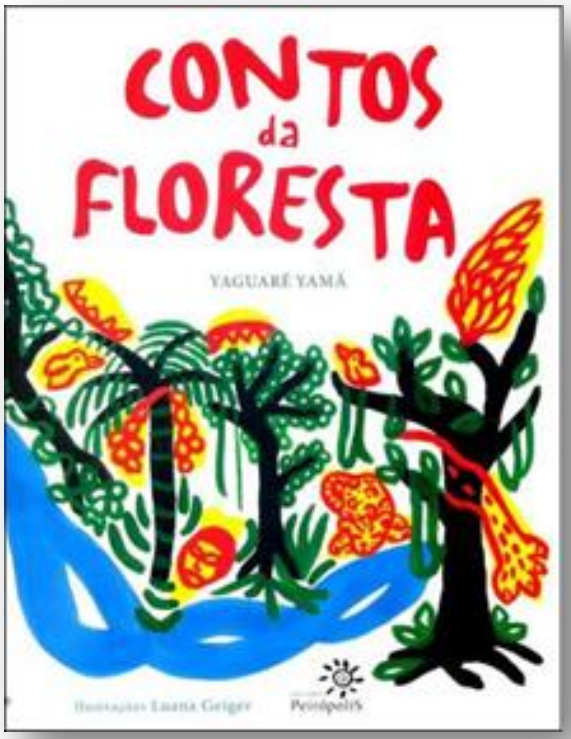
O conflito existencial é outro aspecto importante na obra. O personagem protagonista nasce índio, mas vive em uma cidade que o obriga a habituar-se a uma vida não indígena, desprovida de contato com a natureza, comidas típicas e rotina indígena, por exemplo, como podemos ver no trecho em que o avô o questiona: "- Você chegou à aldeia muito nervoso estes dias, não foi? Veio assim da cidade, lugar de muito barulho e maldade. Lá as pessoas o maltrataram e você se sentiu aliviado quando soube que viria pra cá, não foi?" (MUNDURUKU, 2001, p. 30).

Todo esse conflito é chamado por Hall (2001) de "celebração móvel", essa constante mudança e adaptação identitária que somos levados a ter em razão dos sistemas culturais que vivemos. De acordo com o mesmo autor, as identidades estão em constante processo de formação e reformulação. Vemos essa característica típica da pós-modernidade, quando o protagonista tem problemas em afirmar sua identidade, principalmente, fora de sua aldeia, local onde há pessoas que se identificam com ele, pensam como ele e possuem valores muito parecidos. À medida que se vê em uma cidade, longe de tudo isso, ele precisa de seu avô para ultrapassar a barreira de crise de identidade. Daniel Munduruku registra o que seu avô Apolinário representa na sua vida: "Na verdade não sei muita coisa sobre meu avô porque o via muito pouco. No entanto, esse pouco de convivência marcou profundamente minha vida, formou minha memória, meu coração e eu corpo de índio" (MUNDURUKU, 2001, p. 7).

No desfecho da obra, vemos que o personagem/autor aprende os ensinamentos de seu avô - encarar / afirmar e adaptar sua identidade mesmo fora de sua aldeia, no lugar em que vive com sua família e convive com amigos não indígenas: "Já enfrento o mundo com mais serenidade e nunca esqueço de colocar os pés no chão, (...). Não tenho pressa de chegar, pois sei esperar e ouvir e perseverar; sei também que, como o rio irei chegar aonde quero" (MUNDURUKU, 2001, p. 37).

Dessa forma, o autobiografado, no fechamento da obra, mostra-se transformado, no sentido de que, a partir dos ensinamentos de seu avô, passará a aceitar suas identidades indígenas, adaptando-as ao local e aos sistemas culturais: da cidade e da aldeia.

3.2.2. Contos da Floresta. Yaguarê Yamã[7].



Título do livro: *Contos da Floresta*.
Autor: Yaguarê Yamã
Ilustradora: Luana Geiger
Editora: Peirópolis
Ano de publicação: 2012
ISBN: 978-85-7596-133-9
Categoria: Coletânea

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.2.2.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA:

[7] Yaguarê Yamã é escritor e ilustrador indígena amazonense. Líder do povo Maraguá, integrante do NEARIN – Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas e vinculado ao INBRAPI – Instituto Brasileiro para Propriedade Intelectual. Autor de dez livros, entre eles *O caçador de histórias*, que recebeu o prêmio Altamente Recomendável, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e *Sehaypóri*, selecionado pelo catálogo White Ravens para a Biblioteca de Munique e para a Feira de Bolonha.

Contos da Floresta foi escrito por Yaguarê Yamã, autor indígena com várias publicações infantojuvenis. A obra é uma coletânea de seis histórias, três mitos e três lendas de origem da tradição Maraguá, povo indígena afamado por suas histórias de assombração. Os três mitos trazem a temática do medo, com caçadores que ousam desobedecer as leis da floresta e são punidos por tais atos, sempre por defensores da floresta. As três lendas mostram a relação do homem com os animais, mostrando alguns costumes como a comprovação da bravura através de desafios de caça, por exemplo. Vemos também a presença do humor, principalmente, pelo último mito "os dois velhos surdos", onde o leitor pode se divertir com conversa engraçada entres os velhos que não escutam bem. O livro proporciona ao leitor uma viagem a uma das culturas indígenas, através de um enredo que tem a natureza amazônica como pano de fundo, enfatiza a íntima relação dos indígenas com a floresta, mostrando a bravura e os valores desses povos, com um ambiente de suspense e humor. A obra é uma coletânea de histórias narradas em terceira pessoa, os enredos são contados a partir da visão onipresente e onisciente de um narrador que observa os fatos: "Certo homem saiu para caçar" (p.11). As personagens da obra são principalmente famílias indígenas, com destaque para os caçadores como protagonistas, além da presença dos animais e seres da floresta, fazendo papel de protetores da mata ou como seres assustadores, chamados ao longo da obra de "visagens". O tempo é cronológico. O espaço físico é composto, principalmente, da floresta com suas aldeias indígenas: "O homem saiu correndo pela floresta, tropeçando nos cipós e nos barrancos. Correu o mais que pode, até chegar na aldeia vizinha (...)" (p.30). O ambiente é de ação na vida cotidiana de caça, pesca e de tensão no convívio com as assombrações e monstros da floresta: "Nisso, ouviram vozes. E perceberam, em meio à escuridão, vultos enormes semelhantes a Mapinguarys" (p.33) O tom informal é predominante, com uma linguagem regional que explora os vocábulos típicos da região amazônica. Com um vocabulário leve, o livro colabora para a ampliação do conhecimento linguístico do jovem leitor, ao passo que, ao final da obra, ele é presenteado com um glossário dividido em "Língua Regional Amazônica" e "Maraguá": "Jirau: Estrado de varas"; Çukurijú"; "Variedade de cobra sucuri" (p.58). O discurso segue à estética literária do gênero de narrativas oralizadas.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

Uma característica que marca a obra como uma literatura infantil de qualidade, de acordo com Jesualdo (1993), é a *técnica do desenvolvimento* que o autor usa para apresentar todos os enredos, a apresentação dos personagens típicos das histórias de assombração, o ambiente de tensão, principalmente, nos momentos em que os bichos da floresta aparecem: "O rapaz esperou. Enquanto dormia, o corpo dele ganhou garras, pelos, um rabo, dentes grandes e afiados, os pés se transformaram em patas, e surgiram duas enormes asas em suas costas" (YAMÃ, 2012, p.17). Trechos como esse contribuem para que o leitor perceba que, a verossimilhança, se concretiza ao longo das tramas.

O discurso das narrativas orais, como o que se apresenta na obra, é bem aceito pelos jovens leitores. Visto a possibilidade da leitura rápida, provocada pelos

textos curtos, com linguagem simples, mas com enredos de medo, suspense e magia que estão presentes em todos os textos da obra.

Os animais protetores da floresta, denominados por Loureiro (1995, p. 88), como *encantados,* seres que moram nas florestas e nos fundos dos rios, apresentam-se na obra, ora como protetores da floresta ora como visagens que assustam os moradores das aldeias. Esses personagens são parte fundamental do *caráter imaginoso* (JESUALDO, 1993), que compõem cada mito e lenda da obra, fazendo com que o leitor se depare com um *enredo fantástico* que está, intimamente, sendo afirmado pelos fatos *surpreendentes e mágicos* desse tipo de enredo (GANCHO, 2004).

O que vemos na obra *Contos da Floresta*, é a valorização dos mitos e lendas da Amazônia. De acordo com Coelho (2000), o mito e a literatura estão sempre juntos, desde a antiguidade: “não existe mito sem palavra literária” (p. 170). O autor bebe no manancial da cultura oral, trazendo os mitos e lendas como aspectos identitários das culturas amazônicas, já que a contribuição da literatura da Amazônia à literatura brasileira é justamente “através de produtos desse imaginário, diferentemente do que ocorre com outras regiões brasileiras (...)” (LOUREIRO, 1995, p.64).

O autor, Yaguarê Yamã, no posfácio da obra, diferencia mito de lenda, evidenciando o mito como verdade e valor sagrado. “Os mitos explicam a vida e as leis da natureza, reverenciam a bravura, a verdade. São matérias de fé e traduzem valores sagrados. Os seus princípios se articulam com a religião tradicional, chamada Urutópiag (‘nossa crença’)” (YAMÃ, 2012, p. 56). Um desses valores sagrados, podemos verificar no trecho do mito *As Makukáwas*: “- Vou lhes avisar. E que isso sirva de lição para vocês. [...] Ninguém pode matar mais do que o necessário. De hoje em diante, você só matará pássaro para o seu consumo, caso contrário, eu voltarei e não lhe darei perdão” (YAMÃ, 2012, p.24). Esse trecho traduz um costume indígena que é disseminado de geração em geração: o respeito aos animais, na forma de não caçar além do necessário para alimentação da família. Para eles, a floresta e tudo o que há nela, é um ser sagrado, guarda muitas lições e, principalmente, tudo o que eles precisam para viver. Portanto, o respeito é visto como algo essencial já que “a terra não é apenas vista como um bem a ser

explorado e depredado, mas algo vivo, possuidor de um espírito protetor, um guardião” (MUNDURUKU, 2000, p. 86).

Já as lendas indígenas, segundo Yamã (2012), apesar de possuírem também o caráter mágico, suas temáticas giram em torno da “rotina das tribos, dos medos, dos conflitos, muitas vezes com razoável dose de humor” (p. 56). Podemos verificar um desses costumes na lenda *O bicho e o casamento*: “Como resposta, o homem propôs ao jovem que fosse à mata caçar um monstro, que estava acabando com a sua plantação de mandioca. Se, em uma semana, ele não conseguisse matar o bicho, não ia poder namorar a moça; mas, se o matasse, podia até casar com ela” (YAMÃ, 2012, p. 41).

Para algumas pessoas da Amazônia e, também, grupos indígenas, a demonstração de coragem, força, esperteza, entre outros atributos, é feita através da conquista de desafios, como vimos no trecho citado acima. Esses triunfos fazem parte de algumas culturas e muitas vezes são ritos de passagem para adentrar em um grupo ou casar com alguma jovem, como no caso da lenda.

Para muitos povos, por exemplo, “Quase não existe namoro entre os povos indígenas. O que existe é uma série de regras estabelecidas para o matrimônio entre dois jovens que já passaram pelos rituais de maioridade” (MUNDURUKU, 2000, p. 43). E esses cerimoniais, são também chamados de “Ritos de Passagem”, caracterizados como momentos determinantes de papel social dentro das comunidades indígenas. Apesar de muitos rituais terem sido esquecidos por algumas culturas indígenas, principalmente, pelo contato com culturas diversas (MUNDURUKU, 2000).

Ao longo das lendas, vemos outros costumes, como os da culinária amazônica: “Pegou as makukáwas, colocou quase todas dentro de um panelão para cozinhar. As poucas que sobraram, ela separou e salgou, do mesmo modo como fazem as donas de casa do povo indígena Maraguá, quando querem guardar comida para o outro dia” (YAMÃ, 2012, p. 21).

A cultura amazônica, de maneira em geral, tem sua culinária como marca identitária pois, “é nessa região que mais se percebe como padrões culturais de diversos povos indígenas foram incorporados à cultura regional” (MUNDURURKU, 2000, p.36). As comidas são símbolos quando pensamos em pertença cultural, marcando os povos e, também, os moradores de cada cidade da região amazônica.

Desde os primeiros textos conhecidos como relatos de viagem, na época da exploração da Amazônia, os europeus já ficavam admirados ao descobrir a riqueza da cozinha nativa, principalmente, nas “técnicas de conservação de alimentos, com especial destaque para proteínas como peixes e carnes de animais silvestres” (LIMA, 2014, p.97).

O autor também inclui no livro um glossário, trazendo as possíveis expressões e palavras que o leitor não conheça. Para tanto, ele o dividiu em duas partes: Língua Regional Amazônica e Maraguá:

> **Língua Regional Amazônica**
> **Anhãga**: Entidade maligna.
> [...]
> **Porõga**: Luminária, lamparina.
> **Visaje**: No linguajar amazônico, visagem, fantasma, assombração.
> **Maraguá**
> **Çapopema**: Sapopema. Raiz grossa e chata.
> [...]
> **Titãga**: Palavra que exprime espanto, admiração. Caramba!
> **Yamaxy**: Paneiro, cesto de carga feito de cipós titika e ambé (YAMÃ, 2012, p.58).

Com esse item inserido no livro, vemos a preocupação do autor em facilitar o entendimento das narrativas por parte do leitor, proporcionando à criança ou jovem a compreensão mais clara das culturas ali expostas, tanto indígena quanto amazônica, visto que os leitores que não fazem parte da região podem encontrar algumas dificuldades no entendimento das histórias sem a presença glossário.

3.2.3 Uma história de boto vermelho. Roger Mello[8]

[8] Escritor e ilustrador brasiliense. Recebeu o prêmio suíço Espace-enfants em 2002 e no mesmo ano foi vencedor do prêmio Jabuti nas categorias literatura infantojuvenil e ilustração com *Meninos do mangue*. Com vários trabalhos premiados, tornou-se *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Por sua obra como ilustrador, venceu a edição de 2015 do prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantojuvenil.

Título do livro: Uma história de boto vermelho
Autor: Roger Mello
Ilustrador: Roger Mello
Editora: Salamandra
Ano de publicação: 1995
ISNB: 85-281-0091-x
Categoria: Lenda

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.2.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

Uma história de boto vermelho, escrita por Roger Mello, é baseada em uma peça de teatro homônima que, do folclore popular, traz mais uma versão da lenda amazônica do Boto. A história apresentada em treze capítulos é uma versão da conhecida história do Boto, sendo que o diferencial, nesse enredo, é a dualidade dos mundos vivenciados pelo Boto: enquanto animal aquático enfrenta a pesca predatória da Amazônia, já quando sofre a mutação de ser um rapaz, vive seu primeiro amor com uma jovem que também aprende a lidar com novas descobertas. As duas irmãs, Joana e Conceição, vivem uma relação engraçada, principalmente, pelas briguinhas típicas entre irmãs, por vezes, também de cumplicidade nos momentos em que Joana descobre-se apaixonada pelo Boto e tem sua irmã como aliada também em momentos de verdadeiro perigo. Ao longo de todo o enredo, o autor presenteia o leitor com a riqueza das culturas amazônicas, em seus costumes, diversidade natural e cotidiano dos povos ribeirinhos. O livro traz essa versão da lenda amazônica contada através de um narrador em terceira pessoa: "Naquele dia, no entanto, o jovem boto nadava rapidamente à procura de algo" (p.11). As personagens são animais amazônicos, moradores ribeirinhos e um cientista inglês. O Boto Vermelho, personagem principal, é apresentado em sua forma natural como animal aquático e como um ser humano que experimenta a terra firme para ter sua primeira relação amorosa com a personagem Joana que, junto de sua irmã Conceição, também são protagonistas da trama. As demais personagens são secundárias no enredo. O tempo é cronológico. O espaço físico é composto pelos igarapés, rios e um vilarejo chamado Riacho das Flores: "Vez por outra o boto titubeava, quase se deixando desorientar pelas curvas que o rio insistia em fazer. Tanto que, sem prestar atenção, passou bem próximo a Riacho das Flores, um dos muitos vilarejos da Amazônia" (p. 15). O ambiente de conflito se passa no rio em que os animais sofrem a pesca predatória por pescadores da região e pelo personagem James, um cientista inglês que, na verdade, era um caçador de prêmios. No vilarejo, o ambiente era de descobertas amorosas, mas também bem-humorado e confidente na relação entre as duas irmãs Joana e Conceição. O tom formal predomina na voz do narrador, mas permite a coloquialidade na fala das personagens: "-Joana! Que bom ! Cê tá viva!" (p.57). O discurso poético está em toda a trama, enriquecendo o texto de tradição popular. O vocabulário remete o jovem leitor a outros horizontes culturais e proporciona, também, reflexões sobre a preservação do meio ambiente.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

As diferentes versões de uma lenda são fruto da criação coletiva de um povo e, no caso da obra analisada, temos uma versão da popular lenda do Boto. Nela, esse animal se torna um jovem humano cada vez que pisa em terra firme, desfrutando das benesses dos relacionamentos amorosos passageiros. Na versão analisada, o Boto se depara pela primeira vez com uma jovem e se apaixona por ela; a partir de então, os dois vivenciam suas primeiras descobertas.

As personagens Joana e Conceição são duas irmãs que gostam muito de ouvir as lendas da comunidade. Essas narrativas orais do folclore amazônico são

relatadas na obra por uma senhora mais velha, Dona Antônia, que faz o papel de narradora desse saber popular: “Dona Antônia também gostava especialmente dessas histórias” (MELLO, 1995, p. 16). Ao recontar a lenda, a senhora exercita sua memória e permite que as jovens vivenciem sua cultura, construindo uma relação entre o natural e o sobrenatural.

Nas lendas, os aspectos identitários da região são parte da estrutura do enredo, mostrando a heterogeneidade cultural da Amazônia, já que as “Narrativas lendárias como a do boto, fornecem uma compreensão privilegiada dos significados a mitificações sobre os quais os mundos são construídos” (OLIVEIRA & LIMA, 2006, p.6). As lendas são frutos do imaginário amazônico, que é fortalecido a cada vez que essas narrativas de origem oral são contadas e recontadas, estreitando o laço entre ouvinte e narrador, perpetuando esse caráter identitário. Já que essas narrativas míticas justificam acontecimentos, castigos e outros fatos da vida cotidiana das populações amazônicas.

A criança se interessa por um livro, principalmente, pelo *caráter imaginoso* da obra (JESUALDO, 1993). No livro em questão, essa característica é marcada por diversos fatos como a metamorfose vivida pelo Boto, que se intitulava Epaminondas quando na forma humana, mostrada de forma expressiva pela linguagem poética da obra:

> A água, por sua vez, puxava-lhe as nadadeiras até que fossem braços. Uma rabanada mais forte, e em vez de cauda, dois pés atrapalhados. A areia do fundo tremia enquanto ele pisava. No lugar do seu rosto era o de Epaminondas, diferente em tudo, a não ser pelo sorriso de canto de boca. A lua chegou em seguida, vestindo-o de branco. E depois de um beijo, entregou-lhe o chapéu panamá, que os botos são distraídos. Esquecem-se sempre dos chapéus quando retornam à água (MELLO, 1995, p.43).

Também percebemos a construção desse *imaginoso* quando a personagem do Boto explica à Joana porque ela deve acordar a água entes de bebê-la: “- A água é que nem gente. À noite ela dorme, descansa. (...) Sem falar em água de poça, que essa só acorda se a gente mexe. Se você quer beber água a essa hora, tem que acordá-la” (MELLO, 1995, p. 20). Dessa forma, vemos que a constituição do espaço imaginativo da obra oferece ao leitor uma projeção de imagens mentais que contribuem, significativamente, para a afirmação do “máximo interesse da expressão para a criança” (JESUALDO, 1993, p.37).

O *dramatismo* (JESUALDO, 1993) é outro ponto alto da obra. Não importando a idade, a criança ou o jovem procura na obra literária dramas que reflitam os seus. É a identificação com o dramatismo da obra que a criança pode sentir que "nesse drama vivido por seus sentidos, poderem repetir-se os movimentos interiores que passam a ser, então, o seu drama" (JESUALDO, 1993, p. 38).

Podemos verificar um exemplo desse dramatismo, no capítulo IX. Por causa da pesca predatória, o Boto encontra seu amigo peixe-boi já sem vida: "– Os pescadores vieram lhe buscar... Peixe-boi, não morre... Lágrimas estancavam na areia. O céu ficou grande, a mata perdeu a medida. Era tudo ao avesso. Deste sentimento ele nunca tinha ouvido falar: do vazio que dá" (MELLO, 1995, p.46). O leitor, também, em razão da bem construída linguagem poética, participa do drama, envolvido na situação de perda, de morte que faz parte, também, da realidade humana que, possivelmente, os leitores em algum momento de sua vida terão de lidar. A literatura também situa o leitor em dramas realistas, contribuindo para um amadurecimento necessário para a vivência da criança ou do jovem.

Como vimos, a linguagem poética permeia toda a obra, enriquecendo também as descrições do espaço físico, permitindo ao leitor visualizar o local, adentrar na história, participar da miudeza das pequenas comunidades ribeirinhas, sua estrutura simples. São marcas dessas comunidades:

> O chão da vila era de terra batida, amarelada. A poeira colorindo a barra das casas. Espremidas entre muros, fruteiras carregadas atiçavam a vontade das crianças e dos bandos de periquitos. Riacho das Flores tinha ainda um a única venda, de propriedade de Dona Antônia (MELLO, 1995, p.15).

As feiras são marcantes na obra e descritas com detalhes. Com esse procedimento, o autor recria a diversidade cultural da Amazônia: "Tudo era rebuliço só. O calor alvoroçava as pessoas. Mulheres e seus balaios de frutas, latas de azeite para medir a quantidade. A feira tinha seu ritmo próprio" (MELLO, 1995, p. 27). As personagens que estão visitando a feira são levadas pela música, em ritmo popular que traduz o gosto de quem está ali presente. No trecho, a música envolve homens e mulheres: "Era carimbó, desses que mexem com as pessoas, que arrancam sorrisos e olhares dengosos. Saias floridas vez por outra desabrochavam, uma rodada aqui, outra ali" (MELLO, 1995, p.28).

Além da beleza cultural mostrada no enredo, a exuberância da beleza natural da Amazônia também é apresentada ao leitor. Quando falamos em Amazônia, a natureza é seu principal diferencial perante o mundo. Por isso, os olhares sempre se voltaram para essa região, sua riqueza natural atraiu os olhos dos colonizadores e, até hoje, a cobiça ainda ronda essa riqueza, causando exploração e prejuízo à natureza amazônica.

Essa questão ambiental é abordada de maneira muito bem enlaçada ao enredo lendário de *O Boto Vermelho*. Vemos a ambição do estrangeiro representado por James: "James considerava-se um cientista. Era um caçador de prêmios, na verdade. Queria informações e boas fotografias do boto, custasse o que custasse. Ainda que precisasse usar rede e arpão" (MELLO, 1995, p.22). Ou ainda pessoas da própria região, como os pescadores, que buscam animais de grande porte, visando seu maior lucro, além de obter produto diferenciado para venda como vemos no trecho em que Joana está na feira:

> - Oi, moça. Quer levar olho de boto vermelho? – o feirante surgiu, por trás dos penduricalhos. (...)
> – Vocês matam os coitados e vendem os olhos deles? (...)
> – Bem pra falar a verdade, esses aqui não são de boto-vermelho, não. Eu digo que é pra poder vender. Ninguém mais encontra o bicho. Acho até que nem existe mais! (MELLO, 1995, p. 29).

Muitas vezes, esse animal de difícil acesso e que está cada vez mais escasso por causa da pesca predatória, é visto como produto distinto, valioso. Nas concepções locais de populações da Amazônia, muitas partes do Boto são utilizadas como remédio caseiro, normalmente, a parte da gordura do animal ou outras partes do mamífero "geralmente relacionados à cultura amazônica e seus misticismos, destacando-se o amplo comércio de dentes, genitálias, olhos e nadadeiras dorsais" (SICILIANO et al, 2008, p.383). Apesar de ser um crime ambiental, por ser um animal silvestre, a caça do Boto Vermelho é feita também para que sua carne seja usada como isca para pesca de outros peixes de grande valor comercial, inclusive para exportação.

3.3 A NATUREZA E OS COSTUMES AMAZÔNICOS

Na categoria A *Natureza e os Costumes Amazônicos,* faremos a apresentação das narrativas que trazem como assunto principal a ambientação do enredo, os elementos regionais ligados à flora, fauna ou rios. A Amazônia é, mundialmente, reconhecida pela exuberância em seu ecossistema, rico em diversidade e abundância, servindo de mote para as produções literárias infantojuvenis.

Esse aspecto natural da Amazônia é um forte fator de identidade cultural, assinalando, não somente seu território como, também, seus habitantes, de forma que, o uso de qualquer componente desse ecossistema para a criação de uma narrativa, funcione como marca identitária dessa região.

Os costumes amazônicos são expostos nas obras que tratam de músicas, danças, festejos, comidas e linguagem, típicos desta região. A identificação dessas características regionais é marcada, por exemplo, pelas refeições assinaladas pela forte presença de peixes e animais de caça, assim como a farinha de mandioca, o açaí e outros alimentos com intensa influência indígena. Outros costumes como festas típicas, normalmente religiosas, também aparecem, além da linguagem regional que, de acordo com Borzacov (2004), evidenciam suas variações, pronúncias particulares, falares locais, enfim, um linguajar cheio de influências indígenas e nordestinas.

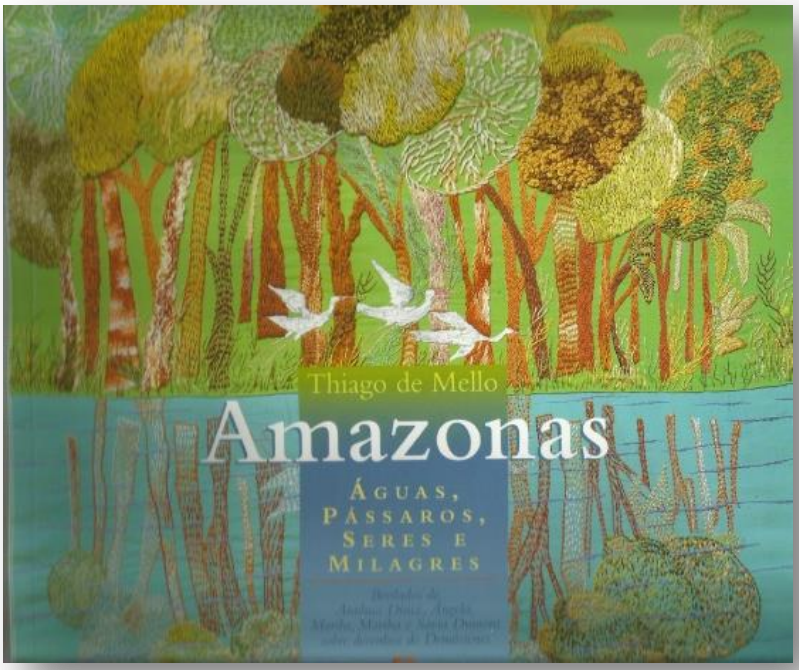
Figura 8 - Quadro das obras selecionadas para análise da categoria *Natureza e os Costumes Amazônicos.*

Nº	TÍTULO	AUTOR
1	Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres	Thiago de Mello
2	Banho!	Mariana Massarani
3	Rio acima Mar abaixo	Rogério Andrade Barbosa

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.3.1 Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres. Thiago de Mello[9]

[9] Thiago de Mello é um poeta e tradutor amazonense, com obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Recebeu o Prêmio de Poesia, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte em 1975, pelo livro *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*; Prêmio Jabuti de 1997 com a obra *De uma vez por todas*; Prêmio Figueiredo Pimentel – Melhor Livro de Reconto (FNLIJ/ 2004) pela obra *Amazonas: no coração encantado da floresta*.



Título do livro: Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres
Autor: Thiago de Mello
Ilustrador: Antônia Diniz, Ângela Dumont, Demóstenes Dumont, Marilu Dumont, Martha Dumont e Sávia Dumont.
Editora: Salamandra
Ano de publicação: 1998
ISBN: 85- 281- 0292-0
Categoria: poesia

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.3.1.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

O livro *Amazonas, águas, pássaros, seres e milagres*, de Thiago de Mello, é uma narrativa poética em prosa e verso que descreve as belezas do estado do Amazonas. Dividido em cinco capítulos, mostra o início do estado, com a origem do nome Amazonas, fazendo uma pequena viagem histórica, além de repetir todo o trajeto das águas para que o leitor veja onde começam as águas do principal rio desse estado. Em seguida, fala sobre a diversidade dos pássaros, dos peixes, das árvores e plantas da região e finaliza a obra rememorando a casa do seu avô, apresentada com uma poesia. Em meio a toda a apresentação do estado, o poeta retrata a cultura do povo amazonense, com suas crenças, comidas típicas, remédios caseiros e, principalmente, sua relação diferenciada com a natureza. Tudo isso, ilustrado com bordados encantadores, que complementam de forma criativa o texto verbal escrito na obra. Por tamanho trabalho na editoração, foi premiado como melhor Projeto Editorial de 1999, pela FNLIJ. A narrativa é contada em primeira pessoa: "A meu lado, de pé na proa do barco, vento no peito, o menino olha silencioso a imensidão do rio" (p.8). Os personagens são homens, mulheres, crianças e animais com quem o narrador-personagem vai conversando ao longo do enredo: "Um dia perguntei ao Marcote, um menino meu amigo, que também virou vento e foi-se embora (...)" (p.19). O personagem principal é um homem, adulto que, ao longo do texto, o leitor vai descobrindo pelas experiências pessoais que vão permeando a narrativa cujo tema principal é o estado do Amazonas. O tempo é psicológico, pois o narrador não apresenta a trama com linearidade, relembra em vários momentos conversas, lembranças, enfim, histórias que o personagem viveu, como sua infância ao final da obra: "Uma noite, nós dois sozinhos,/ nós dois quase companheiros,/ num silêncio hoje quase impossível/ nos modernos frangalhos de Manaus, meu pai me perguntou se eu me lembrava/ de um barulho no mato, era um rumor, (...)" (p.45). O espaço físico é o Estado do Amazonas. Nele, o autor vai mostrando cidades, pequenas comunidades, igarapés, rios: "(...) deitado na minha rede branca da varanda, na beira do rio Andirá." (p.19). O ambiente é de sabedoria popular e poética. Narrado com sentimento de admiração e amor pelo local: "Nasci na beira do Paraná do Ramos, cujas águas brilhantes contemplo neste instante do entardecer" (p.44). O tom é formal, mas permite a linguagem coloquial, principalmente, nas falas dos personagens: "Espere aí que eu vou puxar agora mesmo, aí para o Amadeu, uns peixes dos que ele gosta. Eles estão passando agorinha no igarapé aí do lado" (p.32). O discurso segue a estética literária das narrativas poéticas e pode colaborar para a constituição do vocabulário literário e alcance de outros horizontes culturais.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

A linguagem na obra infantil é um dos aspectos determinantes para uma obra de qualidade, ela "resume, de certo modo, a habilidade do criador" (JESUALDO, 1993, p.39), permitindo ao leitor apreciar a leitura, de preferência com uma linguagem simples, mas não trivial. Na obra *Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres,* o autor buscou na poesia a base para narrar as belezas do Estado do Amazonas.

O uso da linguagem poética aflora a sensibilidade do jovem leitor. O escritor trabalha com as palavras de modo a despertar no leitor *diversas sensações* "o jogo

poético, além de estimular o ‘olhar de descoberta’ nas crianças, atua sobre todos os seus sentidos, despertando um sem-número de sensações (...)” (COELHO, 2000, p.222). Na obra em questão, verificamos: *sensações visuais* que levam o leitor a imaginar todas aquelas descrições da natureza, com imagens coloridas, vivas, também enriquecidas pelas ilustrações: “Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na face antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer” (MELLO, 1998, p.10); *sensações auditivas* pelas brincadeiras com os sons, as rimas, a sonoridades das palavras que permeiam todo o texto, deixando a leitura ritmada, leve, emocionante: “Ser capaz, como um rio/ que leva sozinho/ a canoa que se cansa/ de servir de caminho/ para a esperança (MELLO, 1998, p.14); *sensações gustativas* em determinados momentos em que o poeta relata a culinária do Amazonas, do ribeirinho que tanto aprecia os pratos à base de peixes, seus acompanhamentos, permitem ao leitor imaginar os sabores tão bem descritos, como vemos, por exemplo, quando o narrador conta sobre o peixe pirarucu: “Come-se fresco ou salgado, tal e qual o bacalhau. Fresquinho, é glória da cultura popular da floresta. “O pirarucu seco, desfiado (depois de deixá-lo dormir no alguidar cheio d’água), com cebolas douradas e alfavaca, é um primor” (MELLO, 1998, p.33).

No primeiro capítulo intitulado *O começo,* o narrador traz ao leitor uma pequena viagem histórica que explica, entre outras curiosidades, os diversos nomes do atual Rio Amazonas, a principal razão para o estado também ter recebido tal nome, contando um pouco sobre a narrativa lendária das Amazonas, índias guerreiras, que segundo Gaspar de Carvajal, eram mulheres belas, valentes que atacam quem tentasse se aproximar. Por causa delas, o rio e o estado receberam esse nome. No mesmo capítulo, o eu-lírico descreve alguns aspectos curiosos sobre o Rio Amazonas, os números que o envolvem, os locais que ele banha, onde ele nasce. As diversas águas que banham a região do Amazonas: águas calmas, os estreitos igarapés, as águas barrentas, águas poluídas, até a famosa pororoca, quando na baía de Marajó: “É ali que o rio convoca, orgulhoso, todas as suas energias para o encontro com o mar Atlântico e empurra as águas do oceano por distâncias quilométricas” (MELLO, 1998, p.17). A abundância das águas nessa região é uma questão identitária para seus moradores, revela uma infinitude diante de tamanha imensidão aquática, já que “navegar nos intermináveis e incontáveis rios

(aproximadamente 14 mil cursos d'água) provoca a sensação de estar diante 'do mundo' e não a de estar diante de um mundo delimitado" (LOUREIRO, 1995, p.61).

No capítulo seguinte, o narrador nos conta um pouco sobre a diversidade dos pássaros. O leitor recebe uma pequena aula sobre algumas aves da Amazônia e a personagem principal já alerta: "(...) só vou dar notícia dos que vivem pertinho do meu rio e do meu coração, alguns do meu convívio caseiro" (MELLO, 1998, p.20). Em seguida, traz ao leitor informações sobre os hábitos, alimentos e aspectos físicos de pássaros como o tucano, a coruja, o beija-flor, o bem-te-vi, a garça, o gavião, o japiim, a ariramba e o uirapuru. Em meio às suas descrições, as crenças populares envolvendo esses passarinhos, são apresentadas ao leitor como, por exemplo, a má sorte, com o canto da coruja: "(...) Porque seu canto é um aviso. (...) Quando ela passa cantando sobre o telhado da casa onde tem gente enferma, é aviso de que a morte está a caminho" (MELLO, 1998, p.23), ou a boa notícia como o canto do uirapuru: "O povo da floresta, que sabe o que diz, acha que o uirapuru é o pássaro da felicidade. Basta ouvi-lo uma vez, a aventura da vida está garantida" (MELLO, 1998, p.28).

A vida dos ribeirinhos também é exaltada na obra. Seus costumes, lendas, crenças, culinária, remédios caseiros, demonstram sempre uma relação diferenciada com a natureza, "mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história" (LOUREIRO, 1995, p.55). O uso das plantas da região como remédio caseiro: "A copaíba é poderoso anti-inflamatório, acaba com panariço, furúnculo: uma colherada em Jejum alivia a queimação da úlcera" (MELLO, 1998, p.42), ou a sabedoria dos pescadores que detêm uma gama de conhecimentos sobre artefatos, épocas certas para pesca, modos de preparo dos peixes, enfim como o próprio narrador observa: "De menino, o caboclo se inicia nos segredos da pesca, que tem muito de ciência, mas também muito de intuição. E sobretudo o instinto, às vezes parece arte de magia" (MELLO, 1998, p.30). A arte de pescar é encarada de forma diferenciada por essa população com sabedoria de quem convive, diariamente, com processos criativos de alimentação, de relação respeitosa com o que a natureza oferece, de forma que, o seu conhecimento é lapidado e enriquecido com a experiência, como vemos no trecho:

> No silêncio do igarapé, ele sabe ouvir o ar se agitando entre as guelras do pirarucu, peixe de fôlego largo. O capim-arroz, o perimembeca, amanhece de lâmina mordida, o pescador logo fica sabendo que o peixe-boi andou comendo por ali, de madrugada (MELLO, 1998, p.30).

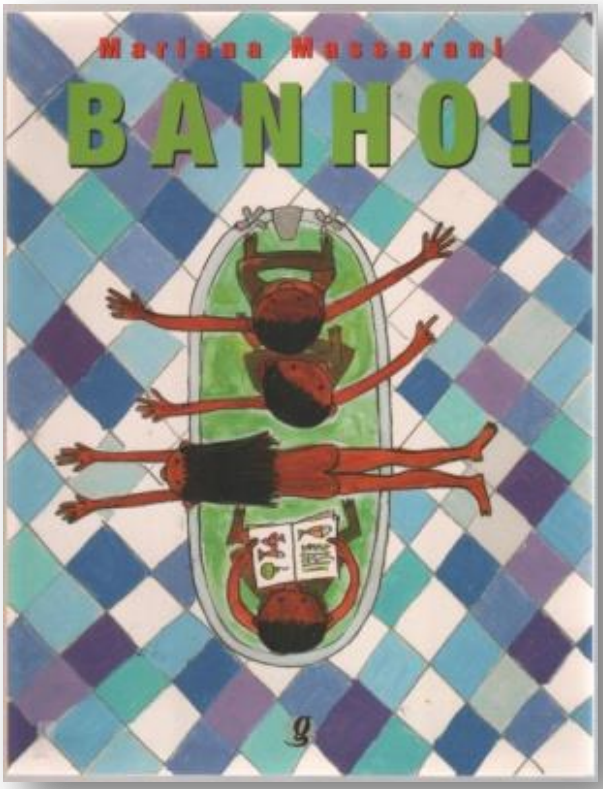
São comportamentos sociais que marcam as identidades da cultura cabocla. Elementos peculiares como o uso da natureza de forma criativa, saberes sobre a natureza que pessoas da zona urbana não detêm, ou ainda, sua literatura oral que são transmitidas e recontadas de geração em geração. Essas narrativas lendárias fazem parte da cultura cabocla. Na obra analisada, vemos a lenda do boto:

> O que não posso confirmar, mas também não posso desmentir, é que o boto costuma emprenhar as donzelas que vão lavar roupa no cedro da beira do rio. Para afugentar o calor, a moça dá um mergulho, quando sobe vem com o vestido ensopado, pregadinho nas doces morenices dela. O boto, que estava ali de ronda, como quem não quer mas querendo, encanta a moça do jeito que ele sabe (MELLO, 1998, p.36).

O imaginário permeia toda a cultura Amazônica. É um forte fator identitário, principalmente, na cultura ribeirinha que “reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” (LOUREIRO, 1995, p.55). Na obra de Thiago de Mello, vemos que, através da literatura, essa identidade é exaltada, produzindo um certo reconhecimento da sociedade amazônica, valorizando seus pensamentos e comportamentos que traduzem o verdadeiro sentido de identidade.

Toda a produção da obra em análise é beneficiada pela ilustração que dialoga com a poesia do texto verbal, revelando-se diferenciada por fugir do comum, inovando com imagens bordadas, trazendo movimento para as imagens, por vezes, enriquecendo a trama. Também é peculiar, por ser feita por uma família, mãe e filhos. A partir dos desenhos do artista plástico Demóstenes Dumont, as bordadeiras Antônia, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont realizaram um trabalho primoroso, reinventando as palavras do poeta Thiago de Mello. O projeto gráfico do livro é de muita criatividade e qualidade, justificando a premiação recebida pelo livro de Melhor Projeto Editorial de 1999, pela FNLIJ.

3.3.2 Banho! Mariana Massarani[10]



Título do livro: Banho!
Autor: Mariana Massarani
Ilustrador: Mariana Massarani
Editora: Gaia
Ano de publicação: 2008
ISBN: 978-85-7555-150-9
Categoria: novela

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.3.2.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA:

[10] Mariana Massarani é carioca, escritora e ilustradora. Já ilustrou mais de quarenta livros infantis e juvenis. Ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura em 1997 e 2003, na categoria ilustração de livros infantis e juvenis e seu trabalho já foi exposto e incluído em catálogos e em mostras de ilustração nacionais e internacionais. Por suas ilustrações já ganhou os prêmios: categoria Criança da FNLIJ de 1995 pela *Coleção Assim é se lhe parece;* Em 2002, pela obra *Mania de explicação*; Em 2003, *O dono da verdade*; Na categoria informativo, em 2005, Almanaque Ruth Rocha e, em 2013, com a obra *Bibliotecas do mundo*; Em 2006, na categoria Poesia, foi a vez da obra *Declaração de amor*. Em muitos prêmios faturou as premiações juntamente com outros colegas ilustradores.

A obra *Banho!*, escrita e ilustrada por Mariana Massarani, conta a história de quatro irmãos que resolvem fazer de um banho uma verdadeira aventura. Os irmãos são mandados para o banho pela sua mãe no início da história. E é no banheiro de sua casa que eles iniciam uma aventura com animais e situações que vão levar o leitor a uma verdadeira viagem pela Amazônia. Iniciando com a invasão da famosa "pororoca" no banheiro, seguida pelo aparecimento de peixes e animais típicos daquela região que vão fazendo companhia para os irmãos que se aventuram a nadar entre os mais curiosos animais aquáticos. A aventura termina quando eles atendem a um dos muitos pedidos de sua mãe para encerrar o banho e irem jantar. Mas, um dos irmãos não está presente na mesa. Onde estará Edmilson? Ele que não esteve na banheira com seus irmãos, pode surpreender o leitor, que provavelmente irá voltar nas páginas anteriores para observar onde permaneceu esse personagem. A narrativa é contada em terceira pessoa por um narrador onisciente e onipresente: "Lá vem a mãe furibunda distribuindo tapas para todos os lados" (p.5). Os personagens são cinco pessoas de uma família. Os quatro irmãos: Edson, Edilson, Edimilson e Ednalva, aparentam ter idades próximas, de cinco a dez anos, são os protagonistas. A mãe e o pai aparecem como personagens secundários. O tempo é cronológico. O espaço físico é a casa da família, as cenas mais importantes acontecem no banheiro da casa. O ambiente é de descontração, muita imaginação e brincadeiras entre as crianças. O tom usado na narrativa é o coloquial, buscando uma maior fidelidade para com a linguagem utilizada por uma família, principalmente, entre mãe e filhos: "Quero todos bem limpinhos e nenhum pio! – avisa a mãe" (p.7). O discurso obedece à estética literária das narrativas infantis, de forma simples, mas com uma ilustração que completa o sentido do texto. O vocabulário utilizado é rico, principalmente, porque os irmãos, através da imaginação, fazem uma viagem pela Amazônia, compartilhando com o leitor um conjunto de palavras que colabora para a divulgação da cultura amazônica.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

O título da obra: *Banho!* traz um sinal de exclamação que dá a ideia ao futuro leitor do livro de que, não será apenas uma situação em que alguém irá imergir seu corpo na água, como um sentido costumeiro da palavra, mas, sim, de algo com animação, alegria, farra, provavelmente, realizada pelas personagens que ocupam a capa do livro, dentro de uma banheira. Uma em posição de nado, outra com um livro e, as outras, como se estivessem passando a mão pelas águas de um rio. Essa ilustração da capa faz alusão a um passeio pelo rio de forma que, a banheira, seria uma embarcação da Amazônia: uma canoa, uma voadeira[11] ou uma rabeta[12], como são conhecidas os tipos de canoas da região. Vemos, então, que desde o primeiro contato com a obra literária a criança é envolvida pelo *caráter imaginoso* (JESUALDO, 1993).

[11] Lancha de alumínio com motor de popa.
[12] Embarcação com motor de popa, de pouca potência e fácil manuseio, usado pelos ribeirinhos.

No início do enredo, a fala da mãe: “Já para o banho!” (MASSARANI, 2008, p.3), dá o mote para a viagem imaginária que os irmãos fariam. O imaginoso mais uma vez entra em cena quando as crianças adentram ao banheiro, preparando o cenário da “viagem” à Amazônia: “Edson encontra a tampa, Edilson abre a água da banheira, enquanto Ednalva pega o balde cheio de bichos de borracha” (MASSARANI, 2008, p.7). Vemos que os personagens, por suas feições, já estão alegres, mostrando mais uma vez que, aquele banho será diferente, divertido, levando o leitor a imaginar o que virá pela frente e criando uma expectativa que prende a atenção da criança.

A escolha da autora em usar, um simples banho como pano de fundo para sua criação literária, mostra como as produções literárias infantis modernas usam seus personagens em situações do cotidiano para que, seus leitores, se identifiquem nos enredos, conforme observamos a seguir:

> Mas os livros que se dirigem especificamente para crianças de pouco idade podem ser extremamente criativos – apesar da estrutura simples – se apresentarem personagens que atraiam as crianças pelas ações que coincidam com as suas ações do dia-a-dia, sem a idealização piegas da infância entre borboletas e lagos azuis (KHÉDE, 1990, p. 58).

Logo em seguida, a água jogada de um balde pela personagem Ednalva se torna um caudaloso rio, que vem com o alerta: “Cuidado com a pororoca!” (MASSARANI, 2008, p.8). Vemos a imaginação de a criança invadir a história, o faz-de-conta vai embalar a brincadeira no banheiro, inicialmente, com um balde de água assumindo o papel de um grande fenômeno da natureza, como a pororoca[13]. Dessa forma, o leitor já é situado no espaço imaginário da brincadeira, pois vemos que a escolha lexical da autora, com o vocábulo “pororoca”, nos mostra um forte aspecto cultural amazônico que ela insere no enredo. Levando em consideração que o fenômeno natural “pororoca”, nome de origem tupi que quer dizer grande barulho, pode ocorrer em vários lugares do mundo, mas somente no norte no Brasil é tão intenso.

No vocabulário escolhido pela autora, além da pororoca nas próximas páginas, o leitor vai se deparar com palavras que, brincam com a sonoridade,

[13] Pororoca é o fenômeno natural do encontro das águas oceânicas em nível mais elevado, com as correntes fluviais em menor nível de alguns rios que desembocam no mar. (ALVES, 2015, p.1)

rimando e desafiando o leitor a pronunciá-las: Piraputangas, Pirapitingas, Piranambus, Jitubaranas. Além dessas, vemos muitos outros nomes de peixes e outros animais aquáticos, pertencentes à fauna amazônica. Todos esses animais nadam junto com os irmãos na banheira. O texto visual da obra ganha autonomia à medida que mostra também outros animais da região amazônica, povoando o banheiro da família, como a onça, o tucano e a arara.

As identidades amazônicas são mostradas na obra com o banho das crianças na banheira fazendo alusão a um banho em um rio da Amazônia, um costume dos povos dessa região pois, banharem-se nos rios, igarapés, lagos e balneários, faz parte da vida cotidiana de muitos moradores amazônidas, assim como o contato com os animais dessas águas e os outros que são típicos de nossa fauna. Dessa forma, vemos esse aspecto do enredo como positivo, já que valoriza questões socioculturais da nossa região.

As personagens da obra também vêm corroborar com a ideia de identidades da Amazônia, pois eles são fisicamente típicos caboclos, uma mistura de indígena com branco, cabelos lisos, escuros e olhos negros, pele morena. Fugindo de padrões estéticos de cânones literários, com personagens brancos, cabelos e olhos claros, que dominaram as produções literárias por muitos anos, excluindo dos enredos a diversidade racial brasileira.

Uma personagem que, se mostra uma grata surpresa na obra, é um dos irmãos que não está assistindo à televisão no início da história como seus irmãos; não entra na banheira e, também, dispensa o jantar. No final da trama, quando todos estão sentados à mesa, a mãe se dá conta: “Cadê o Edmilson?” (MASSARANI, 2008, p.23). A partir de então, o leitor desatento, que não percebeu essa personagem na trama, pode voltar às páginas anteriores para avistar que, em toda a história, essa personagem esteve com olhos atentos em um livro sobre peixes, desde a capa, na sala e depois no banheiro, entretido, sentado no vaso sanitário, lendo, ele dispensa todas as brincadeiras para se deliciar com uma revista ou livro sobre peixes.

Por ser um livro pensado para um público infantil, percebemos que a ilustração não é somente uma tradução do texto verbal. Os dois textos, verbal e visual, mantêm uma conversa intercambiável que, em muitos momentos do enredo, as ilustrações são autônomas, de forma a enriquecer a história, mostrando ao leitor

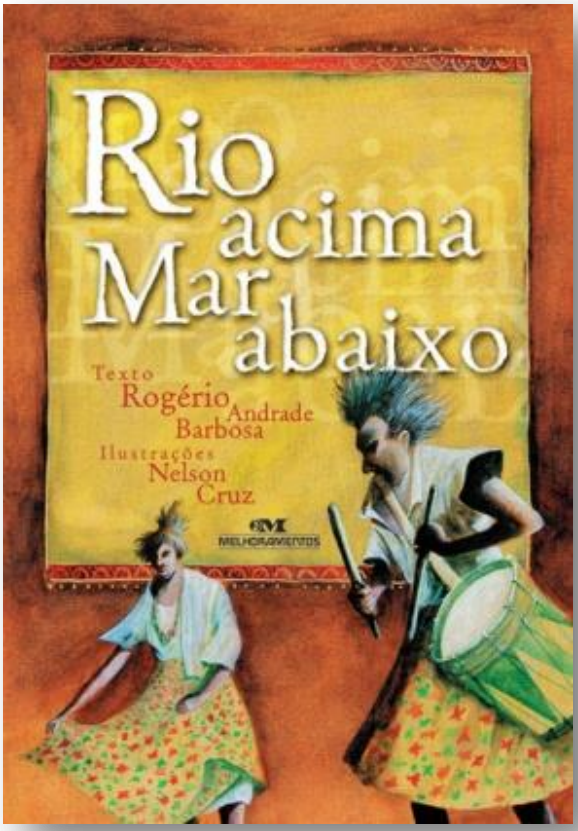
informações que o texto não trouxe, porque no visual já era suficiente. Essa obra, como muitas outras contemporâneas, propicia “à criança experiências estéticas e de sentido com os dois códigos. O ilustrador é igualmente um narrador (...)” (CADEMARTORI, 2010, p. 18).

A ilustração é realmente o ponto alto do livro. Portanto, podemos afirmar que ele pertence a uma categoria específica de livro infantil: livro *imagem-texto* que “o conjunto das imagens é sem dúvida, o protagonista principal” (AZEVEDO, 2005, p. 45).

No livro *Banho*!, além de todas as belas contribuições da ilustração já citadas, encontramos também aspectos da vida infantil de forma natural. As personagens agindo conforme uma criança comum, com sua nudez na hora do banho, o uso do vaso sanitário, a diferença sexual entre meninos e meninas, aproximando o leitor de sua realidade, trazendo-o para dentro do enredo, como se ele pudesse fazer parte daquele banho tão cheio de fantasia e alegria, o que Jesualdo (1993) denomina de *dramatismo*, um aspecto determinante para que uma obra seja considerada de interesse infantil.

Na obra analisada, verificamos, ainda, que a escritora mostra-se autorizada a falar sobre aspectos da Amazônia, haja vista que, no verso da contracapa do livro, podemos encontrar uma das motivações para a autora ter criado a obra. Ela se apresenta, contando um pouco de sua biografia e revelando uma viagem de seis dias pelo rio Amazonas de barco, de Belém a Manaus e outra para a cidade de Tefé para visitar o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, para conhecer os jacarés-açu. “O lugar de fala é o lugar que o locutor ocupa numa cena, sob o fundo da qual locutor e alocutário estabelecem uma espécie de contrato implícito de trocas simbólicas de enunciados” (MARQUES, 1999, p.16). Essas informações revelam que, ao narrar sobre a Amazônia, Mariana Massarani se mostra de um lugar, com fala autorizada, mostrando sua identificação com o lugar sobre o qual emite seu discurso.

3.3.3 Rio Acima Mar abaixo. Rogério Andrade Barbosa[14]



Título do livro: Rio acima mar abaixo
Autor: Rogério Andrade Barbosa
Ilustrador: Nelson Cruz
Editora: Melhoramentos
Ano de publicação: 2002
ISBN: 85-06-03862-6
Categoria: Texto de tradição popular

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

[14] Professor e autor, possui mais de 70 livros publicados, traduzidos para o inglês, espanhol e alemão. Foi indicado para a lista de Honra do IBBY, em 2002, na Suíça e recebeu, em 2005, o prêmio da Academia Brasileira de Letras, na categoria literatura infantojuvenil; Altamente Recomendável para Crianças e Jovens - FNLIJ em 1988, 1990, 1993, 1995, 1996, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008; THE WHITE RAVENS, Alemanha 1988 e 2001 (Selecionado para o acervo da Biblioteca Internacional de Literatura Infantil e Juvenil de Munique).

3.3.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

A obra *Rio acima, mar abaixo,* de Rogério Andrade Barbosa, traz uma história de sabedoria popular: a lenda da pororoca, em uma versão que explica, também, o surgimento da lua e o festejo mais notório do Amapá: o Marabaixo. Os preparativos para o festejo estão a todo vapor, as músicas, danças, as vestimentas, bebidas, tudo sendo preparado para o início da festa mais popular da região, quando a criançada se reúne na casa do Velho Julião para ouvir mais uma de suas histórias. O experiente senhor é conhecido por manter vivos os costumes e tradições da região. Como de costume, as crianças se reuniram para ouvir mais uma história e, justamente por causa do barulho dos batuques da festa do Marabaixo, o Velho Julião lembrou de um estrondo muito famoso: a pororoca. E as crianças logo descobrem que todo o barulho da pororoca começou pelo desaparecimento de Jaci, a canoa preferida da poderosa mãe D'água, a temível serpente dos rios. A partir de então, seu marido, o atrevido Boto Tucuxi e seus dez filhos se juntam nessa busca enfurecida pela canoa perdida. A história é narrada em terceira pessoa: "As crianças, alvoroçadas, regressavam da pescaria" (p.5). As personagens crianças, pescadores, quilombolas, moças e rapazes de uma pequena comunidade e de um quilombo. O Velho Julião e um grupo de quatro crianças são protagonistas do enredo. O tempo dominante é o cronológico, mas o desdobramento para o passado remoto é também utilizado: "Lendas do tempo do ronca – iniciou o contador – dizem que as águas do Amazonas eram tão calmas que crianças como vocês podiam brincar (...)". (p.14). O espaço físico era uma pequena comunidade chamada Vila do Curiaú, habitado por descendentes de escravos. O ambiente é de sabedoria popular e de muita alegria por conta do festejo. O tom formal é predominante, mas permite o tom confessional dos contadores de história: "Certa manhã, a floresta despertou com os gritos angustiados da Mãe d'água (...)" (p.14). O discurso obedece a estética literária das narrativas oralizadas e seu vocabulário pode contribuir para ampliação dos conhecimentos da diversidade cultural brasileira.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

O livro foi escolhido para a análise, principalmente, por tratar de uma festa popular da região, o Marabaixo, que nos parece pouco divulgada na literatura infantojuvenil. Além de trazer uma versão da lenda da pororoca bem interessante, envolve também uma segunda narrativa lendária: o aparecimento da lua.

A trama é iniciada pela chegada de crianças da pescaria, costume comum na região Amazônica, onde os infantes são iniciados na arte da pesca desde muito cedo. O narrador revela uma das paixões das crianças daquela região: "Para elas não tinha coisa melhor do que tarrafear nos rios" (BARBOSA, 2002, p.5), mostrando ao leitor uma modalidade de pesca também corriqueira na nossa região que é o uso

da tarrafa[15]. A alimentação, feita no próprio local da pescaria, com fogueiras arranjadas nas beiras dos rios, lagos e igarapés, também é atividade que muitos pescadores fazem para se alimentarem com peixes frescos: “Tagarelavam, alegres, a barriga estufada com as tainhas miúdas que haviam assado em fogueiras improvisadas sob a luz dos últimos raios de sol” (BARBOSA, 2002, p.5).

A festa popular do Marabaixo, segundo o narrador, é a festa mais popular do estado do Amapá. De tradição negra, é celebrada a partir do domingo de Páscoa. Segundo Gomes (2012), o Marabaixo teve origem na música e dança dos negros escravos vindos da África que, para aceitação da festa pelos seus senhores, seus praticantes misturaram a dança típica com ritos do catolicismo. Portanto, vemos a festa como híbrida, já que ela é uma mistura de manifestações de duas etnias distintas. Mas, principalmente, um costume que busca afirmar a identidade de quem a pratica, desde os negros que buscavam rememorar sua cultura africana até seus descendentes amapaenses que, ainda hoje, fazem a comemoração religiosa para estabelecer sua identidade.

No trecho a seguir, percebemos os traços religiosos e as cantorias de que, normalmente, rememoram fatos tristes que a população vivenciou. Uma vez que fazem parte da programação:

> missas e novenas em louvor ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, a festa tem também muita dança e cantoria. Época de bailar e de ouvir os ladrões, rimas improvisadas pelos cantores, que ecoam pelas ruas enfeitadas com galhos de murta (BARBOSA, 2002, p.6).

As danças que acompanham os *ladrões*, canção improvisada e rimada pelos cantores, muitas vezes relembram o arrastar de pés dos escravos, com suas pernas algemadas e seus movimentos corporais também lembram seus movimentos dentro das senzalas. As vestimentas, saias rodadas e longas com uso de anáguas e para os homens calça branca, também é uma memória da época da escravidão (GOMES, 2012). Quanto ao nome Marabaixo, os estudiosos apresentam várias versões; uma delas seria que o nome lembra a viagem dos escravos mar-a-baixo de seu país, a Mãe África (QUINTELA, 1992).

---

[15] Rede circular de pesca que se arremessa com os braços para apanhar peixes pequenos. (BORZACOV, 2004, p. 284)

As festas religiosas fazem parte da cultura amazônica. São momentos de confraternização, união e alegria. As decorações integram os lugares de cultos religiosos que acontecem nos rios, nas comunidades, deixando a visualidade do local preparada, identificando a festa sagrada, como vimos no trecho acima. As festas favorecem a confirmação cultural de pertencimento, os grupos se identificam pela religião comum, fortalecendo as relações sociais, construindo laços afetivos, exercitando a sensibilidade, pois

> o acontecimento assume os contornos objetivos de um signo em torno do qual as sensibilidades se congregam. Uma densa carga de significações se concentra num determinado espaço social, num momento de contemplação emocionada. A festa plurivalente do olhar (LOUREIRO, 1995, p. 165).

Os festejos têm seus ritos, obedecem regras fixas, as cantorias, as rezas, as bebidas, como vemos no trecho: "(...) embalados pela gengibirra, uma bebida típica, feita com pedacinhos de gengibre, cachaça e açúcar" (BARBOSA, 2002, p.7). As vestimentas também compõem o visual da festa: "As moças, vestindo blusa de renda e saia estampada, são um espetáculo à parte (...)" (BARBOSA, 2002, p.7). Todos os componentes são preparados e seguidos para o sucesso do festejo. Essa festa popular, de acordo com Bosi (1992), como já vimos, pode ser reconhecida como um fenômeno simbólico, dentre os muitos expressos pelas populações das mais diversas formas, é o *imaginário do povo formalizado*.

O *caráter imaginoso* (JESUALDO, 1993) da obra está presente, principalmente, no momento em que o narrador conta sobre a lenda da pororoca, pois os leitores são envolvidos pela trama mitológica. O Velho Julião representa a sabedoria das pessoas mais velhas: "Velho Julião, o mais antigo morador da comunidade, defensor dos costumes e das tradições de sua gente, sabedor dos segredos da manipulação das ervas e raízes da floresta" (BARBOSA, 2002, p.9), que nas culturas em geral, detêm os conhecimentos, geralmente, proporcionam aos mais jovens a narração de histórias das comunidades, oferecendo a compreensão do mundo atual, através da rememoração, sua cultura é vivenciada e perpetuada.

Esse personagem típico é o responsável por iniciar a narração da lenda da pororoca. Aproveitando o gancho do barulho provocado pelos tambores da festa do Marabaixo – que estava em plena realização o velho instiga: "Só existe um barulho

maior do que o rufar dos tambores do Marabaixo (...)" (BARBOSA, 2002, p.10). Com a reação curiosa de seus ouvintes ele responde: "- O rugido da Pororoca! Uma onda gigantesca que se forma quando o mar sobe, invade o estuário dos rios e se choca contra a corrente fluvial, numa velocidade inacreditável, varrendo tudo o que encontra pela frente" (BARBOSA, 2002, p.10). Em seguida, ele revela que esse barulho todo foi causado pelo sumiço de uma canoa chamada Jaci, mas não era uma simples embarcação, era a canoa preferida da serpente mais temida das águas: a Mãe d'água.

Nesse momento da trama, vemos um dos pontos altos do *caráter imaginoso*, defendido por Jesualdo (1993), é o momento em que o narrador apresenta os personagens lendários: Mãe d'água, a grande cobra que vive nos leitos dos rios e seu esposo o Boto Tucuxi, espécie de boto da Amazônia. A partir de então, o jovem leitor é levado pela magia dos poderes desses seres fabulosos. A imaginação é instigada ainda mais quando o contador da história revela quem são os dez filhos de tal casal: Repiquete, Correnteza, Rebujo, Remanso, Vazante, Enchente, Reponta, Maré Alta, Maré Baixa e Maré da Lua. Logo o leitor mais atento vai perceber que os irmãos são todos comportamentos das águas, sendo alguns nomes exclusivos da região amazônica. Dessa forma, o autor usa um vocabulário mais regional para contribuir com a formação cultural de seu leitor.

A atenção da criança também é concentrada na busca dramática que se segue, dos irmãos pela canoa de sua mãe. Buscando nos igarapés, lagos, ilhas, porém sem sucesso. Por isso, resolveram criar a temível pororoca "capaz de entrar em qualquer lugar a fim de descobrir o paradeiro de Jaci" (BARBOSA, 2002, p.18). Nesse momento da trama, o *dramatismo* (JESUALDO, 1996), envolve o leitor pois, enfim, é revelado o paradeiro de Jaci: "Os índios, primeiros habitantes de nossa terra, dizem que a canoa subiu ao céu e transformou-se na Lua" (BARBOSA, 2002, p.20).

Dessa forma, percebemos na trama a autoridade indígena que pela mitologia indígena explica o surgimento da Lua. Como já vimos, a mitologia é uma das muitas contribuições indígenas em nosso processo cultural (LOUREIRO,1995). De tamanha importância, visto que o "mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. (...) é a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a 'ser'" (ELIADE,

1998, p.11). E, principalmente, é um discurso que permite ao ser humano compreender seu mundo contemporâneo, reproduzindo suas contradições, dúvidas e inquietações.

No tocante à contribuição dos negros em nossa formação cultural, vimos também que através de suas danças, músicas, religião, culinária, artes, trabalhos manuais, força de trabalho, ajudaram a marcar traços identitários dos amazônidas. Definindo inclusive as mestiçagens da Amazônia, contribuindo para a formação das identidades amazônicas, assim como em todo o Brasil.

3.4. OS PARADIDÁTICOS E INFORMATIVOS

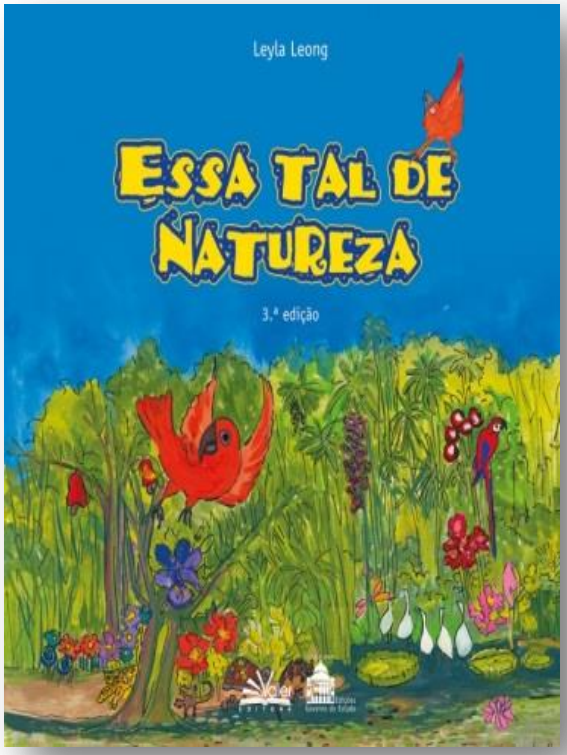
Na categoria Os Paradidáticos e Informativos estão as obras com um forte teor de informação. Tratam sobre a história da região Amazônica, o surgimento das cidades e das comunidades, fatos históricos marcantes, processos migratórios, ciclos econômicos, ou seja, importantes eventos de construção identitária. A preservação ambiental, a reciclagem, os animais em extinção compõem narrativas que objetivam ensinar, informar e dar lições sobre temas ligados à natureza amazônica. Através da literatura, algumas informações pouco conhecidas e outras até curiosas, são abordadas de maneira lúdica para crianças e jovens.

Figura 9: Quadro das obras selecionadas para análise da categoria *Os Paradidáticos ou Informativos.*

Nº	**TÍTULO**	**AUTOR**
1	Essa tal de natureza	Leyla Leong
3	Jacy na Era dos Trilhos	Projeto Ensinar a Ensinar
2	Manaus: do Rio Negro, a capital da floresta	Elson Farias

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.4.1 Essa tal de natureza. Leyla Leong[16]



Título do livro: Essa tal de natureza
Autor: Leyla Leong
Ilustrador: Terezinha Escobar
Editora: Valer
Ano de publicação: 2010
ISBN: 85-7512-078-6
Categoria: novela

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.4.1.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA:

[16] Leyla Leong é jornalista e escritora paraense, porém sempre viveu em Manaus. Tem três livros publicados para público infantojuvenil. Sua obra *Essa Tal Natureza* foi adotada por escolas da cidade de Manaus.

A obra *Essa tal de natureza,* escrita por Leyla Leong, concebida inicialmente como uma peça teatral, é uma história que reafirma o valor da amizade, do respeito aos bichos e as plantas. Tudo começa por causa da curiosidade de um passarinho que tinha vontade de conhecer o mundo além da floresta que ele morava. Depois de muitos dias voando, ele se deparou com uma cidade que chamou de "floresta de pedras" (p.13). Apesar de estar feliz por ter chegado a um lugar diferente de sua floresta, acaba baleado por um guarda da cidade. Com medo e ferido, o pássaro voltou para a floresta e contou ao Rei da mata o ocorrido. Decidido a resolver o mal-entendido, o Rei da mata decide visitar o "Reino Diferente". Na visita, os moradores da floresta, animais, insetos, nuvens, pingos de chuva, levam presentes ao Rei da cidade: pedras preciosas, frutas, flores, enfim tudo que na cidade não havia, pois somente a natureza poderia dar. A partir de então, o Rei da cidade com toda sua ambição se dedicou a capturar essa tal de natureza; queria explorar tudo que ela seria capaz de produzir. Porém, a amizade e a sabedoria dos animais mostrou aos moradores da cidade o verdadeiro segredo da natureza. O enredo é narrado em terceira pessoa: "Um pássaro muito curioso morava em uma grande floresta cheia de bichinhos" (p.7). As personagens são animais da floresta, elementos da natureza e pessoas: crianças, jovens e adultos moradores da cidade. As personagens principais são o pássaro curioso, o Rei na Mata e o Rei da Cidade. As demais personagens são secundárias, alguns são importantes em momentos pontuais da trama. O tempo é o cronológico, já que os fatos ocorrem na ordem natural: "Muitos dias se passaram até a libélula chegar à praça onde o pássaro tinha sido baleado" (p.23). O espaço físico constitui-se em uma floresta e uma cidade, chamada pelo pássaro de floresta de pedra. O ambiente é duo, pois na floresta é de diversidade na fauna e flora, sabedoria por parte do Rei da Mata, já na cidade o ambiente é de ausência da natureza, ambição e dominação do Rei da Cidade. O tom formal é predominante na voz do narrador, mas permite o coloquialismo nas demais vozes: "Aí, eu quero ver se ela vai reclamar de alguma coisa!" (p.35). O discurso obedece à estética literária do gênero e pode contribuir para a reflexão do leitor sobre amizade, respeito à natureza e atitudes de solidariedade. O vocabulário pode contribuir para ampliação de outros horizontes culturais.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

As personagens da trama destacam o *caráter imaginoso* da obra Jesualdo (1993). Visto que os animais ganham grande destaque como os moradores da floresta, personificados, demonstradores de grande amizade e convívio pacífico com a natureza, dispostos a ensinar os segredos da natureza aos homens, dando força ao enredo. Também permitem ao leitor usar sua imaginação em situações concretas em que os bichos são os grandes heróis da história, de forma que, os seres humanos, podem aprender com eles valiosas lições sobre amizade e respeito à natureza.

Um personagem que chama a atenção do leitor é o Rei da Mata, principalmente, pela ilustração que apresenta o grande rei como um indígena,

fugindo do estereótipo de que o rei seria um animal, talvez o mais forte, o mais veloz. Na Amazônia, poderíamos imaginar uma onça, uma jaguatirica ou outro imponente animal da região. Contudo, a obra nos surpreende com a grata informação de que o Rei da Mata não é um animal, mas um sábio ser humano que demonstra íntima relação com a natureza. Essa informação, não fornecida pelo texto, mas sim pela ilustração, mostra certa autonomia do texto visual e reafirma seu caráter imaginoso, já que faz parte da qualidade imaginosa "desenhos ou ilustrações que mais sugerem do que dizem" (JESUALDO, 1993, p.37).

Com importante papel na obra, a figura do indígena é exaltada e reconhecida como conhecedor da natureza, autoridade máxima para o cuidado com tal riqueza. Na história do Brasil e, principalmente, da Amazônia, os povos indígenas foram os primeiros moradores, gozando de ampla sabedoria diante dos elementos da natureza, usos de plantas, criatividade na preparação de alimentos e grande organização comunitária com seus diversos povos. Como já vimos nas contribuições de Souza (2009), na época em que os europeus chegaram à Amazônia, eles já se depararam com sociedades indígenas populosas, com estrutura hierárquica, altamente organizadas.

A sabedoria dos idosos é tema recorrente na literatura infantil. Na obra analisada, um idoso é indicado como pessoa mais experiente e sábia para ler a carta enviada do Rei da Mata para o Rei da Cidade, avisando uma futura visita: "De repente, alguém lembrou que o velho mais velho da cidade poderia saber. Afinal, os velhos sabem tanta coisa..." (LEONG, 2010, p.25). As personagens de história infantil podem ser marcadas por uma tipologia geral, uma delas é o persoagem tipo, na história analisada temos o velho, pois ele é "marcado por um único traço"(KHÉDE, 1990, p.19). Nesse caso a sabedoria, principalmente, adquirida pela experiência de vida. Tanto é que na história o idoso é o único morador da cidade que já viu um árvore, passando essa valiosa informação para as crianças: "(...) enfiou a mão até o fundo de uma bolsa velha que trazia pendurada no ombro e de lá tirou uma fotografia. – Isto é uma árvore – disse bem devagar. – Mata são muitas árvores juntas" (LEONG, 2010, p.25).

Outro persongem tipo é o Rei da Cidade. Personagens como reis, rainhas, princesas, "significam a fantasia do poder e os conflitos dos relacionamentos interpessoais" (KHÉDE, 1990, p.24). Em *Essa tal de natureza*, o leitor verifica logo,

pela aparência, a presença do rei com suas típicas vestimentas, o palácio como moradia, mas, principalmente, pelo autoritarismo, ambição e egoísmo, demonstrados pela personagem do Rei da Cidade. Como antagonista da trama, seu objetivo principal é capturar a natureza e explorar tudo que ela pode oferecer, como vemos na conversa entre o Rei da Mata e o Rei da Cidade:

> - Só a natureza sabe fazer essas coisas.
> - A natureza? – repetiu o Rei da cidade. – Quero contratá-la para trabalhar no meu Reino!
> - A Natureza, Majestade, é muito exigente, caprichosa e gosta de muito carinho – disse o Rei da Mata...
> - Não tem problema. Eu mando preparar o melhor quarto do castelo para ela.
> - Mas ela gosta de muito ar puro...
> - Eu mando instalar um ar-condicionado...
> -Ela gosta também de muita água...
> - Eu dou tudo isso para ela...
> -Mas vossa majestade esqueceu do carinho!
> - Ih!... agora complicou... (LEONG, 2010, p.33).

A cidade representada pelo Rei demonstra a ambição do homem que destruiu a natureza para a contrução de uma *floresta de pedra*, contruída ao redor do palácio do Rei, com muitos prédios cinzenta pela poluição dos carros, sem qualquer presença de árvores ou animais: “Aquela cidade há muito tempo não via um pássaro nem ouvia um som tão delicado. Só mesmo os ruídos das máquinas e as buzinas dos carros” (LEONG, 2010, p.15). Dessa forma, vemos um contraste visual, proporcionado pela ilustração que revela a beleza da natureza, com sua diversidade na fauna com animais da amazônia: tucanos, araras, jabutis, tatus; e na flora, com variadas frutas da região: açaí, banana, caju, melancia, pupunha; com imagens coloridas, em contraponto com a cidade, com poucas cores, parecendo pouco povoada, dando maior destaque ainda para a presença da natureza quando chega à cidade.

A partir do que vimos nessa obra, percebemos que a questão ambiental é o tema principal do livro. Como característica, o livro paradidático apresenta a intenção pedagógica de educar para a educação ambiental. No enredo, notamos que a agressão à natureza (para a construção da cidade) foi tão grande a ponto de as crianças, a maioria dos moradores e até o Rei não conhecerem a natureza. Tanto que, a partir do momento em que o Rei da Mata leva os presentes para o Rei da Cidade, esse fica encantado, mas, ao mesmo tempo, quer dominá-la, possuí-la: “A

comitiva seguiu o caminho de volta, sem saber que estava sendo seguida por um soldado. Ele queria descobrir onde estava a Natureza para levá-la ao Rei da Cidade" (LEONG, 2010, p.37). Demonstra-se, assim, a grande generosidade dos animais da floresta, pois mostram ao soldado que a natureza está em toda parte naquela floresta e que ele poderá levá-la ao Rei com o consentimento dos moradores dali:

> (...) entregando-lhe umas sementes que recolhera do chão. – Tome, aqui está a natureza.
> – Só isso? – duvidou o soldado.
> - Preste atenção - pediu o tatu – Dentro dessas sementes está guardada a Natureza. Leve-as para a cidadee guarde-as dentro da terra. Todos os dias dê água para elas, misturada com muito carinho.
> - Só isso?
> - Depois acontece um milagre (...) (LEONG, 2010, p.41).

Nesse desfecho da trama, os jovens leitores se deparam com a valorização das coisas mais simples, as quais a trama vem enfatizar que são, verdadeiramente, importantes: o valor da amizade, o respeito aos animais, plantas e tudo que pode tornar a vida do ser humano melhor. Todos esses benefícios exige como retorno: seres humanos mais respeitosos, sensíveis, pródigos e solidários com tudo o que a natureza nos dá. Essa carência de natureza na cidade pode levar o leitor a refletir quais são os motivos da ausência dos animais, frutas, plantas, árvores, em toda a cidade. Provoca-se, dessa forma, reflexões acerca de generosidade, solidariedade e respeito à natureza.

A Amazônia é reconhecida, mundialmente, pela exuberância, beleza e diversidade na sua biodiversidade. Toda essa variedade foi alvo de exploração, destruição e dizimação de povos dessa região desde a chegada dos colonizadores. Ainda hoje, o crescimento das cidades é feito em detrimento da preservação ambiental. Em razão dessa destruição, as campanhas e movimentos em favor da natureza têm crescido consideravelmente. São temas recorrentes nos livro paradidáticos de literatura infantil que buscam envolver o leitor nessa conscientização. Na obra em questão, todo esse contexto envolve o *dramatismo*, importante característica da literatura infantil de qualidade, responsável por prender a atenção do leitor, permitindo que ele veja na obra suas *imagens interiores* (JESUALDO, 1993), visto que o leitor é envolvido pelas reflexões de conservação da natureza e todos seus elementos, tendo essas como grandes desafios do nosso tempo.

3.4.2 Jacy na Era dos trilhos. Projeto Ensinar a Ensinar[17]

Título do livro: Jacy na era dos trilhos
Autor: Núcleo de Desenvolvimento do Programa de Educação na Amazônia – Projeto Ensinar a Ensinar
Ilustrador: Alunos da Escola Joaquim Vicente Rondon
Editora: Edufro
Ano de publicação: 2002
ISBN: 85-88436-42-6
Categoria: Memória

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

3.4.2.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA:

[17] Ensinar a Ensinar foi um projeto, fruto de uma cooperação institucional da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Secretaria Municipal de Educação, Centro de Pesquisas de Populações Tradicionais Cuniã e Raytheon Brasil Sistemas de Integrações Ltda. Produziu o livro como resultado de trabalho que envolveu Escola e Comunidade, com professores e alunos da alfabetização à 4ª série da rede da Escola Joaquim Vicente Rondon localizada no município de Jacy Paraná- RO.

Jacy na era dos trilhos é fruto do projeto Ensinar a Ensinar. A obra conta a história de amor entre uma Estação com um Trem. Por alguns anos, eles se encontravam semanalmente, por alguns minutos, apenas, enquanto os passageiros compravam seus alimentos na Estação. A chegada provocava grande alvoroço na cidade de Jacy Paraná, localizada a 90 km de Porto Velho, capital de Rondônia, pois muitos moradores da cidade aproveitavam para vender seus produtos aos passageiros do Trem e, às vezes, compravam mercadorias que vinham no Trem. Porém, em 1972, o Trem parou. A população não sabia explicar e, nem mesmo a apaixonada Estação tinha ideia de onde estava o seu amado. Só se ouvia falar que a estrada de ferro tinha sido desativada. Muitos anos depois, em busca do Trem que havia sumido, os alunos da escola resolvem fazer uma viagem no tempo, passando por cada monumento histórico da Estrada de Ferro Madeira Mamoré –E.F.M.M., à procura de notícias do Trem. A viagem proporciona ao leitor conhecer a cidade de Jacy-Paraná através de seus pontos históricos, já que, ao longo da caminhada, um pouco da história de cada monumento é relembrada: em que ano foi criado, com que finalidade, quem frequentava o local e, principlamente, como ele está no momento; recria-se a história da comunidade de forma lúdica e informativa. O enredo é desenvolvido por um narrador na primeira pessoa do plural: “Hoje tentamos alegrá-la com nossas brincadeiras e nossas festas (p. 6). As personagens são os monumentos históricos da cidade de Jacy Paraná: a Igreja, a Casa dos funcionários, a Sub-delegacia, a Cadeia, entre outros; além dos moradores da região: homens, mulheresm crianças, jovens e trabalhadores: seringueiros, agricultores e pescadores. As personagens principais são a Estação e o Trem: “Um dia, a estação ficou triste. O trem havia desaparecido” (p. 5). As demais personagens são importantes em momentos pontuais da trama. O tempo dominate é o cronológico, mas o desdobramento para o passado tem lugar nas recordações que o narrador vai encontrando a cada monumento histórico: “Vamos até a CACHOERINHA. Ela era muito utilizada pelas pessoas na época da Estrada de Ferro Madeira Mamoré para tomar banho e lavar roupa” (p.15). O espaço físico é a cidade de Jacy Paraná e o ambiente é de saudosismo, principalemnte pelos monumentos não estarem mais em funcionamento. Há suspense pela constante busca ao Trem e tristeza pelo abandono e a deterioração dos monumentos históricos. O tom predominate é formal na voz do narrador, mas permite o coloquialismo em algumas passagens: “Foi aí que alguém se lembrou” (p.15). O discurso obedece à estética do genêro memórias e pode contribuir para a reflexão sobre diversos assuntos ligados às identidades locais. O vocabulário remete o leitor a outros horizontes culturais.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

A história é apresentada pela expressão *era uma vez*, típica de contos infantis em que a narrativa é histórica, passada num tempo remoto: “Era uma vez, uma Estação que morava no meio da floresta Amazônica, na beira de um rio bonito, conhecido por Jacy-Paraná” (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 1). Em seguida nos é apresentado o contexto da trama: “Quando o Trem chegava, a Estação se movimentava. (...) Depois de muito tempo feliz, um dia, a Estação ficou triste. O Trem havia desaparecido” (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 5). A

partir de então, vemos que o *dramatismo (JESUALDO, 1993),* é acentuado, principalmente, pelo envolvimento do leitor com a trama na busca pelo Trem. À medida que os monumentos vão sendo apresentados, além da criança ou jovem ampliar seu horizonte cultural, descobrindo informações sobre o patrimônio cultural da comunidade, ele também se envove na história, na busca incessante pelo Trem, em meio ao suspense. Cada amigo vai revelando o que sabe sobre o paradeiro do Trem: "Uma esperança surge de repente. Amiga de confidências, a caixa D'ÁGUA poderia nos dar informações do Trem" (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 9). A expectativa acompanha o leitor até o final da obra, quando os alunos conversam com o útlimo monumento histórico: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e descobrem que: "O trem estava morrendo num asilo em Porto Velho" (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 17).

O livro mostra a trajetória do Trem que, personificado, demonstra seus sentimentos, no auge da felicidade quando fazia seu percurso e encontrava sua amada: "De longe ele avisava que estava chegando: - Piiiii, Piiiii, iiiiiiiiii..." (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 3), até seu fim:

> (...) Não havia mais borracha para ele transportar dos seringais. Não tinha mais passageiros para ele carregar. Imóvel e sem poder ver sua amada, o Trem vivia sujo e esquecido. Corroído pela ferrugem, aguardava o dia de poder rever a Estação que tanto amou (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 17).

No trecho acima, podemos refletir sobre a questão do abandono do idoso, uma realidade social humana que pode ser comparada à trajetória vivida pelo Trem, remetendo-nos, mais uma vez, ao *dramatismo* da obra, pois, apesar de ter sido útil para todo o Estado de Rondônia por muitos anos, com sua função econômica e social relevante, ele tem um triste fim, abandonado e esquecido em um asilo, lugar que remete à tristeza, solidão e abandono.

Os monumentos como personagens nutrem o *caráter imaginoso* (JESUALDO, 1993) da obra. Permitindo que o leitor, ao fazer a viagem no tempo, em busca do trem, alimente sua imaginação ao passar por todos aqueles símbolos, prédios, casas, construções diversas que personificadas falam, revelam seus sentimentos: "(...) a Estação não sente mais alegria. Ela está muito triste, não tem mais vida" (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p.6).

Essa qualidade imaginosa também é alargada pelas ilustrações feitas pelos alunos, com traços simples, coloridos, podem proporcionar à criança que lê a obra uma identificação com aqueles traçados tão semelhantes aos seus, próximos a sua realidade criadora. Através dos desenhos, o leitor viaja no tempo, conhece a história de uma comunidade pelas imagens de outra criança e deixa ainda mais íntima a comunicação entre obra e leitor. Tamanha é a importância das ilustrações que, podemos classificar a obra como *livro-misto*, já que "o texto escrito e as imagens dividem em pé de igualdade essa espécie de palco que é o livro" (AZEVEDO, 2005 p. 45).

O fato de a ilustração ter sido realizada pelos alunos da Escola em que o projeto foi implantado, foi de grande importância, visto a valorização do sujeito que participou de todas as etapas que antecederam a produção do livro: pesquisas, entrevistas, leituras, estudos, fotos, desenhos. Todas essas atividades contribuiram para a ampliação do conhecimento histórico e literário das crianças que ajudaram a produzir a obra.

A preservação do patrimônio cultural é tema importante do livro, inclusive um dos motivos por que classificamos a obra dentro da categoria Paradidáticos ou Informativos, visto que a obra mostra que a maioria dos monumentos históricos da comunidade de Jacy Paraná, estavam esquecidos, deteriorados pela ação do tempo ou destruídos pelos próprios moradores. Como vemos sobre a CAIXA D'ÁGUA: "Hoje está velha e enferrujada. Levaram as correntes e as rodas que serviam para puxar a água" (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 9). Ou sobre a ESCADARIA: "Atualmente, encontra-se toda quebrada e suja" (PROJETO ENSINAR A ENSINAR, 2002, p. 10). Ao mostrar a realidade dos monumentos, a obra pode proprocionar uma reflexão importante aos leitores: a necessidade de conhecer e preservar o patrimônio cultural, possibilitando imaginar como seria se essas personagens estivessem preservadas, bem cuidadas e, principalemnte, lembradas pelas autoridades e moradores. Talvez o final da história entre o Trem e a Estação tivessse um final feliz.

Apesar da destruição de parte do patrimônio cultura, os alunos reconhecem que a história não foi destruída. Podemos verificar quando falam da ESTAÇÃO: "Não tem luz, levaram suas portas e suas janelas. Destruíram seu telhado. Cercada de mato e lixo, ela apenas faz parte de nossa história" (PROJETO ENSINAR A

ENSINAR, 2002, p. 6). Essa história, apesar de ter seus personagens principais desvalorizados pelo tempo e ação do homem, está podendo ser resgatada, recontada e revitalziada pela literatura com a produção da obra literária pelos alunos.

Abordar a história de uma parte da Amazônia é um fator de valorização cultural e reconhecimento identitário, visto que "A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, se símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de belezas, de utopias" (LOUREIRO, 1995, p.77). Por isso, é importante rememorar o passado e, conhecê-lo, pode promover a compreensão do presente. Dessa forma, vemos a importância de projetos como o Projeto Ensinar a Ensinar, pois esse alcançou o resgate e valorização da história da comunidade, através da interação entre escola e comunidade, uma vez que os moradores mais antigos foram consultados e entrevistados para que se conhecesse a história do local.

Assim, foi possível proporcionar, primeiramente aos alunos e, posteriormente, aos possíveis leitores amazônidas, a construção de suas identidades através da literatura.

3.4.3 Manaus: do Rio Negro, a capital da floresta. Elson Farias[18]

18 Elson Farias é um escritor amazonense que tem mais de 30 livros publicados. Inspirado em seu filho Zezé, escreveu uma série de dez histórias com o nome de Aventuras do Zezé na floresta amazônica, adotada nas escolas públicas e particulares de Manaus. Toda a sua produção literária é marcada por aspectos da paisagem, da história e o mito do homem amazônico. Com alguns companheiros, fundou em Manaus a União Brasileira de Escritores do Amazonas, sendo seu primeiro presidente. Foi presidente da Academia Amazonense de Letras.

Título do livro: Manaus do Rio Negro, a capital da floresta.
Autor: Elson Farias
Ilustrador: Rodrigo Abrahim
Editora: Cortez
Ano de publicação: 2011
ISBN: 978-85-249-0948-1
Categoria: Memória

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

13.4.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA:

Manaus do Rio Negro, a capital da floresta é uma obra escrita por Elson Farias que conta a história da cidade de Manaus. Fazendo uma viagem no tempo, o autor mostra como foi o nascimento da cidade às margens do mais famoso encontro de águas do Brasil: Rio Negro com Rio Solimões. Conta sobre a chegada dos europeus no local, os feitos dos primeiros católicos na região, assim como relembra o leitor sobre os povos que aqui já moravam: os indígenas. Mostra um pouco dos primeiros monumentos da cidade, inclusive, explicando os vários nomes que a cidade recebeu, até chegar o nome atual que tem origem indígena. O crescimento econômico e social também é exposto, relatando as principais atividades econômicas que foram realizadas ao longo da história dessa cidade. As transformações sociais ocorridas no local, a herança cultural e arquitetônica, deixada pelos diversos povos que habitaram Manaus, completam a narrativa. O enredo é narrado em primeira pessoa: “Eu nasci perto do encontro das águas” (p. 2). As personagens são comuns, pessoas de diversas etnias que habitaram a cidade de Manaus. A personagem principal é a própria cidade que se encarrega de contar a história: “Minha formação se fez do encontro de dois povos, o europeu e o índio” (p. 2). O tempo dominante é cronológico, mas o desdobramento para o passado acontece nas recordações que a protagonista tem: “Houve até um casamento de um oficial português com a bela filha de um destacado representante dos Manaus (...)” (p. 11). O espaço físico é a cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. O ambiente é expansão territorial, crescimento econômico e social. O tom formal é predominante na voz do narrador. O discurso obedece à estética literária do gênero memórias e pode contribuir para o conhecimento histórico e cultural do leitor.

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

A obra exalta a cidade de Manaus de forma patriótica. Retoma a história da cidade, desde sua fundação com a chegada dos europeus, as primeiras atividades econômicas, seu crescimento arquitetônico e a formação da população com as influências culturais: indígena, africana e europeia.

A maneira como a obra apresenta a história de Manaus revela um forte traço intitulado por Jesualdo (1993) como *técnica do desenvolvimento*, responsável por envolver o leitor, principalmente, ante sua avidez, distribuindo os fatos com clareza na trama. Apresenta a história daquele local de forma linear, concreta, de estilo simples, mas que sacia a curiosidade do leitor diante das circunstâncias de nascimento e crescimento da cidade amazonense. O modo como a própria cidade de Manaus é posta como protagonista e narradora da obra, também contribui para o *caráter imaginoso* da obra, por demonstrar ao leitor a onipresença e onisciência eficazes para uma obra literária que pretenda envolver o leitor. A personagem principal conta os fatos com propriedade, de forma expressiva, capazes de manter o leitor informado, contando curiosidades e ao mesmo tempo proporcionando reflexões e contribuindo para o crescimento cultural e literário dos jovens leitores.

Ao longo da trama vemos a valorização do desenvolvimento local feito, principalmente, pelas mãos da igreja católica, na parte física da cidade, com relação às moradias: “A chegada dos padres carmelitas ajudou a organizar a minha população” (FARIAS, 2011, p. 8), também o alargamento nas artes: musicais, arquitetônicas e culinárias: “Sou a única cidade da América do Sul a apresentar um festival anual de ópera” (FARIAS, 2011, p. 23). Assim como a contribuição dos indígenas na cultura, visto sua sabedoria culinária e seus costumes:

> Se vocês olharem atentamente para mim hão de observar dois traços bem definidos em minha cultura: o lado europeu, visível no traçado das minhas ruas e na arquitetura das minhas casas, e o lado índio, com os gostos da nossa comida e dos nossos hábitos, como a rede de dormir, a farinha de mandioca, o tucupi, o tucumã e os vários pratos com que se saboreiam os peixes de rio (FARIAS, 2011, p. 23).

Porém, de acordo com Loureiro (1995, p. 293) a história da Amazônia é uma mistura de imposição cultural, por parte dos europeus, inclusive com o uso de violência, outras vezes persuasivas. Já que o desenvolvimento alcançado pela cidade de Manaus e, na maioria da região Amazônica, foi fruto de invasões e comprometimento das populações indígenas, inclusive, com a escravização de tais etnias. Na obra vemos de forma superficial esse processo conflituoso: “Eles não gostavam dos portugueses porque os consideravam invasores. Foi preciso muita conversa e acordos para eles se entenderem” (FARIAS, 2011, p. 15), visto que o entendimento entre nativos e estrangeiros não foi alcançado apenas através de conversas e acordos. Antes da paz, houve muitas guerras, destruição, dizimação de povos indígenas e portanto os nativos, como parte mais fraca, tiveram que ceder, abrindo mão de sua própria cultura, sofrendo uma *desculturação* (LOUREIRO, 1995, p. 294).

A obra mostra como a diversidade da população Manauense, como em toda Amazônia, é composta pela vinda de diversos povos para a constituição da população, inicialmente com os europeus: “Minha formação se fez do encontro de dois povos, o europeu e o índio. O índio que já vivia nessas águas e o europeu que chegou pelo mar, do outro lado do Oceano Atlântico” (FARIAS, 2011, p. 2). Posteriormente outros migrantes ajudaram a compor a cidade amazonense:

> Minha riqueza atraiu muitos povos, não só portugueses, mas também alemães, ingleses, italianos, japoneses. Chegaram, também, habitantes de outras partes do Brasil. Vieram maranhenses, cearenses e nordestinos em geral. Vieram cariocas, paulistas, mineiros, que muito ajudaram a me embelezar (FARIAS, 2011, p. 15).

Toda a Amazônia foi composta de migrantes, desde as primeiras explorações dos europeus, passando pelos ciclos econômicos que atraiam muitos trabalhadores de outros estados e países, até os dias atuais. No princípio, pelo forte contato entre indígenas e portugueses, resultou na cultura mameluca que foi básica e determinante para a cultura que hoje denominamos cultura amazônica (LOUREIRO, 1995, p. 295).

Como vimos acima, há a presença dos nordestinos que contribuíram fortemente, tanto na mão de obra para o crescimento econômico, quanto para uma acumulação cultural. Por isso, também concordamos com Loureiro quando afirma que muitos nordestinos “tornaram-se culturalmente caboclos (...) independentemente da condição racial (...)” (LOUREIRO, 1995, p. 27). Portanto, todos os povos que migraram para a Amazônia foram responsáveis por esse candeamento cultural que transparece na cultura amazônica, que não pretende ser pura. Como já vimos, a hibridez é constituinte de quaisquer culturas, pois todas se produzem na prática do cotidiano e nas experiências de vida de seus habitantes.

O livro toca sutilmente em um tema que até hoje, nós moradores na Amazônia percebemos, seja pela visão de moradores da Amazônia, seja por pessoas de outras regiões do Brasil: a Amazônia não seria civilizada, não gozaria de desenvolvimento, não teria crescimento social e econômico. Como vemos no trecho: “Cresci e me transformei naquilo em que ninguém acreditava, num pedaço da civilização ocidental plantado no centro da Floresta Amazônica (...)” (FARIAS, 2011, p. 07). Mais uma vez, apesar do livro se referir à cidade de Manaus, podemos ampliar essa opinião para a maioria das cidades amazônicas. A história de exploração da Amazônia pode ser incluída como uma das causas para essa visão pessimista e preconceituosa que envolve o desenvolvimento e reconhecimento da região. Apesar de toda a riqueza natural, cultural, literária e humana, ainda é marginalizada e menosprezada pelo poder público e ainda vista por alguns autores como uma subcultura.

A beleza natural da cidade também é incluída na obra. A protagonista lembra o leitor sobre a importância da preservação ambiental quando fala sobre os igarapés: “Em verdade, acho que, nas transformações que venho sofrendo ao longo do tempo, os meus habitantes devem manter esses caminhos de água limpos e arborizados, para que os peixes continuem passeando pelos igarapés, que são veias do meu sangue” (FARIAS, 2011, p. 18). Nessa passagem, o livro propõe uma reflexão, por parte dos leitores, acerca da poluição das águas, usando uma bela metáfora “são as veias do meu sangue”, mostrando a importância dos rios para os habitantes da Amazônia, como parte fundamental da sobrevivência de muitos moradores ribeirinhos, pescadores, assim como para os animais, de forma que essa preservação proporcione um equilíbrio ambiental da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, tivemos a intenção de refletir sobre o espaço ocupado pela identidade e a cultura amazônica na produção literária Infantojuvenil brasileira. Ao longo do processo de produção, nosso objetivo principal foi contribuir para as pesquisas da área de Estudos Descritivos e Aplicados de Línguas e Linguagens, no contexto da Amazônia, mapeando as produções literárias infantojuvenis que revelassem a cultura e a identidade amazônicas.

A partir do objetivo central, empreendemos três específicos: identificamos quais aspectos da Amazônia eram mais recorrentes em obras de literatura Infantojuvenil; pesquisamos e relacionamos as produções sobre a Amazônia voltadas para o público infantojuvenil realizadas nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima e analisamos questões identitárias da Amazônia em livros infantojuvenis.

A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, adotamos os procedimentos da pesquisa bibliográfica e utilizamos o método *Análise de Conteúdo* para coletar e analisar o *corpus*.

As análises foram realizadas considerando, principalmente, as contribuições significativas de Jesualdo (1993), ao elencar as quatro principais características de uma literatura infantil, como vimos: caráter imaginoso, dramatismo, linguagem e técnicas de desenvolvimento; as concepções de cultura, de Bhabha (1998); os aspectos que marcam a cultura amazônica, com Loureiro (1995) e as concepções de identidade, com Hall (2001) também foram de muita relevância.

Visando o primeiro objetivo específico desta pesquisa, categorizamos o *corpus* de acordo com os temas recorrentes e concluímos que os aspectos da Amazônia mais abordados foram os que envolviam a vida indígena e os mitos e lendas, resultando na categoria que denominamos *Narrativas indígenas e outras de tradição oral.* Esse resultado se dá por vários motivos: o primeiro é a própria riqueza cultural da Amazônia, tornando-se fonte abundante de inspiração com seus símbolos, sua relação tão íntima com a natureza que beneficia a presença dos elementos míticos na vida e, consequentemente, na produção literária; além da vasta população indígena que já habitou e, hoje em considerável menor número, ainda habita essa região; finalmente, a produção literária de alguns autores que se

destacam pela quantidade de obras publicadas com tais temas, principalmente, autores indígenas, presença que vem crescendo ao longo dos anos. Percebemos que o autor Daniel Munduruku, autor indígena da Amazônia, colaborou de forma significativa para os números finais ao contabilizarmos a categoria em questão, além do fato de que, os mitos e lendas, fazem parte da cultura indígena o que contribuiu para essa categoria ser a que mais se destaca quando o assunto é literatura sobre e na Amazônia.

A fim de atendermos o segundo objetivo específico desse estudo, pesquisamos e listamos os livros produzidos nos seguintes estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima. Identificamos que o estado que mais produz literatura infantojuvenil é o Amazonas, seguido do estado do Pará. O que chamou nossa atenção, no caso do autor citado Daniel Munduruku, é a grande quantidade de livros publicados por ele, o que impacta, consideravelmente, o *ranking* dos estados dessa região. O autor amazonense Elson Farias, foi o autor que mais produziu livros em seu estado, o Amazonas, com mais de trinta títulos. Levando em consideração as dificuldades enfrentadas pelos escritores para publicar livros no Brasil, acreditamos que um grande incentivo para esse número significativo de publicações desse autor, se deu pelo incentivo econômico e cultural de que seus livros e coleções foram adotados em escolas públicas e particulares de Manaus.

Nosso terceiro e último objetivo consistiu em analisar questões identitárias amazônicas em nove títulos do nosso *corpus*, três livros de cada categoria. Em cada obra analisada, destacamos as principais características responsáveis pela classificação infantojuvenil das obras que proporcionam à criança ou jovem o prazer na leitura. Vimos essas características como fatores principais para que uma obra possa ser considerada de qualidade. Portanto, as nove obras escolhidas atenderam aos dois objetivos principais da literatura infantil: *a distração e o prazer*.

Nas obras da primeira categoria, *Narrativas indígenas e outras de tradição oral*, identificamos diversas questões identitárias expostas de forma positiva: a sabedoria dos povos indígenas, a ancestralidade e as tradições indígenas que vêm afirmar o pertencimento e a valorização de sua cultura. O escritor indígena, de forma particular, afirma sua identidade à medida que enriquece a produção literária com os aspectos culturais do seu povo. O vocabulário regional e indígena também é um forte fator identitário que contribui para a ampliação dos horizontes culturais de seus

leitores. As obras dessa categoria bebem no manancial da cultura oral trazendo os mitos e lendas como riqueza cultural, provando que a principal contribuição da literatura da Amazônia à literatura nacional é justamente através dos “produtos desse imaginário”. Nas referidas obras percebemos, também, conflitos identitários que demonstram a realidade das sociedades na modernidade como “celebração móvel” - as constantes adaptações identitárias que somos levados a ter em razão dos sistemas culturais em que vivemos.

Na categoria *Natureza e os costumes amazônicos*, identificamos a exaltação da natureza amazônica e dos fenômenos naturais típicos dessa região, privilegiando a estética da cultura amazônica. A valorização dos costumes amazônicos que envolvem a culinária, danças, festas populares e religiosas e a linguagem, são abordados como intensos aspectos socioculturais que marcam as identidades dos povos amazônidas. A vida dos ribeirinhos igualmente está presente nas obras analisadas, com ricas descrições de sua vida cotidiana, a maciça presença das águas e suas simbologias. A íntima relação com a natureza, a sabedoria desses habitantes com suas crenças, culinárias, artes na pescaria, remédios caseiros e festas demonstram, principalmente, uma conservação de valores tradicionais de sua história. Outro aspecto encontrado nos livros foi a presença de personagens que fogem aos padrões físicos de cânones da literatura. A diversidade física observada valoriza a pluralidade de migrantes dessa região, responsável pela rica miscigenação, presente nos habitantes da Amazônia.

A partir da análise da última categoria, *Paradidáticos e/ ou informativos*, notamos, mais uma vez, a presença dos personagens indígenas como nativos da Amazônia e profundos conhecedores da história dessa região, assim como sabedores dos mistérios da natureza, da vida ribeirinha, detentores de conhecimento e criatividade peculiares diante dos elementos da natureza. As questões ambientais são fortemente usadas nessas obras, com as intenções pedagógicas de ensinar, conscientizar, informar e denunciar os abusos feitos à natureza, objetivando, através da literatura, provocar reflexões que envolvam preservação da fauna, flora, do patrimônio cultural dentre outros problemas atuais. Observamos, ainda, a valorização das histórias das comunidades, as curiosidades que marcam seus nascimentos, a diversidade étnica dos primeiros habitantes, as contribuições

culturais deixadas por seus diferentes migrantes, assim como a valorização da miscigenação, fruto da pluralidade de povos que ajudaram a formar toda a região.

De forma mais diminuta, os livros mostram um pouco dos processos conflituosos entre os europeus e os nativos da Amazônia que, em nossa opinião, marcaram de forma determinante a história dessa região. Dessa forma, percebemos que tudo isso são fatores de valorização cultural e reconhecimento identitário.

Diante das considerações apresentadas, apreendemos também que as identidades amazônicas têm se tornado cada vez mais importantes como uma identidade local, regional, pois de acordo com Hall (2001), essas identidades "têm se tornado mais importantes, colocadas acima da cultura nacional", já que a homogeneização cultural que, normalmente, uma cultura nacional exige está seriamente enfraquecida pelas infiltrações culturais.

A partir do presente estudo, passamos a considerar os benefícios das literaturas sobre e na Amazônia como grandes beneficiadoras de seus leitores, pois, mesmo sabendo que os possíveis leitores de uma obra literária podem e devem ser diversos, no caso de vários locais, os leitores da Amazônia são contemplados com a divulgação e a valorização da sua cultura, provocando neles um sentimento de pertencimento devido à familiaridade com temas do seu cotidiano, da sua realidade, vendo suas identidades dentro das histórias, sendo "exibidas" como sugere Bauman (2005).

Ressaltamos, também, que o processo de construção desse trabalho enfrentou algumas dificuldades. A maior delas, sem dúvida, foi em encontrar as obras de autores da região. Nas livrarias, o espaço dedicado às obras regionais é muito escasso, nas bibliotecas, infelizmente, ainda são poucas as obras regionais. Esse fato nos levou a pensar que, os próprios autores, não investem na divulgação por meio das bibliotecas, já que o acervo doado ou comprado pelos órgãos competentes ainda é reduzido. Em *sites* da *internet*, a mesma dificuldade foi encontrada, muitas vezes, achávamos apenas o título das obras, mas não tínhamos acesso ao conteúdo do livro e muitos não estão mais disponíveis para a compra. Outra possível explicação para a ausência das obras físicas pode estar associada a dificuldade de publicação enfrentada pelos autores. Sabemos que há pouco incentivo financeiro e, por isso, os próprios escritores acabam custeando toda a despesa para a publicação das obras, prejudicando, consequentemente, a

quantidade de impressões, divulgação e venda. Quando a produção é totalmente vendida e/ou distribuída, o acesso posterior a essas obras fica muito limitado pela dificuldade financeira de reeditar os livros.

Apesar das dificuldades elencadas acima, gostaríamos de ressaltar a gentileza que alguns autores regionais (aqueles que conseguimos contato), tiveram ao se colocarem a disposição em ajudar-nos na busca de suas respectivas obras. Foram todos muito gentis, como já mencionamos, ao nos conceder informações, sugerir títulos de outros autores e até nos presentear com algumas obras, ajudando-nos, assim, na constituição da presente pesquisa.

A hipótese apresentada no início desse trabalho de que a literatura infantojuvenil sobre a Amazônia é ainda rara em vista da diversidade de temas Amazônicos que, podem ser alvo de produções literárias infantojuvenis, não se sustenta visto a considerável quantidade de livros elencados por esse estudo - 321 obras - que tratam sobre os mais diversos temas envolvendo a Amazônia, explorando seus aspectos físicos, naturais, históricos, culturais, míticos, identitários, dentre outros, de forma a contemplar essa região através da literatura infantojuvenil. No entanto, entendemos que quanto à produção de autores da Amazônia falta muito incentivo financeiro, divulgação e valorização das obras regionais. Dessa forma, acreditamos que a produção literária da Amazônia ainda precisa crescer e se desenvolver para gozar do prestígio merecido.

Por fim, sabemos das limitações dessa pesquisa e acreditamos que os estudos aqui realizados podem ser aprofundados, principalmente, pela importância da literatura, já que é através dela que podemos compreender melhor a sociedade em que estamos inseridos, sua história, sua cultura e sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Raimundo Nonato Brabo. **As pororocas do rio Araguari no Amapá foram extintas pela mão do homem**. In: *Portal EcoDebate*, ISSN 2446-9394, 23 de jul. de 201. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2015/07/23/as-pororocas-do-rio-araguari-no-amapa-foram-extintas-pela-mao-do-homem-artigo-de-raimundo-nonato-brabo-alves/>. Acesso em 19 de jun. de 2016.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Processos Migratórios em Rondônia e sua Influência na Língua e na Cultura**. Revista Linha d'Água, São Paulo, n. 25 (1), p. 87-107, 2012.

AZEVEDO, Ricardo. **Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonância. s/d.** Disponível em: www.ricardoazevedo.com.br/artigos/. Acesso em: 05 de março de 2016.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos Instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor.** São Paulo: DCL, 2005.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Rio acima Mar abaixo**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi, **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORZACOV, Eduardo Constantino. **Glossário do Linguajar Amazônico**. Porto Velho, 2004.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasilense, 2010.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica**. 6ª ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. Nelly Novaes. **O conto de fadas; símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

COSTA, Suzane Lima. **Povos Indígenas e suas Narrativas Autobiográficas.** Estudos Linguísticos e Literários. Salvador, nº 60, jul-dez, 2014, pp. 65-82.

COSTA, Marta Morais da, **Metodologia do ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Coleção debates Filosofia).

FARIAS, Elson. **Manaus do Rio Negro, a capital da floresta**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GOMES, Francisco Marlon da Silva. **Memórias das danças do Marabaixo e do Batuque:** cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá – AP. 99 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 5 ed,. 2001.

JESUALDO. **A Literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1993.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: História & Histórias.** São Paulo: Ática, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

LEONG, Leyla. **Essa tal de natureza.** 4 ed. Manaus: Valer, 2010.

LIMA, Simone de Souza. **Amazônia Babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MARQUES, Francisca Ester Sá. **Interpretação de Produtos Culturais**: Contributos de uma abordagem etnometodológica aos estudos da comunicação. 1999. Disponível em: Acesso em: 26/jun. 2016.

MASSARANI, Mariana. **Banho!** 2. ed. São Paulo: Gaia, 2008.

MELLO, Roger. **Uma história de Boto Vermelho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

MELLO, Thiago de. **Amazonas**: águas, pássaros, seres e milagres do pedaço mais verde do planeta. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio**. São Paulo: Callis, 2000.

_____. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**; ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

OLIVEIRA, Sebastião Monteiro; LIMA, Antonia Silva de. **O Mito na Formação da Identidade**. Revista Dialógica, vol. 1. n 1, 2006.

PROJETO ENSINAR A ENSINAR. **Jacy na era dos trilhos**. Porto Velho, Edufro, 2002.

QUINTELA, E. **Marabaixo**. Tipiti. Macapá, 22 de abril de 1992.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Mito**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SICILIANO, Salvatore. et. al. **Revisão do conhecimento sobre os mamíferos aquáticos da Costa Norte do Brasil**. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 66, p. 381-401, 2008.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. **Literatura infantojuvenil**: compondo um panorama da produção amazonense . 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) Universidade do Estado do Amazonas. Manaus , 2013.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus. Valer. 2009.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**; ilustrações Luana Geiger. São Paulo: Peirópolis, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Quadro contendo relação dos Livros de literatura infatojuvenil com temas ligados à Amazônia (1971 – 2016)

Nº	TÍTULO	AUTOR/ILUSTRADOR	EDITORA/ANO
1	A Amazônia	Rubens Matuck	1991
2	A Amazônia – mitos e lendas	Daniele Kuss	1995
3	A Ararajuba	Rubens Matuck	1984
4	A árvore de carne	Yaguarê Yamã e Lia Minapóty	2011
5	A Árvore de Tamoromu	Ana Luísa Lacombe	2013
6	A árvore do mundo e outros feitos de Macunaíma: mito-herói dos índios Macuxi, Wapixana, Taulipang e Arekuná.	Ciça Fitipaldi	1988
7	A aventura aventurosa de Acanai contra a grande cobra sucuri na terra sem males	Antônio Hohlfeldt	1988
8	A batalha da cachoeira do cipó	Vera do Val	2008
9	A buzina encantada	Elson Farias	2012
10	A casa de Dona Dodó	Abel Sidney	2006
11	A caveira-rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar	Daniel Munduruku	2010
12	A cidade de Manaus	Elson Farias	no prelo
13	A cidade perdida dos meninos-peixe	Zemaria Pinto	2011
14	A Cobra Grande	Nelson Cruz	2002
15	A criação do mundo e outras lendas da Amazônia	Vera do Val	2008
16	A fabulosa loja dos bichos	Jorge Bandeira	2003
17	A feiticeira maravilhosa	Elson Farias	2012
18	A floresta e os bichos contra o homem-fogo	Custódio Rodrigues	2003
19	A grande ilusão [a transa-amazônica]	Odette de Barros Mott	1973
20	A guerra da cabanagem	Elson Farias	2012
21	A história da inteligência	Elson Farias	2002
22	A História de Chiquinho	Walquíria Raizer e Charlene Carvalho/ Ziraldo...	2009
23	A Hora da Caipora	Regina Chamliam	1998
24	A Iara e a poluição das águas	Samuel Murgel Branco	1995
25	A ira do curupira	José Arrabal	2000
26	A lenda da Iara	Maria T. cunha de Giácomo	1981
27	A lenda da lua cheia	Terezinha Eboli	1997
28	A lenda da vitória-régia	Terezinha Eboli	1997
29	A lenda das amazonas	Paulinho Tapajós	2009
30	A lenda do dia e da noite	Rui de Oliveira	2001

31	A lenda do guaraná: lenda dos índios Maués	Maria T. Cunha de Giácomo	1975
32	A lenda do guaraná: mito dos índios sateré-Maué	Ciça Fittipaldi	1986
33	A Linha do Horizonte	Ricardo Azevedo	1996
34	A menina árvore	Daniel da Rocha Leite	2014
35	A morte na selva	Mustafa Yazbek	1986
36	A Onça e o Fogo	Cristino Wapichana	2009
37	A onça e o saci	Pedro Bandeira	1994
38	A origem das estrelas	Elson Farias	2002
39	A origem do beija-flor – Guanãby Murugáwa	Yaguarê Yamã	2012
40	A Pororoca	Laerte	2002
41	A pré-história dos crocodilianos	Elson Farias	2011
42	A presença do nordestino	Elson Farias	2012
43	A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo e outras histórias indígenas de amor	Daniel Munduruku	2007
44	A revolução acreana	Elson Farias	no prelo
45	A verdadeira festa no céu	Adrino Aragão	1991
46	A vingança do carapanã atômico	Ediney Azancoth	2003
47	ABC da floresta amazônica	Pollyana Furtado	2008
48	Abelardo e o Curupira	Enilson Amorin	2012
49	Acre: meu presente de aniversário	Paulo Leno	2010
50	Aldeias, palavras e mundos indígenas	Valéria Macedo	2015
51	Além do Rio	Ziraldo	1981
52	Amazon Guerreiros da Amazônia: A flor do Sol	Ronaldo Barcelos	2013
53	Amazon Guerreiros da Amazônia: As armaduras Sagradas	Ronaldo Barcelos	2012
54	Amazon Guerreiros da Amazônia: O Templo da Luz	Ronaldo Barcelos	2011
55	Amazonas no Coração Encantado da Floresta.	Thiago de Mello	2004
56	Amazonas o Rio Mar	Oranice Franco	1975
57	Amazonas: Águas, Pássaros, Seres e Milagres.	Thiago de Mello	1999
58	Amazônia	Ellen Pestili	2009
59	Amazônia	Cláudia Lévay	1990
60	Amazônia	Alan Roberto de Oliveira	1999
61	Amazônia: floresta em arte, mitos e lendas	Sheila Farah	2008
62	Andanças das lendas pelo Rio Madeira	Rita Queiroz	2008
63	Armazém do Folclore	Ricardo Azevedo	2000
64	As Amazônias	Paula Saldanha	1995
65	As aventuras de Dona Florzinha	Esmeraldina dos Santos	2011
66	As aventuras de Roosevelt e Rondon na Amazônia	Jô Oliveira e Guido Heleno	1990

67	As aventuras do menino sozinho	Washington amorim	2007
68	As aves pedem ajuda	Elson Farias	2001
69	As duas partes do mundo	Elson Farias	2010
70	As frutas do meu quintal	Ana Peixoto	2010
71	As grandes aventuras folclóricas	Paulo Kawanami	2005
72	Às margens do Rio Amazonas	Laurence Quentin	2010
73	As pegadas do Kurupyra	Yaguarê Yamã	2008
74	As Peripécias do Jabuti	Daniel Munduruku	2007
75	As serpentes que roubaram a noite e outros mitos	Daniel Munduruku	2001
76	As viagens científicas	Elson Farias	2012
77	Assassinato na Floresta	Paulo Rangel	1991
78	Aventura do Curupira	Arnaldo Niskier	1990
79	Aventuras do menino Kawã	Elias Yaguakãg	2010
80	Awyató-pót – histórias indígenas para crianças	Tiago Hakiy	2011
81	Bacurau dorme no chão: lenda dos Tucano	Ciça Fitipaldi	1986
82	Banho!	Mariana Massarani	2008
83	Belas árvores	Laura Cavalcante	2010
84	Bernardo e o enigma das Amazonas	Flávia Reis	2012
85	Bichos da Amazônia	Priscila Pinto	2012
86	Brasil-Lendário	Fátima Miguez	2009
87	Buriti	Rubens Matuck	2013
88	Caçadores de aventura	Daniel Munduruku	2006
89	Cacuí - O Curumim Encantado	José Arrabal	2006
90	Çaiçu Indé. O primeiro grande amor do mundo	Roní Wasiry Guará	2011
91	Cantigas e brincadeiras de roda de Terra Caída	Eulina Trindade (org.) [et.al]	2008
92	Catando piolhos, contando histórias	Daniel Munduruku	2006
93	Cem noites tapuias	Narbel Fontes e Ofélia Fonte	1986
94	Cida a macaca travessa	Leyla Leong	2010
95	Clarinha e o Boto	Enilson Amorin	2014
96	Cobra Grande	Cleber Sanches	2011
97	Coisas de índio: versão infantil	Daniel Munduruku	2003
98	Coisas de onça	Daniel Munduruku	2011
99	Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras	Clarice Lispector	1987
100	Como surgiu: mitos indígenas brasileiros	Daniel Munduruku	2011
101	Contos da Floresta	Yaguarê Yamã	2012
102	Contos e lendas da Amazônia	Reginaldo Prandi	2011
103	Contos e lendas de amor	Co-edição Latino-Americana tradução: Neide Maia Gonzáles	1986

104	Contos e lendas de índios do Brasil	Antonieta Dias de Moraes	1979
105	Contos indígenas brasileiros	Daniel Munduruku	2004
106	Contos populares para crianças da América Latina	Co-edição Latino-Americana tradução: Neide Maia Gonzáles	1984
107	Contos, mitos e lendas para crianças da América Latina	Co-edição Latino-Americana	1983
108	Cujubim Grande conta sua história	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	2002
109	Cujubim Grande Conta, Re-conta e Encanta	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	2002
110	Cultura da Terra	Ricardo Azevedo	2008
111	Curiaú: a marca de uma geração	Sebastião de Menezes	2015
112	Curumim Poranga	Neli Guiguer	2008
113	Curupira	Roger Mello	2002
114	Curupira	Márcia Meyer Guimarães	1985
115	Curupira	Maria Elizabeth R. de Gouveia	s/d
116	Curupira e o equilíbrio da natureza	Samuel Murgel Branco	1993
117	Curupira pirapora	Tatiana Salem Levy	2012
118	Curupira Surdo	Amarildo Espíndola, Elielza Reis, Larissa Pissinati.	2016
119	Cururu Tei-Tei	Cacilda Barboza	1986
120	Daniel Sapeca e o Diamante azul de Tepequém	Clotilho Filgueiras	2012
121	De mãos dadas com a paz	Elson Farias	2002
122	De olho nas penas	Ana Maria Machado	1984
123	De volta para casa: Uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer	Jone César Silva, Vera Maria Silva (orgs.)	2009
124	Delícias de Mutum	Eulina Trindade da Silva, Maria de Fátima Ferreira e Valdineuza Maria dos Santos (orgs.)	2005
125	Desastre na Mata	Pedro Bandeira	2003
126	Dico e Alice e o pajé misterioso	Carlos Figueiredo	1977
127	Dois meninos na transamazônica	Margarida Ottoni	1982
128	Domingo é dia de folclore	Maria Alice Penna de Azevedo	1988
129	Duas histórias da noite	Leyla Leong	2011
130	Eldorado: garimpo coragem	Paula Saldanha	1994
131	Encantos do Rio Madeira: histórias ribeirinhas	Nair Ferreira Gurgel do Amaral	2014
132	Essa tal de natureza	Leyla Leong	2002
133	Falando Tupi	Yaguarê Yamã	2012
134	Floresta Amazônia	Beatriz Fridmann	2006

135	Floresta Amazônica: o sonho, a aventura	Clênio Boura	1996
136	Folclore Vivo	Herberto Sales	2002
137	Formosa a sementinha voadora	Wilson Nogueira	2010
138	Fura-nuvens na Amazônia	Antonio Rocha	1986
139	Geometria na Amazônia	Ernesto Rosa Neto	1998
140	História de Porto Velho para criança	Adriane Cardoso	2015
141	Histórias brasileiras e portuguesas para crianças	Walcyr monteiro e Fernando Vale	2005
142	Histórias da onça e do macaco	Vera do Val	2009
143	Histórias de bichos brasileiros	Vera do Val	2010
144	Histórias de Bichos da Amazônia	Ana Peixoto	2010
145	Histórias de índios	Daniel Munduruku	1996
146	Histórias do Brasil	José Arrabal	2005
147	Histórias do Uirapuru, lenda brasileira	Célio Barroso	1973
148	Histórias do Vale do Madeira	Yêdda Borzacov Pinheiro	2012
149	Histórias que eu ouvi e gosto de contar	Daniel Munduruku	2004
150	Histórias que eu vivi e gosto de contar	Daniel Munduruku	2010
151	Historinhas marupiaras	Elias Yaguakãg	2011
152	Iara	Márcia Meyer Guimarães	1987
153	Inã, o herói de seu povo	Gercilga S. de Almeida	1997
154	Jacy na Era dos Trilhos	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	2002
155	Juntos da aldeia	Luís Donisete Benzi Grupioni	1997
156	Juru, Jurupá, Juruparí.	Júlio Carvalho	2001
157	Kabá Darebu	Daniel Munduruku	2002
158	Kanoê	Jorge Paulo de Freitas e George Alessandro Gonçalves	s/d
159	Kapusu asco ’i juk	Daniel Munduruku	2006
160	Karú Tarú: o pequeno pajé	Daniel Munduruku	2009
161	Kuarup: a festa dos mortos – lenda dos povos indígenas do Xingu	Ilan Brenman	1994
162	Kurumi Guaré no coração da Amazônia	Yaguarê Yamã	2007
163	Lenda da cobra grande	Maria T. cunha de Giácomo	1981
164	Lendas Brasileiras: Natureza Viva	Marco Jacobsen	2009
165	Lendas da Amazônia	Zeneida Lima de Araújo	2000
166	Lendas da Amazônia	Abel Neves	1988
167	Lendas do Amazonas	Ilse Leyendecker	2010
168	Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro	Walcyr Carrasco	2009
169	Lendas e mitos do Brasil	Theobaldo Miranda	1985

		Santos	
170	Lendas e mitos dos índios brasileiros	Walde-mar de Andrade e Silva	2015
171	Libertação dos escravos e república	Elson Farias	2012
172	Lição das águas	Celdo Braga	2001
173	Literatura Oral para a Infância e a Juventude	Henriqueta Lisboa	2002
174	Macapacarana	Giselda Paporta Nicolelis	1985
175	Manaus do Rio Negro, a capital da floresta	Elson Farias	2007
176	Mandagará – traição dos encantados	Roní Wasiry Guará	2011
177	Marco e os índios do Araguaia	Odette de Barros Mott	1971
178	Meu amigo livro	Mário Adolfo	2011
179	Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória	Daniel Munduruku	2009
180	Mitologia Brasílica: A Iara, encanto das águas	Mouzar Benedito	2012
181	Mitos Amondawa	Wany Bernadete de Araújo Sampaio, Vera da Silva, Valdemir Miotello	2004
182	Mitos e Lendas do Brasil em Cordel	Nireuda Longobardi	2009
183	Mitos: o folclore do Mestre André	Marcelo Xavier	1997
184	Murugawa: Mitos, contos e fábulas do Povo Maraguá	Yaguarê Yamã	2007
185	Mururu no Amazonas	Flávia Lins E Silva	2011
186	Na ponta da língua	Rubens Vaz Cavalcante (Binho)	1991
187	Na trilha do mamute	Rogério Andrade Barbosa	2001
188	Naro: o gambá, mito dos índios Yanomami	Ciça Fitipaldi	1988
189	Nas asas do condor	Milton Hatoun	2002
190	Nas margens do Araguaia	Odette de Barros Mott	1986
191	Nasce a província do Amazonas	Elson Farias	2012
192	Nascem nossas fronteiras	Elson Farias	2010
193	Natureza - lição preservar	Celdo Braga	2003
194	No mundo encantado de Bel Papoulinha	Gláucia Benchimol	2011
195	Noite de Natal na floresta	Elson Farias	2012
196	Noite de viração	Elson Farias	2002
197	Novos horizontes	Elson Farias	no prelo
198	O banquete dos Deuses	Daniel Munduruku	2000
199	O Barqueiro e o Canoeiro	Fernando Vilela	2008
200	O beija-flor e o gavião	Zemaria Pinto	2011
201	O Boitatá e o Pai da Mata	Hardy Guedes	2014
202	O Bom Amigo Curupira	Hardy Guedes	2014
203	O Boto	Toni Brandão	2000
204	O boto cor-de-rosa e o jacaré do rabo cotó	Pedro Lucas Lindoso	2010

205	O boto do arroto	Celso Gutfreind	2013
206	O Boto e o Broto	Antônio Serafim da Silva	2001
207	O caapora	Herberto Sales	1995
208	O Caboclinho D'água	Anna Cláudia Ramos	1999
209	O caçador de histórias	Yaguarê Yamã	2004
210	O canto do Uirapuru	Enilson Amorin	2015
211	O casamento do boitatá com a mula sem cabeça e outros poemas de amor	José Santos	2014
212	O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil	Leonardo Boff	2001
213	O caso da cobra que foi pega pelos pés	Roní Wasiry Guará	2007
214	O chamado do meu povo	Odette de Barros Mott	1989
215	O ciclo do ouro negro	Elson Farias	2012
216	O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil	Daniel Munduruku	2001
217	O Estado do Amazonas	Elson Farias	2010
218	O gavião	Rubens Matuck	1992
219	O harém do Sr. Jacaré	Elson Farias	2011
220	O imaginário da floresta	Vera do Val	2007
221	O indiozinho Amazonas	Janart Moutinho	1983
222	O jabutigão amazônico	Luíz Peixoto Ramos	1999
223	O jovem tamarindo	Elson Farias	2002
224	O Karaíba: uma história do pré-Brasil	Daniel Munduruku	2010
225	O livro das origens	José Arrabal	2011
226	O Mapinguari	Enilson Amorin	2009
227	O menino e a flauta: mito dos índios Nambiguara	Ciça Fitipaldi	1986
228	O Menino e o Jacaré	Maté	2003
229	O menino e o rio	Rubens Vaz Cavalcante (Binho)	no prelo
230	O menino irmão das águas	Thiago de Mello	2011
231	O mistério da cabana	Abel Sidney	2008
232	O mistério das sete estrelas	Herberto Sales	2011
233	O misterioso homem de Macapá	José Américo de Lima	1988
234	O monstro e a mata	José Arrabal	1993
235	O mundo fantástico da Amazônia	Coleção Paraíso da Criança III	1989
236	O nascimento do Rio Amazonas	Márcio Souza	2006
237	O onça	Daniel Munduruku	2006
238	O pescador e a princesa encantada	Antônio Magalhães Morais	2011
239	O que vi na volta do Xingu	Patrícia Mara Martins e Francimar Mendes dos Santos	2012
240	O Rio dos Gigantes de Cabeça Branca	Elza Sallut	2013
241	O saci e a reciclagem do lixo	Samuel Murgel Branco	1994

242	O saci e o curupira	Joel Rufino dos Santos	1996
243	O segredo da chuva	Daniel Munduruku	2006
244	O sinal do Pajé	Daniel Munduruku	2003
245	O som das letras	Elson Farias	2010
246	O sonho que não parecia sonho	Daniel Munduruku	2007
247	O sumiço da noite	Daniel Munduruku	2006
248	O surgimento de Porto Velho	César Augusto C. Cordovil	2007
249	O surgimento de Porto Velho em quadrinhos	César Augusto C. Cordovil	2007
250	O Totem do rio Kãwéra e outros contos fantásticos	Yaguarê Yamã	2010
251	O tupé voador	Elson Farias	2001
252	O uirapuru, lenda amazônica	Maria T. Cunha de Giácomo	1974
253	O urubu albino	Zemaria Pinto	2011
254	O velho da montanha: uma aventura amazônica	Angelo Machado	1992
255	Olhando a terra, arregalado: contos do índio brasileiro	Margarida Patriota	1994
256	Olho d'água – o caminho dos sonhos	Roní Wasiry Guará	2012
257	Oré Awe Roiru 'A Ma – todas as vezes que dissemos adeus	Kaka Werá jecupe	2002
258	Órfão das águas: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer	Wilson Nogueira	2011
259	Os crocodilianos modernos	Elson Farias	2011
260	Os filhos do maribondo	Vera do Val	2007
261	Os filhos do sangue do céu	Daniel Munduruku	2005
262	Os meninos e o professor	Elson Farias	2009
263	Os passarinhos e outros bichos	Tenório Telles	2012
264	Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo	Daniel Munduruku	2004
265	Parece que foi ontem	Daniel Munduruku	2006
266	Passarinhos do Brasil Poemas que Voam	Lalau / Laura Beatriz	2013
267	Pequeno Ensaio sobre as Lendas e Folclore de Rondônia	Abnael Machado de Lima	s/d
268	Pequenos contos para gente pequena	Iza Ramos de Azevedo Souza	s/d
269	Perdido na Amazônia	Toni Brandão	1995
270	Pererê na Pororoca	Sylvia Orthof / Elisabeth Teixeira	2002
271	Pescaria	Rubens Matuck	1992
272	Pirão de Rã	Simone De Souza / Gabriel E Alex	2014
273	Poemas da Iara	Eucanaã Ferraz / Andrés Sandoval	2008
274	Porto Velho: A Cidade Erguida nos Trilhos da Esperança	Emmanoel Gomes / Joesér Alvarez	2007
275	Procurando a noite verdadeira	Elson Farias	2002

276	Puratig – O Remo Sagrado	Yaguarê Yamã	2001
277	Quatro mitos brasileiros	Monica Stahel	2003
278	Quem Tem Medo do Mapinguari?	Vássia Silveira / Ciça Fitipaldi	2008
279	Quem traiu o peixe-boi?	José Arrabal	1992
280	Queno-curumim	José Américo de Lima	1994
281	Receita para Pegar Saci	Anna Cláudia Ramos / Gabriel Campêlo	2001
282	Rio Acima, Mar Abaixo	Rogério Andrade Barbosa / Nelson Cruz	2002
283	Sabedoria das águas	Daniel Munduruku	2004
284	Saci Pererê	Coleção Paraíso da Criança	s/d
285	Saci, o espírito da selva	Marlene Perlingeiro	2000
286	Salvem a Floresta	Daniel Lourenço	2014
287	Sapopemba – o romance do belo e da beleza	Miguel de Almeida	2014
288	Sobre piolhos e outros afagos	Daniel Munduruku	2005
289	Sonhos de Cuirão	Neuton Corrêa	2010
290	Subida pro céu: mito dos índios Bororo	Ciça Fitipaldi	1986
291	Sucuriju-juju	Cacilda Barboza	1987
292	Tapajós: uma aventura nas águas da Amazônia	Fernando Vilela	2007
293	Tentativa de autonomia	Elson Farias	2010
294	Terra de cunhatãs e curumins é assim	Rosa Clement	2002
295	Território de bravos: uma epopeia na Amazônia	Francisco Marins	1978
296	Tia Teté: histórias e lendas da Amazônia	Maria Luiza Damasceno	2012
297	Tita	Cacilda Barboza	1991
298	Travessuras de urubus outros bichos e crianças	Elson Farias	2010
299	Três garotos na Amazônia	Antonieta Dias de Moraes	1981
300	Três vezes Amazônia	Tiago de Melo Andrade	2005
301	Turminha do Porto	César Augusto C. Cordovil	2007
302	Uirapuru	Paula Regis Junqueira	1985
303	Um Conto de Fadas Amazônico	Luiz Peixoto Ramos	2004
304	Um dia na aldeia: uma história Munduruku	Daniel Munduruku	2012
305	Um estranho sonho de futuro: casos de índio	Daniel Munduruku	2015
306	Um peixinho chamado arco-íris	Luiz Peixoto Ramos	2012
307	Um sonho na Amazônia	Paula Saldanha	1994
308	Uma aventura na Amazônia	Daniel Munduruku	2007
309	Uma história de Boto Vermelho	Roger Mello	1995
310	Verá: o contador de histórias	Olívio Jekupé	2003
311	Viagem ao mundo indígena	Luís Donisete Benzi	2004
312	Viagem pelo Brasil em 52 Histórias.	Silvana Salerno / Cárcamo	2007

313	Viajando com o boto no fundo do rio	Elson Farias	2002
314	Vindo do Mar	Daniel da Rocha Leite	2015
315	Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (coleção azul 1 a 5)	Walcyr monteiro	2005
316	Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (coleção marrom 6 a 10)	Walcyr monteiro	2005
317	Wuirapurus e Muirakitãs	Yaguarê Yamã	2009
318	Yahi Puiro Ki'ti a origem da Constelação Garça	Jaime Diakara	2011
319	Yakima, o menino-onça	Francisco de Assis Almeida	2000
320	Yara; Iara	Margarida Botelho	2013
321	Yrerê e os sete sacis	César Augusto C. Cordovil	2014

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

APÊNDICE 2 – Quadro dos Autores da Amazônia e suas respectivas obras que tratam sobre a Amazônia.

ESTADO	AUTOR	LIVRO	QUANTIDADE
Acre	Enilson Amorin	Abelardo e o Curupira	4 livros
		Clarinha e o Boto	
		O canto do Uirapuru	
		O mapinguari	
	Paulo Leno	Acre: meu presente de aniversário	1 livro
	Simone de Souza	Pirão de Rã	1 livro
	Walquíria Raizer	A história de Chiquinho	1 livro
SUBTOTAL			**07**
Amapá	Esmeraldina dos Santos	As aventuras de dona Florzinha	1 livro
	Sebastião Menezes da Silva	Curiaú: a marca de uma geração	1 livro
SUBTOTAL			**02**
Amazonas	Adrino Aragão	A verdadeira festa no céu	1 livro
	Ana Peixoto	As frutas do meu quintal	2 livros
		Histórias de Bichos da Amazônia	
	Antônio Magalhães Morais	O pescador e a princesa encantada	1 livro
	Áureo Melo	Era uma vez...	1 livro
	Cacilda Barboza	Cururu Tei-Tei	3 livros
		Sucuriju-juju	
		Tita	
	Celdo Braga	Lição das águas	2 livros
		Natureza – lição preservar	
	Cleber Sanches	Cobra Grande	1 livro
	Custódio Rodrigues	A floresta e os bichos contra o homem-fogo	1 livro
	Ediney Azancoth	A vingança do carapanã atômico	1 livro
	EliasYaguarãg	Aventuras do menino Kawã	2 livros
		Historinhas marupiaras	
	Elson Farias	A buzina encantada	33 livros
		A cidade de Manaus	
		A feiticeira maravilhosa	
		A guerra da cabanagem	
		A história da inteligência	
		A origem das estrelas	
		A pré-história dos crocodilianos	
		A presença do nordestino	
		A revolução acreana	
		As aves pedem ajuda	
		As duas partes do mundo	
		As viagens científicas	
		De mãos dadas com a paz	
		Libertação dos escravos e	

		república	
		Manaus do Rio Negro, a capital da floresta	
		Nasce a província do Amazonas	
		Nascem nossas fronteiras	
		Noite de Natal na floresta	
		Noite de viração	
		Novos horizontes	
		O ciclo do ouro negro	
		O Estado do Amazonas	
		O harém do Sr. Jacaré	
		O jovem tamarindo	
		O romance dos sapos	
		O som das letras	
		O tupé voador	
		Os crocodilianos modernos	
		Os meninos e o professor	
		Procurando a noite verdadeira	
		Tentativa de autonomia	
		Travessuras de urubus, outros bichos e crianças	
		Viajando com o boto no fundo do rio	
	Gláucia Benchimol	No mundo encantado de Bel Papoulinha	1 livro
	Jaime Diakara	Yahi Puiro Ki'ti a origem da Constelaçã Graça	1 livro
	Jone César F. Silva (org.)	De volta para casa: Uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer	1 livro
	Jorge Bandeira	A fabulosa loja dos bichos	1 livro
	Laura Cavalcante	Belas árvores	1 livro
	Leyla Leong	Cida a macaca travessa	3 livros
		Duas histórias de noite	
		Essa tal de natureza	
	Márcio Souza	O nascimento do Rio Amazonas	1 livro
	Maria Luiza Damasceno	Tia Teté: histórias e lendas da Amazônia	1 livro
	Mário Adolfo	Meu amigo livro	1 livro
	Milton Hatoun	Nas asas do condor	1 livro
	Neuton Corrêa	Sonhos de Cuirão	1 livro
	Patrícia Mara Martins	O que vi na volta do Xingu	1 livro
	Pedro Lucas Lindoso	O boto cor-de-rosa e o jacaré do rabo cotó	1 livro
	Pollyana Furtado e Thiago de Mello	ABC da floresta	1 livro
	Priscila Pinto	Bichos da Amazônia	1 livro

	Roní Wasiry Guará	Çaiçu Indé. O primeiro grande amor do mundo	4 livros
		Mandagará – traição dos encantados	
		O caso da cobra que foi pega pelos pés	
		Olho d'água – o caminho dos sonhos	
	Rosa Clement	Terra de cunhatãs e curumins é assim	1 livro
	Tenório Telles	Os passarinhos e outros bichos	1 livro
	Thiago de Mello	Amazonas no coração encantado da floresta	3 livros
		Amazonas: águas, pássaros, seres e milagres	
		O menino irmão das águas	
	Tiago Hakiy	Awyató-pót – histórias indígenas para crianças	1 livro
	Vera do Val	A batalha da cacheira do cipó	6 livros
		A criação do mundo e outras lendas da Amazônia	
		Histórias da onça e do macaco	
		Histórias de bichos brasileiros	
		O imaginário da floresta	
		Os filhos do marimbondo	
	Wilson Nogueira	Formosa sementinha coadora	2 livros
		Órfão das águas: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer	
	Yaguarê Yamã	A árvore de carne	11 livros
		A origem do beija-flor – Guanãby Murugáwa	
		As pegadas do Kurupyra	
		Contos da Floresta	
		Falando Tupi	
		Kurumi Guaré no coração da Amazônia	
		Murugawa: Mitos, contos e fábulas do Povo Maraguá	
		O caçador de histórias	
		O totem do rio Kãwéra e outros contos fantásticos	
		Puratig – O Remo Sagrado	
		Wuirapurus e Muirakitãs	
	Zemaria Pinto	A cidade perdida dos meninos-peixes	3 livros
		O beija-flor e o gavião	

		O urubu albino	
SUBTOTAL			**97**
Pará	Daniel da Rocha Leite	Vindo do Mar	2 livros
		A menina árvore	
	Daniel Munduruku	As peripécias do Jabuti	33 livros
		A caveira-rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar	
		A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo e outras histórias indígenas de amor	
		As serpentes que roubaram a noite e outros mitos	
		Caçadores de aventura	
		Catando piolhos, contando histórias	
		Coisas de índio	
		Coisas de onça	
		Como surgiu: mitos indígenas brasileiros	
		Contos indígenas brasileiros	
		Histórias de índios	
		Histórias que eu ouvi e gosto de contar	
		Histórias que eu vivi e gosto de contar	
		Kabá Darebu	
		Kapusu asco ’i juk	
		Karú Tarú o pequeno pajé	
		Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória	
		O banquete dos Deuses	
		O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil	
		O Karaíba: uma história do pré-Brasil	
		O onça	
		O segredo da chuva	
		O sinal do Pajé	
		O sonho que não parecia sonho	
		O sumiço da noite	
		Os filhos do sangue do céu	
		Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo	
		Parece que foi ontem	
		Sabedoria das águas	
		Sobre piolhos e outros afagos	

		Um dia na aldeia	
		Um estranho sonho de futuro: casos de índio	
		Uma aventura na Amazônia	
	Luiz Peixoto Ramos	O Jabutigão amazônico	3 livros
		Um Conto de Fadas Amazônico	
		Um peixinho chamado arco-íris	
	Vássia Silveira	Quem tem medo do Mapinguari	1 livro
	Walcyr Monteiro	Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (coleção azul 1 a 5)	3 livros
		Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (coleção marrom 6 a 10)	
	Walcyr Monteiro e Fernando Vale	Histórias brasileiras e portuguesas para crianças	
SUBTOTAL			**42**
Rondônia	Abel Neves	Lendas da Amazônia	1 livro
	Abel Sidney	A casa de Dona Dodó	2 livros
		O mistério da cabana	
	Abnael Machado de Lima	Pequeno Ensaio sobre as Lendas e Folclore de Rondônia	1 livro
	Adriane Cardoso	História de Porto Velho para Criança	1 livro
	Antonio Serafim da Silva	O Boto e o Broto	1 livro
	Amarildo João Espíndola; Elielza Reis da Silva; Larissa Gotti Pissinatti.	Curupira Surdo	1 livro
	Emmanoel Gomes	Porto Velho: a cidade erguida nos trilhos da esperança.	1 livro
	Jorge Paulo de Freitas e George Alessandro Gonçalves	Kanoê	1 livro
	Júlio Carvalho	Juru, Jurupá, Juruparí.	1 livro
	Nair Ferreira Gurgel do Amaral	Encantos do Rio Madeira: histórias ribeirinhas.	1 livro
	Paulo Kawanami	As Grandes Aventuras Folclóricas	1 livro
	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	Cantigas e brincadeiras de roda de Terra Caída	5 livros
		Delícias de Mutum	
		Cujubim Grande conta sua história	

		Cujubim Grande Conta, Re-conta e Encanta	
		Jacy na era dos trilhos	
	Rita Queiroz	Andanças das lendas pelo Rio Madeira	1 livro
	Rubens Vaz Cavalcante	Na ponta da língua	2 livros
		O menino e o rio	
	Wany Bernadete de Araújo Sampaio, Vera da Silva, Valdemir Miotello.	Mitos Amondawa	1 livro
	Washington Amorim	As aventuras do menino sozinho	1 livro
	Yêdda Borzacov Pinheiro	História do Vale do Madeira	1 livro
	César Augusto C. Cordovil	Yrerê e os sete sacis	4 livros
		O surgimento de Porto Velho	
		O surgimento de Porto Velho em quadrinhos	
		Turminha do Porto	
SUBTOTAL			**27**
Roraima	Clotilho Filgueiras	Daniel Sapeca e o Diamante azul de Tepequém	1 livro
	Cristino Wapichana	A onça e o fogo	1 livro
SUBTOTAL			**02**
TOTAL			**177**

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.

APÊNDICE 3 - Quadros contendo relação dos Livros de Literatura Infatojuvenil com temas ligados à Amazônia (1971 – 2016) por categoria de análise.

Categoria 1 - NARRATIVAS INDÍGENAS E OUTRAS DE TRADIÇÃO ORAL			
Nº	**Obra**	**Autor**	**Ano**
1	A Amazônia – mitos e lendas	Daniele Kuss	1995
2	A Ararajuba	Rubens Matuck	1984
3	A árvore de carne	Yaguarê Yamã e Lia Minapóty	2011
4	A Árvore de Tamoromu	Ana Luísa Lacombe	2013
5	A árvore do mundo e outros feitos de Macunaíma: mito-herói dos índios Macuxi, Wapixana, Taulipang e Arekuná.	Ciça Fitipaldi	1988
6	A aventura aventurosa de Acanai contra a grande cobra sucuri na terra sem males	Antônio Hohlfeldt	1988
7	A batalha da cachoeira do cipó	Vera do Val	2008
8	A buzina encantada	Elson Farias	2012
9	A caveira-rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar	Daniel Munduruku	2010
10	A Cobra Grande	Nelson Cruz	2002
11	A criação do mundo e outras lendas da Amazônia	Vera do Val	2008
12	A feiticeira maravilhosa	Elson Farias	2012
13	A história da inteligência	Elson Farias	2002
14	A Hora da Caipora	Regina Chamliam	1998
15	A Iara e a poluição das águas	Samuel Murgel Branco	1995
16	A ira do curupira	José Arrabal	2000
17	A lenda da Iara	Maria T. Cunha de Giácomo	1981
18	A lenda da lua cheia	Terezinha Eboli	1997
19	A lenda da vitória-régia	Terezinha Eboli	1997
20	A lenda das amazonas	Paulinho Tapajós	2009
21	A lenda do dia e da noite	Rui de Oliveira	2001
22	A lenda do guaraná: lenda dos índios Maués	Maria T. Cunha de Giácomo	1975
23	A lenda do guaraná: mito dos índios sateré-Maué	Ciça Fittipaldi	1986
24	A Linha do Horizonte	Ricardo Azevedo	1996
25	A Onça e o Fogo	Cristino Wapichana	2009
26	A onça e o saci	Pedro Bandeira	1994
27	A origem das estrelas	Elson Farias	2002
28	A origem do beija-flor – Guanãby Murugáwa	Yaguarê Yamã	2012
29	A Pororoca	Laerte	2002
30	A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo e outras histórias indígenas de amor	Daniel Munduruku	2007
31	A verdadeira festa no céu	Adrino Aragão	1991
32	Abelardo e o Curupira	Enilson Amorin	2012
33	Aldeias, palavras e mundos	Valéria Macedo	2015

	indígenas		
34	Amazonas no Coração Encantado da Floresta.	Thiago de Mello	2004
35	Amazônia	Alan Roberto de Oliveira	1999
36	Amazônia: floresta em arte, mitos e lendas	Sheila Farah	2008
37	Andanças das lendas pelo Rio Madeira	Rita Queiroz	2008
38	Armazém do Folclore	Ricardo Azevedo	2000
39	As frutas do meu quintal	Ana Peixoto	2010
40	As grandes aventuras folclóricas	Paulo Kawanami	2005
41	As pegadas do Kurupyra	Yaguarê Yamã	2008
42	As Peripécias do Jabuti	Daniel Munduruku	2007
43	As serpentes que roubaram a noite e outros mitos	Daniel Munduruku	2001
44	Aventura do Curupira	Arnaldo Niskier	1990
45	Aventuras do menino Kawã	Elias Yaguakãg	2010
46	Awyató-pót – histórias indígenas para crianças	Tiago Hakiy	2011
47	Bacurau dorme no chão: lenda dos Tucano	Ciça Fitipaldi	1986
48	Bernardo e o enigma das Amazonas	Flávia Reis	2012
49	Brasil-Lendário	Fátima Miguez	2009
50	Caçadores de aventura	Daniel Munduruku	2006
51	Cacuí - O Curumim Encantado	José Arrabal	2006
52	Çaiçu Indé. O primeiro grande amor do mundo	Roní Wasiry Guará	2011
52	Catando piolhos, contando histórias	Daniel Munduruku	2006
54	Cem noites tapuias	Narbel Fontes e Ofélia Fonte	1986
55	Clarinha e o Boto	Enilson Amorin	2014
56	Cobra Grande	Cleber Sanches	2011
57	Coisas de índio: versão infantil	Daniel Munduruku	2003
58	Coisas de onça	Daniel Munduruku	2011
59	Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras	Clarice Lispector	1987
60	Como surgiu: mitos indígenas brasileiros	Daniel Munduruku	2011
61	Contos da Floresta	Yaguarê Yamã	2012
62	Contos e lendas da Amazônia	Reginaldo Prandi	2011
63	Contos e lendas de amor	Co-edição Latino-Americana tradução: Neide Maia Gonzáles	1986
64	Contos e lendas de índios do Brasil	Antonieta Dias de Moraes	1979
65	Contos indígenas brasileiros	Daniel Munduruku	2004
66	Contos populares para crianças da América Latina	Co-edição Latino-Americana tradução: Neide Maia Gonzáles	1984
67	Contos, mitos e lendas para crianças da América Latina	Co-edição Latino-Americana	1983
68	Cujubim Grande Conta, Re-conta e Encanta	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	2002
69	Cultura da Terra	Ricardo Azevedo	2008
70	Curumim Poranga	Neli Guiguer	2008
71	Curupira	Roger Mello	2002
72	Curupira	Márcia Meyer Guimarães	1985

73	Curupira	Maria Elizabeth R. de Gouveia	s/d
74	Curupira pirapora	Tatiana Salem Levy	2012
75	Curupira Surdo	Amarildo Espíndola, Elielza Reis, Larissa Pissinati.	2016
76	Daniel Sapeca e o Diamante azul de Tepequém	Clotilho Filgueiras	2012
77	Desastre na Mata	Pedro Bandeira	2003
78	Dois meninos na transamazônica	Margarida Ottoni	1982
79	Domingo é dia de folclore	Maria Alice Penna de Azevedo	1988
80	Duas histórias da noite	Leyla Leong	2011
81	Encantos do Rio Madeira: histórias ribeirinhas	Nair Ferreira Gurgel do Amaral	2014
82	Falando Tupi	Yaguarê Yamã	2012
83	Folclore Vivo	Herberto Sales	2002
84	Fura-nuvens na Amazônia	Antonio Rocha	1986
85	Geometria na Amazônia	Ernesto Rosa Neto	1998
86	Histórias brasileiras e portuguesas para crianças	Walcyr Monteiro e Fernando Vale	2005
87	Histórias da onça e do macaco	Vera do Val	2009
88	Histórias de Bichos da Amazônia	Ana Peixoto	2010
89	Histórias de índios	Daniel Munduruku	1996
90	Histórias do Brasil	José Arrabal	2005
91	Histórias do Uirapuru, lenda brasileira	Célio Barroso	1973
92	Histórias que eu ouvi e gosto de contar	Daniel Munduruku	2004
93	Histórias que eu vivi e gosto de contar	Daniel Munduruku	2010
94	Historinhas marupiaras	Elias Yaguakãg	2011
95	Iara	Márcia Meyer Guimarães	1987
96	Inã, o herói de seu povo	Gercilga S. de Almeida	1997
97	Juntos da aldeia	Luís Donisete Benzi Grupioni	1997
98	Juru, Jurupá, Juruparí.	Júlio Carvalho	2001
99	Kabá Darebu	Daniel Munduruku	2002
100	Kapusu asco ’i juk	Daniel Munduruku	2006
101	Karú Tarú: o pequeno pajé	Daniel Munduruku	2009
102	Kuarup: a festa dos mortos – lenda dos povos indígenas do Xingu	Ilan Brenman	1994
103	Kurumi Guaré no coração da Amazônia	Yaguarê Yamã	2007
104	Lenda da cobra grande	Maria T. Cunha de Giácomo	1981
105	Lendas Brasileiras: Natureza Viva	Marco Jacobsen	2009
106	Lendas da Amazônia	Zeneida Lima de Araújo	2000
107	Lendas da Amazônia	Abel Neves	1988
108	Lendas do Amazonas	Ilse Leyendecker	2010
109	Lendas e Fábulas do Folclore Brasileiro	Walcyr Carrasco	2009
110	Lendas e mitos do Brasil	Theobaldo Miranda Santos	1985
111	Lendas e mitos dos índios brasileiros	Walde-mar de Andrade e Silva	2015

112	Literatura Oral para a Infância e a Juventude	Henriqueta Lisboa	2002
113	Mandagará – traição dos encantados	Roní Wasiry Guará	2011
114	Marco e os índios do Araguaia	Odette de Barros Mott	1971
115	Meu amigo livro	Mário Adolfo	2011
116	Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória	Daniel Munduruku	2009
117	Mitologia Brasílica: A Iara, encanto das águas	Mouzar Benedito	2012
118	Mitos Amondawa	Wany Bernadete de Araújo Sampaio, Vera da Silva, Valdemir Miotello	2004
119	Mitos e Lendas do Brasil em Cordel	Nireuda Longobardi	2009
120	Mitos: o folclore do Mestre André	Marcelo Xavier	1997
121	Murugawa: Mitos, contos e fábulas do Povo Maraguá	Yaguarê Yamã	2007
122	Naro: o gambá, mito dos índios Yanomami	Ciça Fitipaldi	1988
123	Nas margens do Araguaia	Odette de Barros Mott	1986
124	O banquete dos Deuses	Daniel Munduruku	2000
125	O beija-flor e o gavião	Zemaria Pinto	2011
126	O Boitatá e o Pai da Mata	Hardy Guedes	2014
127	O Bom Amigo Curupira	Hardy Guedes	2014
128	O Boto	Toni Brandão	2000
129	O boto do arroto	Celso Gutfreind	2013
130	O Boto e o Broto	Antônio Serafim da Silva	2001
131	O caapora	Herberto Sales	1995
132	O Caboclinho D'água	Anna Cláudia Ramos	1999
133	O caçador de histórias	Yaguarê Yamã	2004
134	O canto do Uirapuru	Enilson Amorin	2015
135	O casamento do boitatá com a mula sem cabeça e outros poemas de amor	José Santos	2014
136	O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil	Leonardo Boff	2001
137	O caso da cobra que foi pega pelos pés	Roní Wasiry Guará	2007
138	O chamado do meu povo	Odette de Barros Mott	1989
139	O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil	Daniel Munduruku	2001
140	O gavião	Rubens Matuck	1992
141	O imaginário da floresta	Vera do Val	2007
142	O indiozinho Amazonas	Janart Moutinho	1983
143	O Karaíba: uma história do pré-Brasil	Daniel Munduruku	2010
144	O livro das origens	José Arrabal	2011
145	O Mapinguari	Enilson Amorin	2009
146	O menino e a flauta: mito dos índios Nambiguara	Ciça Fitipaldi	1986
147	O Menino e o Jacaré	Maté	2003
148	O mistério das sete estrelas	Herberto Sales	2011

149	O nascimento do Rio Amazonas	Márcio Souza	2006
150	O onça	Daniel Munduruku	2006
151	O pescador e a princesa encantada	Antônio Magalhães Morais	2011
152	O saci e o curupira	Joel Rufino dos Santos	1996
153	O segredo da chuva	Daniel Munduruku	2006
154	O sinal do Pajé	Daniel Munduruku	2003
155	O sonho que não parecia sonho	Daniel Munduruku	2007
156	O sumiço da noite	Daniel Munduruku	2006
157	O Totem do rio Kãwéra e outros contos fantásticos	Yaguarê Yamã	2010
158	O uirapuru, lenda amazônica	Maria T. Cunha de Giácomo	1974
159	O urubu albino	Zemaria Pinto	2011
160	O velho da montanha: uma aventura amazônica	Angelo Machado	1992
161	Olhando a terra, arregalado: contos do índio brasileiro	Margarida Patriota	1994
162	Olho d'água – o caminho dos sonhos	Roní Wasiry Guará	2012
163	Oré Awe Roiru 'A Ma – todas as vezes que dissemos adeus	Kaka Werá jecupe	2002
164	Os filhos do maribondo	Vera do Val	2007
165	Os filhos do sangue do céu	Daniel Munduruku	2005
166	Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo	Daniel Munduruku	2004
167	Parece que foi ontem	Daniel Munduruku	2006
168	Pequeno Ensaio sobre as Lendas e Folclore de Rondônia	Abnael Machado de Lima	s/d
169	Pequenos contos para gente pequena	Iza Ramos de Azevedo Souza	s/d
170	Pescaria	Rubens Matuck	1992
171	Pirão de Rã	Simone De Souza / Gabriel E Alex	2014
172	Poemas da Iara	Eucanaã Ferraz / Andrés Sandoval	2008
173	Procurando a noite verdadeira	Elson Farias	2002
174	Puratig – O Remo Sagrado	Yaguarê Yamã	2001
175	Quatro mitos brasileiros	Monica Stahel	2003
176	Quem Tem Medo do Mapinguari?	Vássia Silveira / Ciça Fitipaldi	2008
177	Queno-curumim	José Américo de Lima	1994
178	Receita para Pegar Saci	Anna Cláudia Ramos / Gabriel Campêlo	2001
179	Sabedoria das águas	Daniel Munduruku	2004
180	Saci Pererê	Coleção Paraíso da Criança	s/d
181	Saci, o espírito da selva	Marlene Perlingeiro	2000
182	Salvem a Floresta	Daniel Lourenço	2014
183	Sapopemba – o romance do belo e da beleza	Miguel de Almeida	2014
184	Sobre piolhos e outros afagos	Daniel Munduruku	2005
185	Subida pro céu: mito dos índios Bororo	Ciça Fitipaldi	1986
186	Sucuriju-juju	Cacilda Barboza	1987
187	Tia Teté: histórias e lendas da Amazônia	Maria Luiza Damasceno	2012

188	Tita	Cacilda Barboza	1991
189	Travessuras de urubus outros bichos e crianças	Elson Farias	2010
190	Três garotos na Amazônia	Antonieta Dias de Moraes	1981
191	Uirapuru	Paula Regis Junqueira	1985
192	Um Conto de Fadas Amazônico	Luiz Peixoto Ramos	2004
193	Um dia na aldeia: uma história Munduruku	Daniel Munduruku	2012
194	Um estranho sonho de futuro: casos de índio	Daniel Munduruku	2015
195	Uma aventura na Amazônia	Daniel Munduruku	2007
196	Uma história de Boto Vermelho	Roger Mello	1995
197	Verá: o contador de histórias	Olívio Jekupé	2003
198	Viagem ao mundo indígena	Luís Donisete Benzi	2004
199	Viagem pelo Brasil em 52 Histórias.	Silvana Salerno / Cárcamo	2007
200	Viajando com o boto no fundo do rio	Elson Farias	2002
201	Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (coleção azul 1 a 5)	Walcyr Monteiro	2005
202	Visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia (coleção marrom 6 a 10)	Walcyr Monteiro	2005
203	Wuirapurus e Muirakitãs	Yaguarê Yamã	2009
204	Yahi Puiro Ki'ti a origem da Constelação Garça	Jaime Diakara	2011
205	Yakima, o menino-onça	Francisco de Assis Almeida	2000
206	Yara ; Iara	Margarida Botelho	2013
207	Yrerê e os sete sacis	César Augusto C. Cordovil	2014

Categoria 2 - A NATUREZA E OS COSTUMES AMAZÔNICOS			
Nº	**Obra**	**Autor**	**Ano**
1	A cidade perdida dos meninos-peixe	Zemaria Pinto	2011
2	A grande ilusão [a transa-amazônica]	Odette de Barros Mott	1973
3	A História de Chiquinho	Walquíria Raizer e Charlene Carvalho/ Ziraldo...	2009
4	A menina árvore	Daniel da Rocha Leite	2014
5	A morte na selva	Mustafa Yazbek	1986
6	ABC da floresta amazônica	Pollyana Furtado	2008
7	Além do Rio	Ziraldo	1981
8	Amazonas o Rio Mar	Oranice Franco	1975
9	Amazonas: Águas, Pássaros, Seres e Milagres.	Thiago de Mello	1999
10	Amazônia	Ellen Pestili	2009
11	Amazônia	Cláudia Lévay	1990
12	As Amazônias	Paula Saldanha	1995
13	As aventuras de Dona Florzinha	Esmeraldina dos Santos	2011
14	As aventuras do menino sozinho	Washington amorim	2007
15	Às margens do Rio Amazonas	Laurence Quentin	2010
16	Assassinato na Floresta	Paulo Rangel	1991
17	Banho!	Mariana Massarani	2008

18	Belas árvores	Laura Cavalcante	2010
19	Bichos da Amazônia	Priscila Pinto	2012
20	Buriti	Rubens Matuck	2013
21	Cantigas e brincadeiras de roda de Terra Caída	Eulina Trindade (org.) [et.al]	2008
22	Cida a macaca travessa	Leyla Leong	2010
23	Curiaú: a marca de uma geração	Sebastião de Menezes	2015
24	Cururu Tei-Tei	Cacilda Barboza	1986
25	De olho nas penas	Ana Maria Machado	1984
26	Delícias de Mutum	Eulina Trindade da Silva, Maria de Fátima Ferreira e Valdineuza Maria dos Santos (orgs.)	2005
27	Dico e Alice e o pajé misterioso	Carlos Figueiredo	1977
28	Eldorado: garimpo coragem	Paula Saldanha	1994
29	Essa tal de natureza	Leyla Leong	2002
30	Floresta Amazônia	Beatriz Fridmann	2006
31	Floresta Amazônica: o sonho, a aventura	Clênio Boura	1996
32	Histórias de bichos brasileiros	Vera do Val	2010
33	Macapacarana	Giselda Paporta Nicolelis	1985
34	Mururu no Amazonas	Flávia Lins E Silva	2011
35	Na ponta da língua	Rubens Vaz Cavalcante (Binho)	1991
36	Na trilha do mamute	Rogério Andrade Barbosa	2001
37	Nas asas do condor	Milton Hatoun	2002
38	No mundo encantado de Bel Papoulinha	Gláucia Benchimol	2011
39	O Barqueiro e o Canoeiro	Fernando Vilela	2008
40	O boto cor-de-rosa e o jacaré do rabo cotó	Pedro Lucas Lindoso	2010
41	O jabutigão amazônico	Luíz Peixoto Ramos	1999
42	O menino e o rio	Rubens Vaz Cavalcante (Binho)	no prelo
43	O menino irmão das águas	Thiago de Mello	2011
44	O mundo fantástico da Amazônia	Coleção Paraíso da Criança III	1989
45	O Rio dos Gigantes de Cabeça Branca	Elza Sallut	2013
46	O som das letras	Elson Farias	2010
47	Passarinhos do Brasil Poemas que Voam	Lalau / Laura Beatriz	2013
48	Perdido na Amazônia	Toni Brandão	1995
49	Pererê na Pororoca	Sylvia Orthof / Elisabeth Teixeira	2002
50	Rio Acima, Mar Abaixo	Rogério Andrade Barbosa / Nelson Cruz	2002
51	Sonhos de Cuirão	Neuton Corrêa	2010
52	Tapajós: uma aventura nas águas da Amazônia	Fernando Vilela	2007
53	Terra de cunhatãs e curumins é assim	Rosa Clement	2002
54	Três vezes Amazônia	Tiago de Melo Andrade	2005
55	Um peixinho chamado arco-íris	Luiz Peixoto Ramos	2012
56	Vindo do Mar	Daniel da Rocha Leite	2015

Categoria 3 - OS PARADIDÁTICOS OU INFORMATIVOS			
Nº	**Obra**	**Autor**	**Ano**
1	A Amazônia	Rubens Matuck	1991
2	A casa de Dona Dodó	Abel Sidney	2006
3	A cidade de Manaus	Elson Farias	no prelo
4	A fabulosa loja dos bichos	Jorge Bandeira	2003
5	A floresta e os bichos contra o homem-fogo	Custódio Rodrigues	2003
6	A guerra da cabanagem	Elson Farias	2012
7	A pré-história dos crocodilianos	Elson Farias	2011
8	A presença do nordestino	Elson Farias	2012
9	A revolução acreana	Elson Farias	no prelo
10	A vingança do carapanã atômico	Ediney Azancoth	2003
11	Acre: meu presente de aniversário	Paulo Leno	2010
12	Amazon Guerreiros da Amazônia: A flor do Sol	Ronaldo Barcelos	2013
13	Amazon Guerreiros da Amazônia: As armaduras Sagradas	Ronaldo Barcelos	2012
14	Amazon Guerreiros da Amazônia: O Templo da Luz	Ronaldo Barcelos	2011
15	As aventuras de Roosevelt e Rondon na Amazônia	Jô Oliveira e Guido Heleno	1990
16	As aves pedem ajuda	Elson Farias	2001
17	As duas partes do mundo	Elson Farias	2010
18	As viagens científicas	Elson Farias	2012
19	Cujubim Grande conta sua história	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	2002
20	Curupira e o equilíbrio da natureza	Samuel Murgel Branco	1993
21	De mãos dadas com a paz	Elson Farias	2002
22	De volta para casa: Uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer	Jone César Silva, Vera Maria Silva (orgs.)	2009
23	Formosa a sementinha voadora	Wilson Nogueira	2010

24	História de Porto Velho para criança	Adriane Cardoso	2015
25	Histórias do Vale do Madeira	Yêdda Borzacov Pinheiro	2012
26	Jacy na Era dos Trilhos	Projeto Ensinar a Ensinar (UNIR)	2002
27	Libertação dos escravos e república	Elson Farias	2012
28	Lição das águas	Celdo Braga	2001
29	Kanoê	Jorge Paulo de Freitas e George Alessandro Gonçalves	s/d
30	Manaus do Rio Negro, a capital da floresta	Elson Farias	2007
31	Nasce a província do Amazonas	Elson Farias	2012
32	Nascem nossas fronteiras	Elson Farias	2010
33	Natureza - lição preservar	Celdo Braga	2003
34	Noite de Natal na floresta	Elson Farias	2012
35	Noite de viração	Elson Farias	2002
36	Novos horizontes	Elson Farias	no prelo
37	O ciclo do ouro negro	Elson Farias	2012
38	O Estado do Amazonas	Elson Farias	2010
39	O harém do Sr. Jacaré	Elson Farias	2011
40	O jovem tamarindo	Elson Farias	2002
41	O mistério da cabana	Abel Sidney	2008
42	O misterioso homem de Macapá	José Américo de Lima	1988
43	O monstro e a mata	José Arrabal	1993
44	O que vi na volta do Xingu	Patrícia Mara Martins e Francimar Mendes dos Santos	2012
45	O surgimento de Porto Velho	César Augusto C. Cordovil	2007
46	O surgimento de Porto Velho em quadrinhos	César Augusto C. Cordovil	2007
47	O tupé voador	Elson Farias	2001
48	O saci e a reciclagem do lixo	Samuel Murgel Branco	1994
49	Órfão das águas: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer	Wilson Nogueira	2011

50	Os crocodilianos modernos	Elson Farias	2011
51	Os meninos e o professor	Elson Farias	2009
52	Os passarinhos e outros bichos	Tenório Telles	2012
53	Porto Velho: A Cidade Erguida nos Trilhos da Esperança	Emmanoel Gomes / Joesér Alvarez	2007
54	Quem traiu o peixe-boi?	José Arrabal	1992
55	Tentativa de autonomia	Elson Farias	2010
56	Território de bravos: uma epopeia na Amazônia	Francisco Marins	1978
57	Turminha do Porto	César Augusto C. Cordovil	2007
58	Um sonho na Amazônia	Paula Saldanha	1994

Fonte: COSTA, Jaqueline Gomes da, 2016.